



**Universidade de Brasília**

**Faculdade de Educação Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

**A SOCIOLOGIA DO ESPORTE E SEU DESENVOLVIMENTO NO BRASIL:  
TENDÊNCIAS E AUSÊNCIAS**

Vitor Hungaro

**BRASÍLIA-DF  
2023**



# Universidade de Brasília

**Faculdade de Educação Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

Vitor Hungaro

**A SOCIOLOGIA DO ESPORTE E SEU DESENVOLVIMENTO NO BRASIL:  
TENDÊNCIAS E AUSÊNCIAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor.

Área de concentração: Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer.

**Orientador: Professor Doutor Fernando Mascarenhas Alves**

**Brasília-DF**

**2023**

**Página reservada à ficha catalográfica**



**Universidade de Brasília**

**Faculdade de Educação Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física**

**Vitor Hungaro**

**A SOCIOLOGIA DO ESPORTE E SEU DESENVOLVIMENTO NO BRASIL:  
TENDÊNCIAS E AUSÊNCIAS**

---

Prof. Dr. Fernando Mascarenhas Alves (PPGEF – UnB)  
Orientador

---

Prof. Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde (PPGEF – UnB)  
Membro Interno

---

Prof. Dr. Wilson Luiz Lino de Sousa (FEFD – UFG)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Roberto Liao Junior (SEEDF)  
Membro Externo

---

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa (PPGEF – UnB)  
Suplente

## DEDICATÓRIA.

À Mari, pelo amor correspondido, por sua força, ternura, e por dividir comigo a vida nessa Divina Comédia Humana.

*“meu bem, guarde uma frase pra mim dentro da sua canção [...]*

*meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja.”*

(Belchior, Coração Selvagem)

À Lívia, por entrar em nossa vida “como um sol no quintal” e, assim, ser fonte inesgotável de amor e alegria.

*“Olha para o céu*

*Tira teu chapéu*

*Pra quem fez a estrela nova que nasceu*

*Traz o teu sorriso novo espacial*

*Pra quem fez a estrela artificial*

*Eu sei que agora a vida deixa de ser vã*

*Pois há mais luz na avenida*

*E mais um astro na manhã”*

(Belchior, Espacial)

Aos meus pais, Silvia e Edvaldo (*In Memoriam*), pelo seu amor incondicional, por cultivarem em mim o amor pela família, pelo Palmeiras, pela música e pela humanidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Os últimos anos, sem dúvida, foram os mais difíceis da minha vida, o que torna escrever esta seção a mais ingloria das tarefas: render os agradecimentos a todos aqueles que, de um modo ou de outro, fizeram parte desse processo e tornaram possível o findar desse ciclo. Por mais esmero que empenhe, as palavras que seguem serão insuficientes.

Agradeço à minha tão amada família, meus irmãos Igor e André, meu sobrinho e sobrinhas: Elis, Rui e Analice, meus avôs (Inez e Chico), que mesmo “tendo léguas a nos separar”, participaram decisivamente na construção deste trabalho, pela compreensão de minha ausência e apoio incondicional em todo o processo de minha formação. E àqueles que são familiares por escolha: Dona Bel, Juliana, Luciana, Letícia, Gabriela e Celso.

Agradecer enormemente ao meu tio, amigo, pelo amor e papel decisivo que tem em minha trajetória, e que se reflete na consecução deste trabalho, pela ajuda de sempre que é tal monta que não consigo mensurar, falo aqui do Prof. Edson Marcelo Húngaro, ou só “Tio Marcelo”.

Agradecer aos amigos, acadêmicos e da vida: Juarez, Pamela, Nadson, Mariângela, Amanda, Lino, Erick, Luciano, Carol, Rebeca, entre tantos outros.

Agradecer ao professor Fernando Mascarenhas, o qual tenho orgulho de ter como orientador, pelo acolhimento, pela paciência, pela compreensão, pelo seu comprometimento, por sua leitura atenta, por combinar “compromisso político e competência técnica”, e por tornar esse trabalho possível, muito obrigado. A quem concedo todo mérito que esse trabalho possa ter, eximindo de toda e qualquer fragilidade.

Agradecer a todos os membros do Grupo AVANTE - Grupo de Pesquisa e Formação Sociocrítica em Educação Física, Esporte e Lazer - UnB, pela generosidade, pelo acolhimento, pelos debates, provocações, conversas, enfim, pela camaradagem.

Ao Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO-DF) e à Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE), pelo período concedido de 02 anos, com Afastamento Remunerado para Estudos (ARE).

À direção nas figuras do Rogério e Ana Patrícia, colegas e toda comunidade escolar do Centro Educacional 04 do Guará.

Aos trabalhadores da FEF-UNB e, em especial, os servidores da PPG-FEF/UNB, por todo auxílio nesse processo.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Roberto Liao Junior, Prof. Dr. Wilson Luis Lino e Prof. Dr. Pedro Athayde, pela gentileza em aceitarem participar de minha formação neste momento, pelas contribuições, que, certamente, virão; enfim, por toda interlocução.

Por fim, agradeço a vida por ter me dado tanto.

*“Questão lateral e a que não posso responder é saber se a ponte que tentei lançar entre o passado e o futuro, para e através do presente, será realmente duradoura. Se, nestes tempos desfavoráveis, não consegui estender mais que uma frágil ponte, um dia irão substituí-la por outra, sólida, na medida em que este trânsito alcance a importância de que fato tem para a vida espiritual. Eu, pessoalmente, me contentaria em conseguir facilitar a alguns homens, mesmo que a poucos, o caminho do passado ao futuro, neste confuso período de transição.”*

György Lukács: Goethe y su época.

## RESUMO

O estudo que ora apresentamos, busca responder a uma questão central: sob quais matrizes teóricas, referências e autores, se pauta o debate teórico-conceitual sobre o esporte no Brasil, contemporaneamente? Indagação que nos remete a uma outra questão: Como se deu o desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil? Para responder esses questionamentos, fez-se necessário, num primeiro momento estabelecer uma análise de como se situa a Sociologia do Esporte, ou o desenvolvimento da crítica ao esporte, tendo como ponto de inflexão o projeto de “intenção de ruptura”, deflagrado na década de 1980 pelo nascente Movimento Renovador Progressista da educação física no Brasil. Assim como, situar a gênese onto-histórica e o desenvolvimento da Sociologia; assinalar o surgimento e a institucionalização da Sociologia do Esporte, apreendendo seu movimento histórico, sua gênese e desenvolvimento. Num segundo momento, a partir do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), empreendemos um mapeamento da produção acadêmica (a partir de teses de doutorado), no que tange as críticas ao Esporte no Brasil, além da identificação e categorização das principais matrizes teóricas que fundamentam essas críticas. Por fim, em um último movimento, buscamos apontar, quais são as tendências presentes contemporaneamente nos estudos sobre o esporte no Brasil, assim como, a identificação da ausência no debate, de determinadas matrizes teórico-metodológicas e os autores de referência que a representam.

**Palavras-chave:** Sociologia do Esporte; Esporte; Educação Física; Sociologia.

## **ABSTRACT**

The present study seeks to answer a central question: under which theoretical matrices, references and authors, is the theoretical-conceptual debate about sport in Brazil contemporaneously guided? Which brings us to another question: How was the development of the Sociology of Sport in Brazil? To do so, at first proposes to establish an analysis of how is the Sociology of Sport, or the development of criticism of sport, having as point of inflection the project of "intention of rupture" in the 1980s by the nascent Progressive Renewal Movement of physical education in Brazil. It was necessary to situate the onto-historical genesis and the development of Sociology; to point out the emergence and institutionalization of the Sociology of Sport, apprehending its historical movement, its genesis and development. In a second moment, from the Directory of Research Groups in Brazil (DGP), we undertake a mapping of academic production (from doctoral theses), with regard to criticism of Sport in Brazil, identification and categorization of the main theoretical matrices that underlie these criticisms. Finally, in a last movement, we seek to point out, what are the trends present contemporaneously in the studies on sport in Brazil, as well as, the identification of the absence in the debate, of certain theoretical authors that represent it.

**Keywords:** Sociology of Sport; Sport; Physical Education; Sociology.

## RESUMEN

El estudio que ahora presentamos, busca responder a una pregunta central: ¿bajo qué matrices teóricas, referencias y autores, se pauta el debate teórico-conceptual sobre el deporte en Brasil contemporáneamente? Que nos remite a otra pregunta: ¿Cómo se dio el desarrollo de la Sociología del Deporte en Brasil? Para tanto, en un primer momento propone establecer un análisis de cómo se sitúa la Sociología del Deporte, o el desarrollo de la crítica al deporte, teniendo como punto de inflexión el proyecto de "intención de ruptura", deflagrado en la década de 1980 por el naciente Movimiento Renovador Progresista de la educación física en Brasil. Se hizo necesario situar la génesis ontohistórica y el desarrollo de la Sociología; señalar el surgimiento y la institucionalización de la Sociología del Deporte, aprehendiendo su movimiento histórico, su génesis y desarrollo. En un segundo momento, a partir del Directorio de los Grupos de Investigación en Brasil (DGP), emprendimos un mapeo de la producción académica (a partir de tesis de doctorado), en lo que se refiere a las críticas al Deporte en Brasil, además de la identificación y categorización de las principales matrices teóricas que fundamentan esas críticas. Por fin, en un último movimiento, buscamos apuntar, cuáles son las tendencias presentes contemporáneamente en los estudios sobre el deporte en Brasil, así como, la identificación de la ausencia en el debate, de determinadas matrices teórico-metodológicas y los autores de referencia que la representan.

**Palabras clave:** Sociología del Deporte; Deporte; Educación Física; Sociología.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 01.** Caminho percorrido para obtenção do corpus da pesquisa.
- Figura 02.** Grelha para revisão de literatura.
- Figura 03.** Árvore Genealógica, Ademir Gebara e “ramificações” de orientandos.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

- Quadro 01.** Teses que compõe o Grupo 01.
- Quadro 02.** Teses que compõe o Grupo 02.
- Quadro 03.** Teses que compõe o Grupo 03.
- Quadro 04.** Teses que compõe o Grupo 04.
- Quadro 05.** Teses que compõe o Grupo 05.
- Quadro 06.** Teses que compõe o Grupo 06.
- Quadro 07.** Teses que compõe o Grupo 07.
- Tabela 01.** Características que conformam o esporte moderno. (GUTTMAN, 1978, p.54).
- Tabela 02.** Grupos e Linhas de Pesquisa que têm por objeto a Sociologia do Esporte, e suas características. página...
- Tabela 03.** Quantidade de Teses por Instituições de Ensino Superior (IES).
- Tabela 04.** Relação de Orientadores x trabalhos orientados.
- Tabela 05.** Grupos de Pesquisa e referencial utilizado.
- Tabela 06.** IES e referencial utilizado.

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 01.** Grupos/Linhas de pesquisa por área do conhecimento.

**Gráfico 02.** Pesquisadores por área do conhecimento.

**Gráfico 03.** Segmentação regional dos grupos/linhas de pesquisa.

**Gráfico 04.** Teses por área do conhecimento.

**Gráfico 05.** Teses por ano de defesa (1998-2022).

**Gráfico 06.** As referências utilizadas (trabalhos por grupos temáticos).

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

<b>ACM</b>	Associação Cristã de Moços.
<b>DGP</b>	Diretório dos Grupos de Pesquisa.
<b>TCE</b>	Teoria Crítica do Esporte.
<b>FIFA</b>	Federação Internacional de Futebol.
<b>COI</b>	Comitê Olímpico Internacional.
<b>TICs</b>	Tecnologias de Informação e Comunicação
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
<b>IES</b>	Instituições de Ensino Superior
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.
<b>IBICIT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.
<b>Gama Filho</b>	Universidade Gama Filho
<b>PUC-SP</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<b>UEM</b>	Universidade Estadual de Maringá
<b>UERJ</b>	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Geraes
<b>UFPE</b>	Universidade Federal do Pernambuco
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UFS</b>	Universidade Federal de Sergipe
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista
<b>UNEB</b>	Universidade do Estado da Bahia
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>GEPECS</b>	Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade
<b>GEPESCEF</b>	Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física.
<b>GEPOL</b>	Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer
<b>GPCE</b>	Grupo de Pesquisa em Ciências do Esporte
<b>GPROC</b>	Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores

<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>LASEPE</b>	Laboratório de Sociologia do Esporte
<b>LEMMA</b>	Lazer, esporte, mídia e meio ambiente
<b>ULBRA</b>	Universidade Luterana do Brasil
<b>CAB</b>	Colégio Americano Batista

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2. PARTE I – DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA DO ESPORTE .....</b>	<b>32</b>
2.1 Delimitações Teórico-Conceituais sobre a Gênese do Esporte Moderno e o Conceito de Esporte .....	33
2.1.1 Gênese do Esporte Moderno .....	34
2.1.2 O conceito de Esporte .....	37
2.2 Decadência Ideológica Burguesa e as Ciências Sociais .....	50
2.2.1 Sociologia, a ciência da burguesia decadente .....	56
2.3 Sociologia do Esporte .....	62
2.3.1 Transformações sociais recentes, sociologia do esporte e esporte contemporâneo: não se trata de mero acaso .....	66
2.4 Sociologia do Esporte no Brasil .....	77
2.4.1 Educação Física: um breve percurso histórico .....	79
2.4.1.1 Da origem médica e militar .....	79
2.4.1.2 Década de 80 e Movimento Renovador da Educação Física .....	89
<b>3 PARTE II - MAPEAMENTO DA DISCUSSÃO TEÓRICO CONCEITUAL SOBRE ESPORTE NO BRASIL .....</b>	<b>101</b>
3.1 Delimitações Metodológicas .....	105
3.1.1 Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) .....	107
3.2 Apresentação e Discussão dos Resultados .....	111
3.2.1 As teses e suas referências .....	119
3.3 Os Grupos Temáticos .....	136
3.4 As referências utilizadas .....	143

3.5 Tendências.....	148
3.5.1 A árvore .....	149
3.5.2 O Processo Civilizador o Esporte a partir da Abordagem Configuracional de Norbert Elias e Eric Dunning .....	151
3.6 Ausências .....	154
<b>4 Considerações Finais .....</b>	<b>156</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>165</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>179</b>

## INTRODUÇÃO

*“Trata-se **apenas** de encontrar, para determinações singulares concretas, as determinações abstratas correspondentes.”.*

*Karl Marx (2015, p.32).*

Como se sabe, são inúmeras e de diversas ordens as dificuldades inerentes à atividade investigativa, existe, ainda, um outro intrincado desafio, que diz respeito, ao modo de expor sistematicamente o conjunto de complexos abordados, mantendo uma lógica encadeadora, articulada e dialética. Desta feita, para dirimir – ou ao menos minimizar - eventuais obstáculos, que poderão surgir no decorrer do texto, abordaremos, nesta introdução, o contexto que possibilitou a emersão deste trabalho, apontando o percurso percorrido e a maneira como se dará sua exposição.

A epígrafe escolhida para inaugurar esta tese<sup>1</sup> elucida com justeza, por um lado, a difícil empreita com a qual nos deparamos para a consecução de nossos objetivos, na busca por **apenas** apreender e reconstruir idealmente, sob mediação do conhecimento, determinadas conformações da realidade concreta. Por outro lado, indica-nos o caminho para tal, ao evidenciar o pressuposto materialista marxiano, de que a realidade deve ser compreendida como critério último do ser, como demonstra Lukács, no excerto abaixo.

*A ruptura (estabelecida por Marx em relação a Hegel) com o modo idealista de conhecer as coisas é dupla. Em primeiro lugar, é preciso compreender que o caminho, cognoscitivamente necessário, que vai dos “elementos” obtidos pela abstração até o conhecimento da totalidade concreta **é tão somente o caminho do conhecimento, e não o da própria realidade.** Este último, ao contrário, é feito de interações reais e concretas entre esses “elementos”, dentro do contexto da atuação ativa ou passiva da totalidade graduada. Disso resulta que uma mudança da totalidade (inclusive das totalidades parciais que a formam) só é possível trazendo à tona a **gênese real.** (LUKÁCS, 2012, p.305, *grifos nossos*).*

Portanto, ciente extensão do desafio, e da convicção da incompletude das sínteses que apresentaremos, temos clareza que o ponto de partida deva ser as

---

<sup>1</sup>Extraída da “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.”.

“determinações singulares concretas”, do **ser**<sup>2</sup> da Sociologia do Esporte, para encontrarmos as “determinações abstratas correspondentes”, de seu desenvolvimento no Brasil.

Nesse sentido, ao buscarmos saturar de determinações o desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, desponta o precípua desafio deste estudo: **apreender sob quais pressupostos teórico-metodológicos, matrizes conceituais, referências e autores, se pauta o contemporâneo debate teórico-conceitual sobre o esporte no Brasil**. Uma adequada resposta a esse objetivo geral, desencadeou uma série de outros desafios, que aqui traduzimos na forma de **objetivos específicos**, como se vê a seguir:

- Investigar a gênese e o desenvolvimento da Sociologia, almejando desvelar, quais são os determinantes históricos e sociais de seu surgimento, assim como, compreender como se deu o processo de sua institucionalização e legitimação.
- Identificar a gênese da Sociologia do Esporte, enquanto subdisciplina da Sociologia. De modo, a apreender quais são os determinantes históricos e sociais, que possibilitaram seu nascedouro; a maneira como se deu sua recepção no Brasil; e por fim, verificar se há relação de sua recepção com a Educação Física brasileira.
- Mapear a produção da Sociologia do Esporte, com vistas a identificar os pressupostos teórico-metodológicos, matrizes conceituais, referências e autores que pautam o debate sobre o fenômeno esportivo no Brasil;

Contudo, preliminarmente à abordagem do objeto de pesquisa, todavia, absolutamente necessária à sua compreensão, é inevitável examinar a contextualidade complexa que marca e atravessa os fenômenos socioculturais contemporâneos, posto que, essa remissão é incontornável para a cognoscibilidade

---

<sup>2</sup>Trata-se de uma prioridade ontológica, como assim explica Lukács: “Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível. É o que ocorre com a tese central de todo materialismo, segundo a qual, o ser tem prioridade ontológica com relação à consciência. Do ponto de vista ontológico, isso significa simplesmente que pode haver ser sem consciência, enquanto toda consciência deve ter como pressuposto, como fundamento, algum ente. Mas disso não deriva nenhuma hierarquia de valor entre ser e consciência.”. (LUKÁCS, 2012, p.307).

da Sociologia do Esporte e da Sociologia, assim como, de seus desdobramentos, e de nossos **objetivos: geral e específicos**. Ademais, trata-se de temática frequentemente negligenciada nas análises que se ocupam da Sociologia do Esporte; ganha aqui destaque.

\* \* \*

Assim, partiremos de um consenso na literatura especializada<sup>3</sup> sobre nosso objeto, a **Sociologia do Esporte**, qual seja, que sua gênese enquanto ciência particular como subdisciplina da Sociologia, se na década de 1960, as justificativas deste desenvolvimento se dão, inevitável e invariavelmente, pela legalidade institucional: aumento no número de publicações; presença na academia (número de cursos de graduação e pós-graduação, cátedras); surgimento de associações e periódicos específicos; e, etc. Destaca-se nesse período, a Fundação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte em 1965 (ICSS, atual ISSA), e a Editoração da Revista Internacional de Sociologia do Esporte, também de 1965 (IRSS).

De maneira diversa, no entanto, complementar acreditamos que o aumento do interesse acadêmico institucionalizado pelo fenômeno sociocultural em debate – o esporte – não se explica, em sua concretude e totalidade, sem a compreensão de que são produtos de uma época histórica determinada. Fazemos aqui remissão, por um lado, às profundas transformações societárias, que demarcaram profundamente as décadas de 1960 e 1970, e delinearam as décadas subsequentes até a contemporaneidade<sup>4</sup>. Por outro lado, o processo corolário dessas transformações sociais, e que tiveram impacto, principalmente, no âmbito da cultura: a **massificação e mercantilização do esporte**, elevando-o ao status de **mercadoria**

---

<sup>3</sup> Entre tantos, faço aqui referência à Magnane (1969); Vaz e Torri (2006); Souza e Marchi (2010); Bracht (2005); Elias e Dunning (1992); Dunning (2004); e Proni (2011).

<sup>4</sup> Para Netto (2010), “Considerada na sua inclusividade, tais mudanças operaram, sem quaisquer dúvidas, uma inteira reconfiguração da ordem do capital, sem eliminar (antes recolocando-as em novos patamares e aprofundando-as) as suas contradições elementares e a sua dinâmica essencialmente exploradora; a reconfiguração então implementada e ainda em curso veio e vem exponenciando, no nível econômico, a sua tendência a concentrar polarizadamente riqueza e pauperismo, no nível social a barbarizar a interação humana, no nível político a acentuar a antidemocracia e, em relação ao meio ambiente, a sua destrutividade – características do capitalismo contemporâneo, emergente a partir de meados dos anos 1970, que a retórica da ‘globalização’ oculta e ‘mistifica’”. (NETTO, 2010, p.258).

**cultural.** A conjuntura histórica, social, econômica, ídeo-política, advinda destas transformações torna inteligível o contexto de surgimento da Sociologia do Esporte.

Tratando, agora, da gênese onto-histórica da **Sociologia**, de acordo com Marx (2011), o ano de 1848, no plano das ideias, caracteriza-se enquanto uma data de importância histórico-universal, pois, indica o abandono por parte da burguesia, dos valores revolucionários de sua fase ascendente, iniciando o que Lukács (2016) denominou como ciclo de **decadência ideológica**, da qual a **gênese** da sociologia é produto, demarca uma viragem conservadora no desenvolvimento ulterior da filosofia burguesa. No âmbito teórico-filosófico, abre-se uma dupla fratura: em um polo, surge a **economia burguesa vulgar**, ou como foi posteriormente denominada, economia subjetiva, cujo principal objetivo é fazer desaparecer a questão da mais valia; no outro polo faz surgir a **sociologia**. (LUKÁCS, 2020).

Lukács (1981), ao estabelecer as determinações para a crítica do desenvolvimento da Sociologia, acaba por reconstituir sua gênese como disciplina independente, circunscrevendo seu nascedouro na primeira metade do século XIX, na Inglaterra e França, a partir da dissolução da economia política clássica – com o abandono da escola de Ricardo e da teoria do valor-trabalho -; e da dissolução do socialismo utópico. A constituição da sociologia enquanto ciência especializada, sem objetivar dar respostas estruturais à dinâmica societal, fruto da compartimentalização e divisão pormenorizada do saber, é em sua gênese manifestação da decadência ideológica da burguesia em sua luta contra a teoria social marxiana

A apreensão do contexto<sup>5</sup> de gênese da Sociologia do Esporte e da Sociologia, desenvolvido na pequena digressão acima, nos permite apontar algumas congruências e semelhanças entre esses dois processos históricos, ambos frutos de quadras históricas, que Netto (2010), denomina como períodos de *cultura regressiva*.

Se, no século XIX o marco dos anos 1830/48, indica o fim da fase ascendente da burguesia, marcando o início de seu ciclo conservador de decadência ideológica.

---

<sup>5</sup> A qual fizemos de maneira sintética e esquemática, pois, é tema de acurada análise na primeira parte deste trabalho.

No século XX, o novo *espírito do tempo* (*Zeitgeist*)<sup>6</sup>, e a decadência ideológica se sucederam na sequência dos eventos de maio de 1968<sup>7</sup>; tais eventos tiveram seu estopim na França e, rompendo as barreiras nacionais, propagaram-se por todo mundo ocidental, desencadeando uma verdadeira maré conservadora.

Netto (2010), aponta que, o que ocorreu após 1968<sup>8</sup> em muito se assemelha aos acontecimentos de 1848, e estabelece um paralelo<sup>9</sup> - entre tais acontecimentos – elencando algumas similaridades, entre as quais: terem sido movimentos de abrangência e impacto mundial; serem dirigidos objetivamente contra um inimigo comum, a ordem capitalista; e apesar da derrota de suas respectivas investidas, provocarem profundas fissuras na ordem do capital. Tais fissuras foram tão significativas que, na sua sucessão, engendraram transformações econômico-políticas e societárias alteradoras de toda a configuração da sociedade burguesa. (Cf. Netto, 2010). Quanto às semelhanças ídeo-teóricas e culturais, as linhas que seguem são esclarecedoras:

[...] 1848, como Lukács o demonstrou exaustivamente, assinala que a viragem conservadora da burguesia instaura as condições e a necessidade de liquidar com a tradição humanista-racionalista (fomentando o moderno irracionalismo, fundado pela crítica nietzschiana), de impedir a elaboração de uma teoria social totalizante ancorada na análise da produção material dos suportes da vida social (donde a negação da economia política clássica e sua substituição pela economia vulgar e pelas ciências sociais especializadas), colocando na ordem do dia o combate aos movimentos anticapitalistas – prioritariamente o movimento operário, alçado a novo patamar revolucionário pela superação do utopismo e pelo seu trânsito à condição de *classe para si* e suporte da elaboração teórica de Marx, expressão de um processo de ruptura e continuidade com a herança clássica (a filosofia clássica alemã e a economia política inglesa). Ora,

---

<sup>6</sup> Expressão alemã que se refere ao "espírito do tempo" ou o conjunto de ideias, atitudes e valores predominantes em uma determinada época. Essa noção é frequentemente utilizada para descrever as características culturais, sociais, políticas e intelectuais de uma era específica.

<sup>7</sup> Faço referência à virada cultural, estabelecida por segmentos da intelectualidade de esquerda, que, tendo estado, no passado, próximo às lutas políticas em 1968, abandonaram, na entrada dos anos 80, seus princípios e anseios socialistas e/ou revolucionários.

<sup>8</sup> Semelhante à análise de Netto (2010), sobre as correspondências entre os eventos de 1848 e 1968, encontramos a de Rodrigues (2006): "Em outros termos, 1968 pode ser pensado como um marco, assim como fora o ano de 1848. Se o segundo correspondeu ao nascimento da moderna sociedade burguesa, o primeiro pode ser entendido como o envelhecimento desta sociedade, ou seja, a evidência da entrada da modernidade burguesa em seu estágio tardio, confirmando a necessária e urgente revolução de alto a baixo de toda a ordem social. (RODRIGUES, 2006, p.53).

<sup>9</sup> Antes de estabelecer tal paralelo, Netto (2010) faz uma importante ressalva, a qual compartilhamos: "Como se sabe pelo menos desde Marx, paralelismos, comparações e, em especial, analogias históricas quase sempre são falaciosas – porém, se levadas em conta as concretas determinações que particularizam os processos postos em tela, não deixam de ter sua utilidade, ainda que ilustrativa. (NETTO, 2010, p.259).

quando se analisam as consequências e implicações de 1968, nele se identifica uma similar clivagem ídeo-teórica e cultural.”. (NETTO, 2010, p.260).

Apesar das similaridades, há entre os dois movimentos diferenças significativas, principalmente no que concerne à resistência oferecida à ofensiva do capital e às muitas alterações que se deram na estrutura social, abarcadas preponderantemente pelo aprofundamento da divisão social do trabalho. (Cf. Netto, 2010), como veremos a seguir.

“No processo de 1968 e suas imediatas derivações, a ofensiva do capital não encontra pela frente uma classe revolucionária ascendente, mas um proletariado que, maduro, paga o ônus de direções sindicais burocratizadas e de um movimento político às vésperas de uma grande crise – no campo socialista, o vestibulo da rendição às concepções burguesas; no campo comunista, o peso e as consequências da hipoteca estalinista. Sobretudo, incidem no processo as alterações ocorrentes na estrutura social (as diferenciações inter e intraclassistas, a ponderação das novas camadas médias urbanas e seus nascentes movimentos específicos), diretamente condicionadas por um aprofundamento da divisão social do trabalho, que vai afetar em especial os segmentos intelectuais. (NETTO, 2010, p. 260-261).

De toda forma, apesar das similaridades e das diferenças que guarda com os acontecimentos de 1848, como vimos, o movimento de 1968 é extremamente significativo para a compreensão da maré montante contemporânea. Assim, é legítimo e necessário, mesmo que de maneiras aligeirada e esquemática, expor em que consistiu, o que significou e quais foram as repercussões dos eventos de 1968. Começemos, então, por apontar sua abrangência e importância.

“Maio de 68 foi um fenômeno paradoxal. Tendo seu epicentro em Paris, no mês de maio, a rebelião liderada por estudantes universitários. [...] não significou apenas a barricada de estudantes franceses. Constituíram-se também a onda de greves na Grã-Bretanha e a derrubada do conservador Edward Heathon do governo; a Revolução portuguesa de 74 e 75; os duros conflitos trabalhistas que acompanharam a agonia do regime franquista em 75 e 76; a pior crise doméstica vivida pelos Estados Unidos da América, na segunda metade dos anos 60, impulsionada pelo movimento contra a Guerra do Vietnã, a revolta dos guetos negros e o levante de estudantes e os ecos dessa época sentidos em outras partes do mundo – como o cordobazo na Argentina, a explosão de trabalhadores e estudantes na Austrália e a greve geral em Quebec em 1972. (RODRIGUES, 2006, p.42-53).

Toda essa efervescência e experiências de contestação, impunha-se, inicialmente, como uma possibilidade de superação da ordem capitalista<sup>10</sup>. Dez anos depois, esse sentimento foi suprimido pelo – o que poderíamos chamar – esfacelamento da extrema esquerda. Tal esfacelamento foi tão importante que, nos vinte anos que se seguiram, até mesmo as esperanças revolucionárias foram abjuradas.

O fragor das lutas que se deram em 1968 exprime não tão somente a lógica imanente do sistema, mas, sobretudo, a subsunção do movimento da classe trabalhadora ocidental por organizações e ideologias – vinculadas à social-democracia ou ao stalinismo - empenhadas em conseguir reformas pontuais dentro do marco do pacto de classes. (RODRIGUES, 2006).

Ao observar a trajetória política da geração de 1968, Rodrigues (2006) aponta que a combinação entre prosperidade do que denomina da “nova classe média”, com a desilusão política de 1968, culminou na década de 1980, em um contexto largamente favorável para a aceitação da ideia de que vivíamos a passagem para uma nova época, uma época pós-moderna.

“Muitos daqueles que eram radicais nos anos 60 e 70 chegaram, nos anos 80, à maturidade às custas do abandono de suas esperanças socialistas e revolucionárias e passaram a ocupar algum tipo de posição profissional administrativa ou executiva típica da ‘nova classe média’.”. (RODRIGUES, 2006, p.44).

Para finalizar essa pequena digressão, iremos estabelecer um panorama geral da maré conservadora que assolou o mundo ocidental na sequência dos acontecimentos de 68/76 até a contemporaneidade, e que se caracteriza por uma forte retração dos movimentos sociais ameaçadores das estruturas fundamentais da sociedade capitalista.

---

<sup>10</sup>O referido otimismo pode parecer pueril, mas justificava-se na própria realidade concreta: “Contudo, a possibilidade da derrubada da ordem social não era uma mera utopia. Ela tinha sustentação objetiva entre os fatos históricos do final dos anos 60 e princípio dos 70. A luta do Vietnã alentou o desejo de independência em outras colônias e semicolônias – não somente na Ásia, mas também na África e na América Latina – que passaram a integrar a luta antiimperialista. Além disso a luta pela libertação dos povos africanos – Guiné, Angola e Moçambique – desdobraram o mundo colonial e, atravessando o além mar precipitaram, em 1974, a Revolução em Portugal, conhecida como a Revolução dos Cravos. (RODRIGUES, 2006, p.46).

“Esta incontestada derrota da classe trabalhadora – o fracasso de Maio de 68 -, aprofundada com o fim do socialismo real nos anos 90, contribuiu para que a plena modernização do capital emergisse, mesmo para os intelectuais mais brilhantes e progressistas, como o esgotamento da modernidade *tout court*. [...] Não há como duvidar que a dominante cultural contemporânea é produto direto da ausência, desde o fracasso das promessas revolucionárias de 68, ‘de qualquer movimento social visível que se apresente como uma ameaça à ordem do capital’ (NETTO, 2004, 160). As argumentações que propalam o pós-moderno, como reação celebratória ou contestatória às patologias da modernidade tardia, não passam de uma ideologia. E enquanto ideologia expressam apenas o reflexo epidérmico das manifestações cotidianas dos limites absolutos do sistema metabólico do capitalismo, encobrendo as suas causas reais e o quanto se torna imperiosa, na *crise estrutural do capital*, a ofensiva socialista.”. (RODRIGUES, 2006, p.65-66).

É essa contextualidade complexa e regressiva, descrita celeremente acima, que dá assento a formação e aos primeiros passos da Sociologia do Esporte, que se pretende e afirma crítica. No Brasil, a chegada das ideias críticas em relação ao esporte, data dos anos 1980 e, guarda uma especificidade em relação ao caso Europeu, seu desenvolvimento ocorreu sobretudo na área de conhecimento **Educação Física**. A compreensão desta especificidade, vincula-se, necessariamente, à compreensão de um amplo processo, que possibilitou a constituição de uma **educação física crítica e progressista**, uma vez que, tais condições só puderam emergir e são inteligíveis, no que tange ao Brasil – com sua temporalidade história particular -, os determinantes históricos e sócio-políticos que culminaram no processo de transição democrática na década de 1980.

\* \* \*

Direcionando nossa atenção para sua formatação, este trabalho, se apresenta em duas partes, a **primeira** delas, diz respeito, a um demanda central para o desenvolvimento desta tese: estabelecer uma análise de como se situa a Sociologia do Esporte, ou o desenvolvimento da crítica ao esporte, no projeto de “intenção de ruptura”, deflagrado na década de 1980 pelo nascente Movimento Renovador Progressista da educação física no Brasil; uma vez que, é nesta quadra histórica

que a Sociologia do Esporte se estabelece e, se consolida enquanto ciência particular.

No entanto, para sua consecução e o trato adequado de tão complexa tarefa, faz-se necessário, num primeiro momento situar a gênese onto-histórica, e o desenvolvimento da Sociologia como produto, como ciência própria do período decadente da burguesia, a partir da crítica inaugurada pelo filósofo húngaro György Lukács (1885-1971), que se caracteriza como “[...]crítica macroscópica da cultura burguesa a partir do ponto de vista do proletariado.”. (NETTO, 1978, p.62), fundando a crítica da filosofia como crítica da vida social, no trânsito mundo/filosofia e filosofia/mundo; Num segundo momento, assinalar a partir do processo de especialização e departamentalização pelo qual passaram as ciências sociais modernas, o surgimento e a institucionalização da Sociologia do Esporte, apreendendo seu movimento histórico.

Em um terceiro momento, reconstruímos a história da Educação Física no Brasil, em que se evidenciam os acontecimentos mais importantes, tendo como ponto de inflexão a década de 1980 e a constituição do chamado movimento renovador de caráter progressista da área, com seu projeto de “intenção de ruptura ” e, como foi o trato nesse período da Sociologia do Esporte; em seguida, discutimos como o posterior abandono desse projeto, a partir da década de 1990, imposto pela conjuntura histórica – as transformações sociais recentes e o avanço do pensamento pós-moderno -, impactaram no desenvolvimento e rumos da Sociologia do Esporte.

No que tange às técnicas e procedimentos metodológicos, este trabalho se caracteriza como uma *pesquisa bibliográfica*, realizada a partir do registro disponível de pesquisas anteriores vertidas em livros, artigos, teses etc., valendo-se de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores (SEVERINO, 2013). Na primeira parte da tese, que contemplou procedimentos de caráter teórico e documental, elegemos a revisão narrativa como procedimento para a revisão teórica, que, segundo Rother (2007), é uma abordagem de revisão de literatura indicada para analisar e discutir determinado assunto sob o ponto de vista teórico e/ou contextual. Diferentemente das revisões sistemáticas, ela não envolve síntese quantitativa, priorizando uma narrativa descritiva e interpretativa, uma vez que não tem a pretensão de esgotar as fontes de informações, ficando a critério dos

autores/as a seleção, interpretação e análise crítica. Seu uso é recomendado para a fundamentação teórica de trabalhos acadêmico-científicos.

A **segunda** parte, consistiu em um mapeamento – a partir de uma revisão sistemática em teses - de como se deu o desenvolvimento ulterior da Sociologia do Esporte, pós anos 1990, sobretudo, a partir de quais matrizes teórico-metodológicas se assentam as produções que se ocupam do debate teórico-conceitual sobre o esporte. Buscando responder, as seguintes questões: **i.** atualizar quadro das teorias socio-filosóficas, apresentado por Bracht (2005), a partir do mapeamento e da análise da produção científica-acadêmica; **ii.** localizar grupos, linhas de pesquisas, autores, referenciais e pressupostos de análise, que permitam estabelecer um “estado da arte”, da discussão acerca do esporte no Brasil, identificando possíveis tendências; **iii.** verificar empiricamente se a Teoria Crítica do Esporte (TCE), que se fez presente, como principal referência no projeto de intenção de ruptura da Educação Física na década de 1980, se mantém relevante na produção teórica e sociológica sobre o esporte, no seu desenvolvimento posterior.

Além, apontar as características gerais da produção. os resultados que obtivemos, permitiu-nos indicar tendências e ausências na produção teórico-conceitual sobre o esporte, os mais significativos são: a identificação de que a Teoria Crítica do Esporte (TCE), não se desenvolveu no país, dispondo atualmente de incidência limitada na produção sociológica sobre o esporte. O debate contemporâneo da sociologia do esporte no Brasil, no que diz respeito matrizes teóricas, referências e autores, tem sido orientado pela Sociologia Configuracional de Norbert Elias - e de suas contribuições com seu dileto discípulo Eric Dunning – da Sociologia Reflexiva ou Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu.

Para tanto, no que toca os procedimentos metodológicos, a segunda parte, se caracteriza por um estudo de revisão sistemática a partir de teses de doutorado. Gomes e Caminha (2014), apontam a revisão sistemática como uma opção importante não somente pela possibilidade de acumular informações, mas também de acompanhar o desenvolvimento científico em um determinado período, evidenciando lacunas e direcionamentos viáveis para a elucidação de temas pertinentes. Além disso, para elas, as revisões sistemáticas podem ainda auxiliar na atualização e construção de novas diretrizes para atuação profissional ou mesmo

subsidiar pesquisas de campo. Nesse sentido, buscou-se apreender o que vem sendo produzido e divulgado nos periódicos brasileiros sobre o esporte educacional

Pretendemos que este estudo seja uma tentativa de sistematização científica comprometida com a verdade e com a emancipação humana, ou seja, um contributo à superação da ordem vigente, que é a base da barbárie da vida social. Nossa investigação procurou contribuir com a alteração do quadro em voga, contribuindo – dentro de nossas limitações - no desvelar do debate contemporâneo acerca do esporte.

Como se sabe, o momento histórico é de tal monta favorável ao capital que gera a ilusão da impossibilidade de os homens construírem conscientemente a sua história. O colapso do socialismo realmente existente revitalizou a concepção liberal<sup>11</sup> segundo a qual a permanência da ordem do capital<sup>12</sup> é algo inerente ao homem, vaticinando não só o “fim da história”, mas também o fim do legado marxiano e de qualquer ideário que vislumbre a superação da ordem burguesa.

[...] A ‘crise do socialismo’ é apresentada como a agonia de ideários que, prometeicos, buscavam a superação da ordem burguesa; a ‘pós-modernidade’, sugere-se, é a sepultura da revolução – e esta é mostrada como um dinossauro da racionalidade do século XIX. À base do seu proclamado fracasso, procura-se infirmar o seu suporte elementar: a teoria social de Marx é desqualificada. A ordem burguesa recupera a (pseudo) legitimidade que se supunha típica da sua apologia mais descarada: o velho mito (velha mistificação) revelaram-se um equívoco e sua sustentação (a obra marxiana) um sistema de erros; há que corrigir o desvio, retornar à ‘sociedade livre fundada no mercado’, tratando de administrá-la razoável e honestamente – e os melhores candidatos à gestão são os chamados neoliberais. [...] O quadro esboçado (impressionisticamente) indica, para os herdeiros do projeto socialista revolucionário, uma condição histórico-social de terminalidade ou manifesta uma conjuntura determinada limitada, de curso restrito? No primeiro caso, para os socialistas revolucionários, render-se aos ‘fatos’ equivaleria à necessária admissão crítica de que um

---

<sup>11</sup> Concepção essa renovada no que se denomina de neoliberalismo, ou neoconservadorismo.

<sup>12</sup> Capital e capitalismo são fenômenos distintos, o capital antecede o capitalismo e é a ele também posterior; o capitalismo é uma das formas possíveis de realização do capital, uma de suas variantes históricas. Para o filósofo húngaro István Meszáros, o sistema constitutivo do capital é formado por um tripé: capital, trabalho e Estado; sendo impossível a superação do capital sem a destruição deste conjunto inteiro de elementos. “Capital é uma categoria histórica dinâmica e a força social a ele correspondente aparece – na forma de capital ‘monetário’, ‘mercantil’ etc. – vários séculos antes de a formação social do CAPITALISMO enquanto tal emergir e consolidar. De fato, Marx estava muito interessado em apreender as especificidades históricas das várias formas do capital e suas transições de uma a outra, até que finalmente o CAPITAL INDUSTRIAL se torne força dominante do metabolismo socioeconômico e objetivamente defina a fase clássica da formação capitalista.” (MÉSZÁROS, 2002, p.1064).

ineliminado e axial componente ideológico, visionário e escatológico viciou o seu desempenho sócio-político ao longo de mais de um século de intervenção sócio-cêntrica. No segundo, a rendição aos 'fatos' configuraria propriamente uma inteira capitulação teórica e prática." (NETTO, 1993, p.11).

A hegemonia ideológica que a burguesia detém – operando através da manipulação das consciências, falsificando a realidade - faz crer que a sua forma específica de ser, seja convertida na forma de ser de toda humanidade, dando-nos a impressão de uma fatal inalterabilidade deste estado de coisas; espalha a desesperança propagando que não há alternativa ao capital e seus ditames, empenha-se em “[...] naturalizar a avareza, o egoísmo, a ganância, a indiferença, o desamor, enfim, esforça-se para naturalizar uma vida sem sentido” (HUNGARO, 2008, p.17). Neste quadro, a contraposição teórica a essa perspectiva a-histórica de homem e mundo, torna-se indispensável:

[...] é imprescindível argumentar como o horizonte histórico de possibilidades é limitado única e exclusivamente pela reprodução social, isto é, pela síntese dos atos humanos singulares em formações sociais. Para se contrapor à concepção conservadora segundo a qual aos homens corresponde uma essência a-histórica de proprietários e que, por isso, não há como ser superada a sociedade capitalista deve-se comprovar que não há limites ao desenvolvimento humano, a não ser aqueles construídos pelos próprios homens. (LESSA, 1997, p.09).

## Parte I

### 2. Desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil.

Vislumbramos com esse capítulo inicial, responder uma demanda central para o desenvolvimento desta tese: estabelecer uma análise de como se situa a **Sociologia do Esporte**, ou o **desenvolvimento da crítica ao esporte**, no projeto de “**intenção de ruptura**”<sup>13</sup>, deflagrado na década de 1980 pelo nascente **Movimento Renovador Progressista** da educação física no Brasil; uma vez que, é nesta quadra histórica que a Sociologia do Esporte se estabelece e, se consolida enquanto ciência particular.

No entanto, para sua consecução e o trato adequado de tão complexa tarefa, faz-se necessário, num primeiro momento situar a gênese onto-histórica, e o desenvolvimento da **Sociologia** como produto, como ciência própria do período decadente da burguesia, a partir da crítica inaugurada pelo filósofo húngaro **György Lukács**<sup>14</sup> (1885-1971), que se caracteriza como “[...] *crítica macroscópica da cultura burguesa a partir do ponto de vista do proletariado*.” (NETTO, 1978, p.62), fundando a *crítica da filosofia como crítica da vida social*, no trânsito mundo/filosofia e filosofia/mundo; Num segundo momento, assinalar a partir do processo de especialização e departamentalização pelo qual passaram as ciências sociais modernas, o surgimento e a institucionalização da Sociologia do Esporte, apreendendo seu movimento histórico.

Em um terceiro momento, reconstruímos a história da Educação Física no Brasil, em que se evidenciam os acontecimentos mais importantes, tendo como

---

<sup>13</sup> Trataremos desta temática especificamente, mais adiante.

<sup>14</sup> Como ilustra Netto (1978), “[...] o método lukacsiano de análise filosófica é histórico e crítico. *Histórico*, conquanto procura determinar concretamente o âmbito em que se pode movimentar o pensamento; *crítico*, enquanto busca focar immanentemente o *modus* e a estrutura daquele movimento. Ao conjugar a análise de um período histórico-social com a crítica particular das construções dos seus pensadores, Lukács faz mais: ele funde *história* e *sistema*; o esclarecimento de uma fase precisa da evolução filosófica resultante de uma dinâmica de dois sentidos – tanto implica a passagem da história à obra filosófica como a passagem desta àquela. É neste jogo interativo que as variáveis componentes externas e internas do complexo histórico-filosófico se explicam e se superam na objetivação de problemas que, tornando-se acessíveis à consciência filosófica, se convertem em núcleos e/ou matrizes culturais de um tempo determinado”. (NETTO, 1978, p.63-64).

ponto de inflexão a década de 1980 e a constituição do chamado *movimento renovador de caráter progressista* da área, com seu projeto de “intenção de ruptura<sup>15</sup>” e, como foi o trato nesse período da Sociologia do Esporte; em seguida, discutimos como o posterior abandono desse projeto, a partir da década de 1990, imposto pela conjuntura histórica – as transformações sociais recentes e o avanço do pensamento pós-moderno<sup>16</sup> -, impactaram no desenvolvimento e rumos da Sociologia do Esporte, sobretudo nas formulações orientadas pela Teoria Social marxiana e o marxismo, no campo da Educação Física.

## 2.1 Delimitações Teórico-Conceituais sobre a Gênese do Esporte Moderno e Conceito do Esporte.

Antes, de adentrarmos para a especificidade da discussão sobre Sociologia e Sociologia do Esporte, é imprescindível estabelecermos neste momento, algumas delimitações teóricas-conceituais, fundamentais para o desenvolvimento ulterior desse trabalho, são elas: sobre a **gênese do esporte moderno**; e acerca do **conceito de esporte**, isso porque, concepções sobre o surgimento e mesmo, sobre o que é, e o que se pensa a respeito do esporte, estão atreladas a determinadas perspectivas ídeo-políticas e visões sociais de mundo<sup>17</sup>. (Löwy,1987). Incidindo significativamente, em análises, formulações de políticas públicas, discussões e, ocasionando desdobramentos bastante diversos, até mesmo antagônicos, sobre essas temáticas.

---

<sup>15</sup> A fim de justificar a utilização deste termo, reproduziremos integralmente a explicação de Húngaro (2010): “A alusão, aqui, é à denominação atribuída, por José Paulo Netto, ao processo teórico-político instaurado pelo serviço social na luta contra sua funcionalidade original ao capital: nas suas origens, o serviço social fundamentava-se na filantropia, protagonizada pela ação católica, que consistia (consiste) numa ação paliativa de combate a pobreza ao mesmo tempo em que despolitizava a luta pela superação das relações sociais que a geravam. A produção acadêmica do serviço social, desde o final da década de 1960, vem criticando esse caráter filantrópico-extremamente funcional ao capital, pois naturaliza a pobreza e a ‘combate’ tão somente em seus efeitos, com ações baseadas na solidariedade – e propondo que o serviço social esteja alinhado com a superação da ordem burguesa. O rompimento com os interesses do capital e o engajamento na superação da ordem burguesa constituem a essência do processo de ‘intenção de ruptura’.”. (HUNGARO, 2010, p.135).

<sup>16</sup> Expressão contemporânea da decadência ideológica burguesa.

<sup>17</sup> Com *visão social de mundo*, Michael Löwy, quer dizer que: “[...] primeiro, trata-se da visão de mundo social, isto é, de um conjunto relativamente coerente de ideias sobre o homem, a sociedade, a história e sua relação com a natureza (e não sobre o cosmos ou a natureza enquanto tais); segundo, esta visão de mundo está ligada a certas posições sociais, isto é, aos interesses e à situação de certos grupos e classes sociais.”. (LÖWY, 1987, p.13).

### 2.1.1 Gênese do Esporte Moderno.

Desta feita, ao tratarmos panoramicamente da gênese do esporte, abrimos a discussão anunciando que não há consenso na literatura e na historiografia, sobre a gênese do que hoje denominamos esporte moderno, identificamos pelo menos duas<sup>18</sup> leituras sobre seu surgimento – levando em conta sua relevância e abrangência no debate -, que partem de pressupostos teóricos-conceituais distintos, são elas:

1. **Continuidade:** Apresenta uma visão romântica/utópica sobre o surgimento do esporte, nesta leitura há similitudes entre o esporte moderno e as atividades praticadas em sociedades pré-capitalistas, atividades que se caracterizavam por seu caráter bélico e religioso<sup>19</sup>; o desenvolvimento dessas atividades até o esporte, como o conhecemos hoje, se daria de maneira idílica e linear, por exemplo, os Jogos Olímpicos Modernos são desdobramentos “naturais” dos Jogos Olímpicos da Antiguidade (ATHAYDE *et.al.*,2016). O esporte, nesta compreensão, seria um fenômeno humano transhistórico, acima dos determinantes sociais e de como o gênero humano produz materialmente a vida social. Para Brohm, tido “[...] como essência platônica que sobrevoa o tempo, as civilizações os modos de produção e as formações sociais concretas.”. (BROHM, 1982, p.58).;

---

<sup>18</sup> Com esta afirmação, não infirmamos a existência de outras leituras sobre esse complexo de questões.

<sup>19</sup> Lukács na Ontologia, ao tratar de concepções utópicas, quer estejam voltadas para o futuro, quer estejam voltadas para o passado, ressalta o traço irracionalista destas compreensões, como veremos. “As utopias que visam restaurar uma condição passada – refiro-me àquelas nas quais o movimento retrocessivo não se funda apenas na imaginação, num mal-entendido acerca das próprias intenções essenciais, como é o caso do pretense reavivamento da Antiguidade na época do Renascimento – não podem deixar de ter, um caráter essencialmente irracionalista. Ao pretenderem reviver algo já passado, não importando com que grau de consciência, tais utopias têm de negar no plano ontológico a irreversibilidade do tempo e, desse modo, entram de antemão em contradição com toda ontologia racional. Quando, além disso, como é o caso em geral nas tendências românticas, toma-se como modelo o “orgânico”, essa contradição se aguça ainda mais, na medida em que o desenvolvimento orgânico abrange com toda nitidez possível a irreversibilidade do tempo; com isso, os dois princípios ontológicos capitais acabam incorrendo numa relação antinômica insolúvel. A visão de mundo que disso decorre – o irracionalismo – só consegue superar antinomias de modo pseudodialético, sofisticado; sua batalha conta a ratio serve precisamente para apagar tais contradições insolúveis, utilizando de modo inteiramente arbitrário ora uma, ora outra concepção. (LUKÁCS, 2012, p.184).”

**2. Descontinuidade:** Nesta leitura, o esporte é concebido como um produto próprio da modernidade, portanto, um fenômeno historicamente datado, novo, diferente de qualquer outro processo precedente.

Adotamos, neste trabalho, as concepções que localizam o surgimento do esporte com o advento da Modernidade, ou seja, processo que desponta com o capitalismo moderno, assinalando assim, “[...] **uma ruptura histórica**, entre o esporte antigo e o esporte moderno, ruptura essa causada pela criação de uma nova instituição. Além de, marcar a diferenciação entre as atividades físicas de todo tipo e o esporte propriamente dito.”. (BROHM, 1982, p.70). Análise semelhante, encontramos em Bracht (2005), ao circunscrever a gênese do esporte moderno, “[...] no âmbito da cultura europeia<sup>20</sup> por volta do século XVIII, e que com esta, expandiu-se para o resto do mundo.”. (BRACHT, 2005, p.13). O movimento de expansão do esporte moderno que Valter Bracht faz referência, se trata do processo de mundialização do capital, pelo qual passou o mundo nessa quadra histórica, que tão bem Marx e Engels, apresentaram no Manifesto do Partido Comunista, dando especial atenção aos “produtos espirituais”<sup>21</sup>, podemos com relativa segurança, incluir o Esporte nesta categoria. A seguir, segue o belo excerto:

A burguesia, pela exploração do mercado mundial, conferiu uma forma cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países [...] Em lugar das velhas necessidades, atendidas pelos produtos do próprio país, surgem necessidades novas, que exigem, para a sua satisfação, produtos dos países mais longínquos e de climas os mais diversos. Em lugar da velha autossuficiência e do velho isolamento local e nacional, surgem um intercâmbio generalizado e uma generalizada dependência entre as nações. E isso se refere tanto à produção material quanto à produção espiritual. Os produtos espirituais de cada nação tornam-se patrimônio comum. A unilateralidade e a estreiteza nacionais mostram-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais nasce uma literatura mundial. (MARX e ENGELS, 1998, p.09).

Neste processo, devemos destacar o importante papel desempenhado pela aristocracia, sobretudo, inglesa, pois, fruto da divisão de classes e sociotécnica do

---

<sup>20</sup> Para Hobsbawm, ao tratar do novo estilo de vida burguês do qual, o esporte passa a compor, acaba por situar seu local de nascimento: “[...] como tantas outras coisas, na sociedade burguesa, ele procedeu do clássico país do capitalismo, a Inglaterra.”. (HOBSBAWM, 2016, p.259).

<sup>21</sup> Vale lembrar, a passagem do volume um de *O Capital*, em que Marx diz, grosso modo, que a mercadoria por suas propriedades satisfaz necessidades do estômago ou da fantasia.

trabalho, era a classe que dispunha de tempo disponível para a experiência esportiva, em detrimento da classe trabalhadora – homens, mulheres e crianças -, submetida a desumanas condições de vida e trabalho, naquela conjuntura histórica do capitalismo incipiente.<sup>22</sup>

A Inglaterra, enquanto, epicentro da eclosão da modernidade, desempenhou papel protagônico, configurando-se como o berço do esporte moderno, uma vez que, além de engendrar as condições materiais para tal; é a responsável pela criação, formatação e regulamentação, de inúmeras modalidades esportivas que hoje são praticadas, introduzindo diversas inovações que alteraram as características dos jogos e competições atléticas. (PRONI, 1998). Os ingleses, também, se consolidaram como exportadores do esporte, em virtude, do papel que assumia o Império Britânico, nas colônias e expansão do nascente capitalismo moderno.

Como produto próprio da modernidade, que operou amplas mudanças na estrutura social e nos mais diversos âmbitos da sociabilidade (cultural, político e econômico), o esporte, nasce eivado de suas principais características, a *racionalidade científica*<sup>23</sup>, por exemplo, marca profundamente “a nova invenção”<sup>24</sup>, através do imperativo do rendimento; da inerente e basilar perspectiva competitiva; da cientifização de seus métodos e técnicas; da racionalização do treinamento; da centralidade das marcas, sobretudo, a divisão pormenorizada do tempo através do cronômetro, como bem demonstraram Brohm (1982) e Bracht (2005).

Tornando, assim, a compreensão de seu surgimento, de sua consolidação, e estabelecimento de suas principais características ininteligíveis, sem fazermos referência à emergência da sociedade urbano industrial capitalista, e de uma nova disciplina e exatidão burguesa. Portanto, o estabelecimento do esporte, no séc. XIX “o mais burguês dos séculos”<sup>25</sup>, “[...] tem como consequência a assimilação dos axiomas culturais e ideológicos presentes nessa sociedade e na classe social que a hegemoniza.”. (ATHAYDE *et.al.*, 2016, p.492).

---

<sup>22</sup> Em verdade, o capitalismo nunca possibilitou ao conjunto dos trabalhadores, condições dignas e humanas de trabalho e existência.

<sup>23</sup> Característica marcante da modernidade.

<sup>24</sup> Como Hobsbawm (2016), denomina o esporte.

<sup>25</sup> Expressão cunhada por Hobsbawm (2016).

De acordo, com Bracht (2005), a partir do livro “*From Ritual to Record: The Nature of Modern Sports*”<sup>26</sup>, do professor americano Allen Guttman (1978), encontramos as características básicas que o esporte moderno conformou e, assim, permitindo-o tomar o mundo de assalto: 1. Secularização; 2. Igualdade; 3. Especialização; 4. Racionalização; 5. Burocratização; 6. Quantificação; 7. Record.

Os traços definidores do esporte moderno a que fizemos referência, representam, também, mormente a partir do início do século XIX, o processo de deslocamento e esvaziamento dos sentidos, conteúdos e significados dos jogos populares, que anteriormente tinham suas funções vinculadas às festas de cariz religioso, em agradecimento e comemoração das colheitas etc.; Formatação que Bracht (2005), denominou como esportivização de elementos da cultura corporal de movimento.

Tendo em vista, a necessidade desse debate, mesmo que não se configurando como fulcro central de nosso trabalho, procuramos panorâmica e brevemente assinalar e, delimitar as condições sócio-históricas que ensejaram o surgimento do esporte moderno, assim como, apontar os traços constitutivos de sua gênese que moldaram seu desenvolvimento ulterior, desembocando em sua nova morfologia o **esporte contemporâneo**, que discutiremos em momento oportuno.

### 2.1.2 O conceito de esporte.

Outra questão candente que se impõe e, suscita inúmeros debates em todo o “mundo esportivo”<sup>27</sup>, principalmente na Sociologia do Esporte e, em todo campo que conforma as (mal) ditas Ciências do Esporte, é a que versa sobre **conceito** de esporte. Com a substancial ampliação da importância que o esporte granjeou na tecitura social – particularmente, a partir dos anos 1970/80 -, multiplica-se também o avanço das investigações que se propõe a entender o lugar e o papel do esporte na contemporaneidade, nesse bojo, surgem numerosas definições sobre o fenômeno esportivo, advindos dos mais diversos autores e autoras, pertencentes aos mais

---

<sup>26</sup> Obra de clara inspiração weberiana, que a partir de Bracht teve ampla vazão.

<sup>27</sup> A qual Proni (2011), defini como o conjunto de práticas, instituições e relações sociais existentes em razão do esporte.

distintos matizes teóricos. Do mesmo modo, como operamos na abordagem da gênese do esporte, iremos lidar aqui, de maneira discricionária, com as conceituações do esporte que possuem maior relevância e abrangência no debate. Pois, para entender o esporte, é necessário buscar quem já o fez.

Dentre as várias definições de esporte encontradas na literatura, conferimos maior relevo as concebidas por: Magnane (1969); Guttman (1978); Brohm (1982); Bourdieu (1983); Elias e Dunning (1992); e Bracht (2005). Por se tratarem, de elaborações que impactam e pautam diretamente o debate acerca dessa temática; ou, por serem concepções pioneiras da Sociologia do Esporte; ou, por serem contribuições que influenciaram decisivamente importantes teóricos da área, reverberando na produção sobre essa temática.

Iniciaremos com a contribuição de **Georges Magnane** (1907-1985), sobre o que denominou a “criança difícil do século XX”, o escritor e tradutor francês, abre seu clássico *Sociologia do Esporte* de 1969, com a seguinte frase “O esporte apresenta-se atualmente como um fato social bruto.” (MAGNANE, 1969, p.09); sob forte e declarada influência do importante sociólogo do lazer Joffre Dumazedier, que buscou verter uma definição empírica do lazer. Magnane, percorre o mesmo caminho ao utilizar, inclusive, dados obtidos da pesquisa feita em 1957<sup>28</sup>, com oitocentos trabalhadores espalhados por todo território francês, sobre a compreensão que tinham sobre lazer - a mesma utilizada por Dumazedier -, para assim, fundamentar sua perspectiva sobre o esporte.

Magnane, entende o esporte como uma atividade que se dá no tempo e espaço em oposição ao trabalho, portanto, uma atividade de lazer, tendo como traço definidor o esforço físico dos praticantes. Ainda para Magnane, trata-se de uma prática com caráter competitivo, parametrizada por instituições e regulamentações próprios, além de ser uma prática suscetível de transformar-se em atividade profissional. (MAGNANE, 1969, p.71). Trata-se de uma definição, demasiadamente abstrata, carente de determinações concretas, sobretudo, no que diz respeito à nova morfologia assumida pelo esporte contemporaneamente, não dando conta, de seu amplo e tendencial processo de mercantilização;

---

<sup>28</sup> Pesquisa que surge como proposição do Colóquio de Sociologia Internacional que se realizou em Annecy -França, no ano de 1957.

A segunda conceituação que trouxemos para a discussão, é a consignada por **Allen Guttman** (1932-), em *From Ritual to Record: the Nature of Modern Sports*<sup>29</sup>, de 1978, na verdade, mais correto é dizer que abordaremos o **modelo** proposto pelo sociólogo americano; trata-se de referência obrigatória nas discussões teórico-conceituais sobre o esporte.

Pode-se afirmar com segurança que, Guttman é o maior representante teórico do que podemos designar, como abordagem **weberiana**<sup>30</sup> sobre o esporte, ao apontar a proposição de seu modelo de caracterização do esporte moderno como um **tipo ideal**<sup>31</sup>, e operar a partir das principais categorias de Max Weber, como exemplifica, o capítulo terceiro de seu livro intitulado *Capitalismo, Protestantismo, e Esporte Moderno*<sup>32</sup>, em clara alusão à *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, clássico livro de Weber.

Para categorizar o esporte moderno, Guttman, opera por contraste, ao compará-lo com formas precedentes de manifestação do fenômeno esportivo nos diferentes períodos históricos, tratadas por ele como: **esporte primitivo, esporte grego, esporte romano, e esporte medieval**. É famoso o quadro apresentado no segundo capítulo (*Do Ritual ao Recorde*), onde são expostas esquematicamente essas diferenciações, em que, a identificação do estágio de desenvolvimento, se dá a partir da presença ou não, das seguintes características, as quais iremos apresentar panoramicamente:

- **Secularização:** o esporte moderno, estabelece-se enquanto uma prática, ou conjunto de práticas, desvinculada das atividades de cariz

---

<sup>29</sup> Infelizmente, sem tradução disponível para língua portuguesa, em tradução livre, “*Do Ritual ao Recorde: a natureza dos esportes modernos*.”

<sup>30</sup> Apesar de não ter abordado o esporte de maneira sistemática em sua obra, Weber em **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**, faz menção à oposição dos puritanos ingleses, em relação às atividades recreativas e esportivas.

<sup>31</sup> Para Gabriel Cohn, um dos maiores comentadores de Weber, em introdução à famosa coleção “Sociologia” da editora Ática, em que, introduz a obra de Weber, assim caracteriza **tipo ideal**: “Trata-se de recurso metodológico para ensejar a orientação do cientista no interior da inesgotável variedade de fenômenos observáveis na vida social. Consiste em enfatizar determinados traços da realidade – por exemplo, aqueles que permitam caracterizar a conduta do burocrata profissional e a organização em que ele atua – até concebê-los na sua expressão mais pura e conseqüente, que jamais se apresenta assim nas situações efetivamente observáveis. Por isso mesmo esses tipos necessitam ser construídos no pensamento do pesquisador, existente no plano das ideias sobre os fenômenos e não nos próprios fenômenos.”. (COHN, 1991, p.09).

<sup>32</sup> Em tradução livre.

místico-religioso, portanto, para Guttman (1978, p.18) o esporte nasceu com a modernidade e é secular.

- **Igualdade:** pressupõe o esporte moderno, a igualdade de condições de participação e oportunidades, garantidas pela regulamentação das práticas, a partir de regras. Guttman (1978, p.27).
- **Especialização:** especialização das funções, a partir, da divisão do trabalho, o que permitiu a profissionalização do esporte moderno. Guttman (1978, p.36).
- **Racionalização:** o esporte moderno é demarcado por uma racionalidade - em termos weberianos -, que permite estabelecer uma relação entre meios e fins. Como por exemplo, as mudanças de regras nos esportes de caça, são adequações a essa racionalidade. (PILATTI, 2002). Assim como, a racionalização do treinamento esportivo.
- **Burocratização:** característica distintiva do esporte moderno, a organização burocrática, é a responsável por conferir o sentido moderno ao esporte, ao administrar seu desenvolvimento. Expressando-se, na universalização das regras, delineamento de estratégias organizacionais, a partir de uma visão administrativa racionalmente moderna. (PILATTI, 2002).
- **Quantificação:** característica marcante da sociedade moderna, a mensuração pormenorizada do tempo, é para Guttman, traço constitutivo do esporte moderno, que tem como base a comparação das marcas, provas, tempos e registro da melhor atuação, tendo como símbolo máximo o cronômetro<sup>33</sup>. Guttman (1978, p.48).
- **Record:** Característica que se faz presente exclusivamente no esporte moderno, a busca por records, está atrelada à quantificação e progresso do desempenho corporal.

---

<sup>33</sup> Inventando em 1730.

	<b>Esporte Primitivo</b>	<b>Esporte Grego</b>	<b>Esporte Romano</b>	<b>Esporte Medieval</b>	<b>Esporte Moderno</b>
<b>Secularização</b>	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
<b>Igualdade</b>	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
<b>Especialização</b>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Racionalização</b>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Burocracia</b>	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
<b>Quantificação</b>	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
<b>Record</b>	Não	Não	Não	Não	Sim

**Quadro 1:** Guttman (1978, p.54).

Como podemos observar, a partir do quadro apresentado, para Guttman (1978) algumas características elencadas, já existiam em formas anteriores do que denomina, esportes primitivos, esportes antigos (gregos e romanos), e esportes medievais, ou melhor esportes não-modernos. No entanto, só o esporte moderno conjura todas essas características, que se relacionam mutuamente.

O modelo de categorização, desenhado por Guttman (1978), apresenta algumas limitações, entre a mais flagrante, a construção de um **tipo ideal**: o esporte moderno, em que a apresentação das características definidoras são elencadas à priori, de tal maneira, que cabe à realidade adequar-se a essa tipologia, não levando em conta as determinações da realidade; lembrando que categorias são formas de ser, determinações da existência, como nos bem lembra Lukács (2012), a partir de Marx. Ainda há outras limitações indicadas por Proni (1998) e Pilatti (2002), como a inadequação do modelo de esporte moderno à forma esporte-espetáculo; impossibilidade do modelo de comportar diferentes manifestações do esporte; falta de lugar no modelo, para a discussão da mercantilização das relações sociais e do esporte.

Traremos agora, a definição de esporte plasmada pelo sociólogo francês **Jean-Marie Brohm**<sup>34</sup> (1940-), presente em seu *Sociologia Política del Deporte*<sup>35</sup>, que teve sua primeira publicação no ano de 1976.

“O Esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, como predomínio do aspecto físico; delimitadas, reguladas, codificadas e regulamentadas convencionalmente, cujo objetivo confesso é, sobre a base de uma comparação de provas, de marcas, de demonstrações, designar o melhor concorrente (o campeão) ou de registrar a melhor atuação (recorde). O esporte é, pois, um sistema de competições físicas generalizadas, universais, aberto por princípio a todos, que se estende no espaço (todas as nações, todos os grupos sociais, todos os indivíduos podem participar) e no tempo (comparações dos recordes entre as diversas gerações sucessivas), e cujo objetivo é o de medir e comparar as atuações do corpo humano concebido sempre como potência aperfeiçoável. **O esporte é, pois em definitivo, um sistema cultural que registra o progresso corporal humano objetivo, é o positivismo institucionalizado do corpo, o museu das atuações, o arquivo dos êxitos através da história.** É a instituição que a humanidade descobriu para tomar nota de sua progressão física contínua; o conservatório do recorde onde ficam registradas suas façanhas. A história do esporte está concebida explicitamente como uma mitologia da ininterrupta ascensão até a superação: ‘citius, altius, fortius’. **Este espírito novo, industrial, que reflete todas as categorias centrais do modo de produção capitalista e as subordina ao princípio do rendimento que integra o corpo humano em uma fantástica corrida em direção ao êxito. Essa consciência esportiva é parte constitutiva do universo contemporâneo.**” (BROHM, 1982, p.42-43, tradução nossa).

Afirma o autor, que desta definição se depreendem todas as demais características do esporte, como:

**a) princípio do rendimento:** Brohm (1982), considera o esporte como a busca essencial e primordial pelo desempenho corporal, “[...] todo o esporte de competição está organizado institucionalmente para produzir o melhor rendimento, é o único critério, o rendimento a qualquer preço, quaisquer que sejam as circunstâncias, (BROHM, 1982, p.44, tradução nossa); neste princípio, reside, também, uma tese central da Sociologia Política do Esporte de Brohm, qual seja, que o esporte é um modelo típico e ideal da sociedade industrial, cujo eixo é o rendimento produtivo e competitivo. Aqui, nos deparamos com um recurso teórico muito empregado por Brohm, as homologias<sup>36</sup> cuja tese central, nesse caso, é de que o esporte reflete

---

<sup>34</sup> No trato da obra de Brohm nos deteremos de maneira mais extensa, devido a importância que assume na recepção das Teorias Críticas do Esporte na década de 1980, como demonstraremos a seguir.

<sup>35</sup> Também sem tradução para o português.

<sup>36</sup> De maneira geral, a homologia refere-se à semelhança estrutural ou funcional entre elementos ou características em diferentes contextos.

fielmente o princípio do rendimento sobre o qual está construída a sociedade industrial capitalista. (BROHM, 1982).

**b) sistema de hierarquização:** “[...] para resumir, se pode dizer, que o esporte é a poesia corporal da hierarquia.”. (Brohm 1982, p.46, tradução nossa). Parte do pressuposto de que todo o sistema esportivo, está assentando sobre a ideia de uma hierarquia física, em todos os seus níveis, começando pela hierarquia entre as modalidades esportivas, em que há modalidades principais<sup>37</sup> e secundárias; passando pela hierarquização entre as nações, além de compreender uma hierarquia paralela entre o sistema social; o que o torna – sistema esportivo – autocrático e tecnocrático.

[...]Outro tipo de hierarquia que tem consequências políticas importantes é a entre nações esportivas. No mercado de competições esportivas internacionais, as nações são classificadas de acordo com o número de medalhas de ouro, prata e bronze conquistadas. Em suma, pode-se dizer que o esporte é o corpo da hierarquia. O esporte, portanto, reproduz, do ponto de vista da organização e no plano das superestruturas ideológicas, o modelo burocrático da sociedade capitalista de Estado (ou sociedade burocrática de Estado nos países orientais, especialmente em sua versão estalinista totalitária ou neoestalinista-Maoísta). Parafraseando Hegel e Marx, pode-se ironicamente dizer que o sistema esportivo é a corporação burocrática da hierarquia dos corpos treinados. Mas esta ideologia apoia e condiciona outra igualmente virulenta e profundamente ancorada no sistema dos aparatos ideológicos do Estado: é a hierarquia paralela, a hierarquia-evasão, que dá tanto peso e importância a todas as competições injustas que têm por objeto permitir que os indivíduos tentem suas oportunidades (BROHM, 1982, p. 45-47, tradução nossa).

**c) princípio da organização burocrática:** Assim como, no sistema de hierarquização, sob forte influência de Max Weber, Brohm afirma que o sistema esportivo carrega todas as características abordadas por Weber: 1. Organização racional do trabalho; 2. Rígida organização em níveis hierárquicos; 3. Divisão/especialização das tarefas; 4. Meritocracia na ascensão das tarefas; 5. Níveis hierárquicos; e 6. O burocrata não é proprietário dos meios de produção; se configurando como um sistema burocrático em estado puro. “[...] o esporte já é um exemplo típico de organização; é a expressão característica de uma organização que encontra em si mesma seu próprio fim em uma sequência infinita.”. (BROHM, 1982, p. 50, tradução nossa).

---

<sup>37</sup>Na versão em língua espanhola, encontramos o termo *reinas*, modalidades trata-se de nossa tradução livre.

d) *princípio da publicidade e transparência*. A atividade esportiva não tem sentido sem uma massa de telespectadores, argumenta Brohm, o esporte é antes um vasto complexo audiovisual em que há exibição dos esportistas. “[...], por conseguinte, reina no esporte o princípio do espetacular que reflete perfeitamente esta ‘sociedade do espetáculo’.”. (BROHM, 1982, p.56, tradução nossa).

Além dessa longa e completa conceituação de esporte, em “Sociologia Política do Esporte”, buscou compreender e demonstrar as imbricações entre esporte e modo de produção capitalista, isso porque sua análise atentava criticamente para a indissociabilidade, entre o sistema esportivo e a sociedade urbano-industrial capitalista. De orientação teórica eclética<sup>38</sup>, Brohm (1982) assegurava, em linhas gerais, que o esporte era o resultado “superestrutural” do estabelecimento do sistema capitalista industrial moderno. De maneira que apenas sob as condições inauguradas por esta configuração social é que o fenômeno esportivo pôde se desenvolver.

Assim, Brohm dedicou-se ao estudo do esporte, fenômeno que julgava marginalizado pelas ciências sociais, pois, para ele, ao passo que a grande imprensa acompanhava as proezas, os recordes e as personalidades esportivas, a investigação sociológica descuidava desse campo de investigação, demandando, assim, uma teoria geral. Brohm (1982), então, caracteriza o esporte como um subsistema com relativa autonomia do sistema social global – o capitalismo, procurando desvelar tanto suas estruturas de funcionamento, como seu desenvolvimento histórico-contraditório.

A partir de sua segura leitura das obras de Marx, o esporte foi apreendido, em sua construção teórica, como síntese de múltiplas determinações, uma unidade na diversidade, um sistema institucionalizado de atividades competitivas com predomínio do aspecto físico.

Ademais, para ele, o esporte se trata de um sistema de competições físicas generalizadas, universais e abertas – por princípio – a todos, que se estende no espaço e no tempo, cujo objetivo último é o de medir e comparar as atuações do corpo humano como uma potência sempre aperfeiçoável. Em síntese, argumentava

---

<sup>38</sup> Durante o texto, Brohm opera com clara inspiração na obra de Marx e de teóricos marxistas, assim como, Weber, Lévi-Strauss, Freud, Althusser entre outros, caracterizando o que podemos chamar de uma abordagem eclética.

o sociólogo, trata-se de uma instituição que a humanidade criou para registrar sua progressão física.

Ou ainda, um espírito industrial que traduz as categorias do modo de produção capitalista, do qual emergia todas as demais características do esporte moderno: princípio do rendimento, a característica fundante do esporte moderno; sistema de hierarquização; princípio da organização burocrática; e princípio da publicidade e transparência.

Nesses termos, podemos observar que a sociologia política do esporte de Jean-Marie Brohm se alicerça e se desenvolve a partir de três eixos basilares: o **ideológico**, o **econômico** e o **político**. O primeiro compreende o esporte como um aparelho ideológico de Estado<sup>39</sup>; um meio de governo. O segundo concebe o esporte – que passa a ser uma commodity – como um importante setor de acumulação da economia capitalista. E, o último, que toma o esporte a partir de suas características integradoras, mistificadoras, uma espécie de “emplastro Brás Cubas”, a panaceia universal, a solução para parte dos problemas da humanidade.

A partir do breve exposto, fica claro o potencial analítico presente na obra de Brohm, particularmente o consignado em *Sociologia Política do Esporte*, ainda não suficientemente explorado, e que reúne as melhores condições objetivas, para se estabelecer um diálogo crítico com a obra de Marx e a boa tradição marxista, objetivando a possibilidade de uma **renovação da crítica marxista ao esporte**.

Contudo, devemos apontar o que julgamos limitações e insuficiências de sua teoria geral do esporte, a primeira deriva de seu ecletismo teórico, coadunando na mesma análise, autores inconciliáveis, como Marx<sup>40</sup>, Freud, Weber<sup>41</sup>, Althusser etc. Outra insuficiência que pode ser apontada, diz respeito, a uma generalização

---

<sup>39</sup> Percebemos nessa passagem, ao utilizar os conceitos de *aparelhos ideológicos de Estado*, a forte influência que Louis Althusser, exerce sobre a obra de Brohm

<sup>40</sup> Carlos Nelson Coutinho, em excelente ensaio denominado *Pluralismo: dimensões teóricas e políticas*, ao tratar sobre ecletismo: “Dou um exemplo: embora eu seja marxista – pois acho que o marxismo é o ponto de vista mais verdadeiro sobre o social – estou convencido hoje, como marxista, de que temos de reconhecer a enorme contribuição de Freud para o conhecimento do ser humano. Seria ecletismo, porém, se tentássemos conciliar a teoria social de Marx com a teoria social de Freud. Se dizemos que é verdade que a história se explica pela luta de classes, não podemos dizer que é também verdade, como diz Freud, que os conflitos decorrerem do aumento da repressão sexual e, como tal, do aumento da agressividade. São posições absolutamente incompatíveis. Ou seja: não é possível conciliar, a não ser ecleticamente, a teoria social do marxismo, o materialismo histórico, com a teoria social de Freud.” (COUTINHO, 1991, p.13).

<sup>41</sup> Ranieri Carli, em seu trabalho de doutoramento defende que a obra de Weber se trata de uma alternativa conservadora a Marx, ou seja, se trata de uma opção burguesa ao materialismo histórico-dialético.

abstrata do fenômeno esportivo, no sentido, de que entende seu desenvolvimento, constituição e prática de maneira igual em todos os lugares e contextos, desconsiderando assim, particularidades e especificidades locais, regionais ou até mesmo nacionais.

Seguindo nossa intenta, não encontramos ao longo da obra do sociólogo francês **Pierre Bourdieu** (1930-2002), uma definição tradicional do fenômeno esportivo, no entanto, podemos inferir que, ao sistematizar e teorizar através de sua teoria dos campos, compreende o esporte (*campo esportivo*, ou *campo do esporte*) a exemplo de outras práticas sociais (os mais diversos campos: mídia, arte, etc.), como um tempo e espaço no qual os agentes ocupam posições e conservam interesses de diversas ordens, a disputa entre dominantes e dominados. Entende que o esporte, está inserido na lógica mercantil, assim, os atores sociais, ganham importância na dimensão da oferta e da procura. (BOURDIEU, 1983).

**Norbert Elias** (1897-1990) e **Eric Dunning** (1936-2019), teóricos que buscaram evidenciar o esporte, enquanto questão relevante para as ciências sociais, desenvolveram uma série de análises a partir dos anos 1960, que impactaram o desenvolvimento da Sociologia do Esporte. Trataremos suas contribuições de maneira unitária<sup>42</sup> daqui em diante, sob a denominação de **Sociologia Configuracional**<sup>43</sup> do esporte. Para esses autores, o esporte seria uma prática oriunda da modernidade – na transição do século XVIII para o XIX, surgida no âmbito europeu mais especificamente de origem inglesa, como derivação dos jogos populares e tradicionais, assim como, de rituais marcados por grande violência. A prática esportiva moderna, parametrizada por regulamentos e regras rígidas, que tem por finalidade manter as práticas violentas sob controle, representa um avanço civilizacional. (ELIAS, 1992).

Para ilustrar a compreensão desses autores, segue pequeno excerto, “[...] *O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quando*

---

<sup>42</sup> Dunning, foi orientando de Elias, e o responsável por apresentá-lo ao debate sobre o esporte, desde então, desenvolveram fértil e extensa colaboração teórica, resultando, por exemplo em “*A Busca pela Excitação*” (1992), mais importante obra desses autores, tendo como tema o esporte e suas problemáticas.

<sup>43</sup> Neste momento, não nos deteremos sobre a obra destes autores, uma vez que, na segunda parte desta tese haverá uma sessão dedicada exclusivamente à tematização de sua obra. Por ora, a fim de que, cumprir a apresentação das principais definições/conceituações sobre o esporte, fizemos de maneira bastante sumarizada a exposição de sua contribuição. Adotaremos o mesmo procedimento, no trato da obra de Bourdieu.

*imaginário, que o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos.*” (ELIAS, 1992, p.84), proporcionando um **descontrole de emoções agradável e controlado**.

No Brasil, foi **Valter Bracht** (1957-) no final da década de 1990, o responsável por apresentar-nos uma conceituação de esporte, que logrou enorme destaque e exerce grande influência não só na Sociologia do Esporte, mas, em toda a área da Educação Física até hoje. Tornando-se inclusive, conceituação presente em currículos pedagógicos; concursos públicos; referência na definição do esporte, em políticas públicas como, por exemplo, o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e, que expressa, a nosso ver, uma síntese das várias influências retratadas, pioneiramente, no célebre e já clássico livro “**Sociologia Crítica do Esporte**”<sup>44</sup>.

“O esporte moderno refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia por volta do século XVIII, e que com essa, expandiu-se para o resto do mundo. O esporte moderno resultou de um processo de modificação poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo inicia-se em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do XX.”. (BRACHT, p. 2005).

Concluída a apresentação das conceituações e compreensões mais significativas acerca do esporte, podemos intentar que tais formulações, a despeito da imensa importância e relevância que possuem, e da atemporalidade de algumas postulações, hoje são insuficientes para a apreensão da complexidade desse processo social, em outros termos, não apreendem a nova morfologia do esporte contemporâneo em sua completude.

Marcelo Proni, em instigante artigo denominado, **Proposições para o Estudo do Esporte Contemporâneo** (2011), afirma que o motivo para tantos autores terem divergências na compreensão dos processos sociais, que deram origem ao esporte

---

<sup>44</sup> Supomos que a importância desse texto não foi, ainda, suficientemente explorada, apesar de sua publicação ser relativamente recente tornou-se um clássico, pela atualidade do conjunto de questões que suscita e devem ser enfrentadas; pela ampla e complexa agenda de pesquisa que sugere; e por pioneiramente aglutinar as principais tendências teóricas que tem orientado a produção de conhecimento nessa área.

moderno, ou, que melhor explicam as funções do esporte contemporâneo, não se restringe ao fato de se apoiarem em distintos modelos de análise, para além disso, afirma ser por conceberem de maneira distinta elementos que constituem a modernidade.

“É conveniente esclarecer que o motivo para diferentes autores divergirem na compreensão dos processos sociais que deram origem ao esporte moderno, ou que melhor explicam as funções do esporte contemporâneo, não se restringe ao fato de se apoiarem em distintos modelos de análise. Existem, além disso, diferenças de entendimento do que constitui a “modernidade”. Ou seja, em virtude de cada abordagem privilegiar um ou outro aspecto, essa ou aquela faceta das sociedades modernas, autores como Guttman, Elias e Bourdieu acabam formulando explicações parciais, ou seja, interpretações que destacam certos processos, mas não poderiam apreender o conjunto das transformações que resultaram em realidades sociais cada vez mais complexas. Explicando melhor: se Guttman fala de racionalização e burocratização, se Elias destaca o controle da violência e a satisfação de necessidades emocionais dos indivíduos, se Bourdieu enfatiza os determinantes da oferta e da demanda geral da formação das sociedades modernas, que ilumina certas ações e aspirações de indivíduos concretos. E, em decorrência, cada um aponta uma vertente do processo de constituição e constante mudança do mundo esportivo.”. (PRONI, 2011, p.170).

Concordamos com Proni (2011), quando aponta que autores como Guttman, Elias e Bourdieu<sup>45</sup>, de fato apresentam-nos importantíssimas formulações, porém parciais na compreensão do esporte e seus desdobramentos; mas, discordamos de que seja um problema derivado tão somente da compreensão dos sentidos da modernidade, julgamos que esses problemas decorram da escolha do modelo analítico de apreensão da realidade concreta – que por sua vez, incidem também na própria compreensão da modernidade -. E, no que concerne à compreensão do esporte contemporâneo, da impossibilidade<sup>46</sup> de apropriação de sua nova anatomia, a partir do movimento de deslocamento dos valores do esporte moderno para o esporte contemporâneo.

Necessário destacar que, não tencionamos com esse trabalho apresentar uma nova e original conceituação sobre o esporte, dado que, não se coloca como central para seu posterior desenvolvimento, nem reunimos condições objetivas para tal empreita. Não obstante, levando em conta a discussão até aqui acumulada,

---

<sup>45</sup> Observação que se estende a todos os autores que tematizamos ao tratar a conceituação de esporte.

<sup>46</sup> Importante, nesse caso, admitir que tal impossibilidade é uma imposição arbitrária e cronológica, considerando as obras e autores por nos eleitos.

permitimo-nos alguns apontamentos: considerando o fundamento marxiano de que categorias são formas de ser, determinações da existência, e de que o esporte é um processo vivo em constante modificação/expansão, julgamos, que mais adequado seria estabelecer não a busca por um conceito, mas, sim, a partir do ponto de vista de totalidade<sup>47</sup> e, de pressupostos onto-materialistas estabelecer a apreensão do **ser do ser do esporte**, observando as tendências e características que sua expressão contemporânea vem assumindo, especialmente às derivadas de sua subsunção à forma mercadoria e espetacularizada. Objetivando, “[...] o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva.”. (NETTO, 2011, p.20).

Outra contribuição possível para o entendimento do esporte contemporâneo, advém da categoria “**típico**”, utilizada por Lukács em sua vasta produção sobre estética, julgamos, que a compreensão de típico pode ser uma chave conceitual para apreendermos o esporte, sobretudo do ponto de vista conceitual, em sua “universalidade”, assim como, o entendimento de suas “singularidades” e especificidades, como por exemplo, suas inúmeras modalidades que vem se multiplicado muito rapidamente. Lembrando, que o “[...] *típico, pra Lukács, corresponde antes a tendências e forças históricas que se concretizam em personagens e em suas ações, sem que eles deixem de ser individualizados.*”. (OTSUKA, 2014, p.39).

A discussão sobre o típico/tipicidade, se dá na obra Lukacsiana em sua longa e profícua teorização sobre o realismo na literatura, se faz presente em textos esparsos<sup>48</sup>, assim como, em sua monumental **Estética**. Para Lukács, inspirado e retomando elaborações de Engels<sup>49</sup>, cuja concepção de realismo é o dar forma a “personagens típicos em situações típicas”, caracteriza o típico como aquele que permite superar a singularidade, o meramente individual, ao mesmo tempo que permite superar a abstratividade do universal; o personagem típico: não é a pura

---

<sup>47</sup> Para Lukács, a partir de Marx, totalidade não é um produto formal do pensamento, mas reprodução ideal do movimento do real, ou seja, totalidade é uma categoria central da realidade.

<sup>48</sup> Podemos citar, por exemplo: “O Romance como epopeia burguesa” (1935), “Narrar ou descrever” (1936).

<sup>49</sup> Sobre o aprofundamento nessa discussão, consultar o texto: “Friedrich Engels como teórico e crítico literário” presente no livro de Lukács “Marx e Engels como historiadores da literatura”, em que analisa a produção de Engels, enquanto crítico literário, além de analisar correspondências de Engels em que tematiza essa questão, Texto Marx e Engels, como historiadores da literatura.

singularidade, mas também não requer a universalidade abstrata. Em síntese, podemos tratar o *típico* como unidade entre uma singularidade inconfundível e expressão das tendências gerais que perpassem a sociedade, ou seja, não se trata de algo abstrato, mas, sim que contém as características que atravessam o ser social.

O típico é, por conseguinte, o universal que se exprime nos momentos singulares, de modo a formar uma unidade inseparável de universal e singular, um *in-dividuum*, um indivíduo que nasce da relação de conteúdo e forma. Esta relação é específica somente da arte ou se pode encontrar em outras formas do pensamento humano? Para Lukács a arte tem o mesmo processo abstrativo das formas lógicas, isto é, a representação da realidade é uma abstração como o reflexo da realidade no pensamento sob a forma lógica. Eis porque a arte, como a lógica, procura o universal no singular e exprime o tipicamente real. (INFRANCA, 2014, p.104).

Desta feita, a partir do **típico** lukacsiano, transpondo-o da crítica literária para a compreensão do ser do esporte contemporâneo - sobretudo em sua categorização - permiti-nos assim, lançar mão, não mais de uma conceituação/elaboração estanque que busque abarcar o complexo do esporte em toda a sua amplitude e totalidade, tarefa que sabemos, fadada ao insucesso. Mas, de um modo de apreensão da realidade concreta das diferentes manifestações esportivas, que **condensem** suas **singularidades**<sup>50</sup> – caracteres típicos em circunstâncias típicas – superando o meramente individual; com o **universal**, as expressões de tendências gerais que marcam o ser social, no caso do esporte, a sua principal marca na contemporânea sociedade tardo-burguesa, seu processo de mercantilização.

## 2.2 Decadência Ideológica Burguesa e as Ciências Sociais.

Adentraremos agora, para a discussão concernente à Sociologia. Quando abordamos o *Projeto* da Modernidade, partimos do pressuposto de que corresponde ao período de consolidação do **modo de produção capitalista** e sua respectiva organização da vida societal, por conseguinte, da consolidação da classe que o representa no poder, a **burguesia**. Ao tratarmos da burguesia, devemos advertir que

---

<sup>50</sup> Faço aqui referências as mais diversas modalidades esportivas, aos esportes eletrônicos, e-sports, à proliferação dos mal chamados “novos esportes”. etc.

objetivamente, em uma primeira etapa de seu desenvolvimento, ela representava a totalidade dos interesses do povo na luta pela superação do feudalismo, não só compondo, mas liderando o Terceiro Estado; a burguesia se impôs como protagonista dos movimentos revolucionários sendo, a “porta-voz” dos interesses universais.

O século XVIII assinala a conquista do poder político por parte da burguesia. As proclamadas “Revoluções Burguesas”<sup>51</sup> eliminaram qualquer resquício da sociedade feudal-absolutista<sup>52</sup>. O conjunto de revoluções que se iniciaram no século XVIII e se prolongaram até o século XIX alçou uma classe que já possuía relevância econômica – a burguesia – ao exercício pleno do poder. A própria denominação “Revoluções Burguesas” representa a ascensão desta classe ao poder.

“Na época em que a burguesia era o porta-voz do progresso social, seus representantes ideológicos podiam considerar a realidade como um todo racional, cujo conhecimento e conseqüente domínio era possibilidade aberta à razão humana. Desde a teoria de Galileu de que a ‘natureza é um livro escrito em linguagem matemática’ até o princípio hegeliano da ‘razão da história’, estende-se uma linha que – apesar de suas sinuosidades – afirma claramente a subordinação da realidade a um sistema de leis racionais, capazes de serem integralmente apreendidas pelo nosso pensamento. Ao tornar-se uma classe conservadora, interessada na perpetuação e **na justificação teórica do existente**, a burguesia estreita cada vez mais a margem para uma apreensão objetiva e global da realidade; a razão é encarada com um ceticismo cada vez maior, renegada como instrumento do conhecimento ou limitada a esferas progressivamente menores ou menos significativas da realidade.”. (COUTINHO, 2010, p.22).

Com o estabelecimento do capitalismo industrial<sup>53</sup> e sua consolidação no poder, a burguesia, abandona os elementos progressistas da modernidade,

---

<sup>51</sup> São elas: Revolução Inglesa (1640), Revolução Americana (1776), Revolução Francesa (1789), e a Revolução Industrial. Este ciclo revolucionário, só se encerra em 1848, com a repressão à “Primavera dos Povos” movimento revolucionário de 1848, tendo como protagonistas os trabalhadores.

<sup>52</sup> Se num primeiro momento – o período de expansão comercial -, a aliança com o rei foi um elemento de progresso para a nascente burguesia, num segundo momento, mais precisamente o século XVIII a monarquia apresenta-se como um entrave para o desenvolvimento burguês

<sup>53</sup> Carlos Guilherme Mota ao discorrer sobre o assunto adverte: “As Revoluções Burguesas – e a Revolução Industrial entre elas – implantaram a *ordem burguesa*, separando o capital do trabalho, ou seja, separando o trabalhador (ou proletariado) dos meios de produção. A separação em classes não é mais expressão de um ordenamento medieval, baseado na hereditariedade (o filho de um nobre é um nobre; o filho de um artesão alfaiate é também alfaiate) e na religião. A sociedade contemporânea já não é mais de estamentos, mas de classes. Na sociedade de classes, as relações sociais passam a definir-se como *relações contratuais* e não mais como relações de vinculação pessoal, ou de ‘direito divino.’” (MOTA, 1986, p.93).

tornando-se classe conservadora, movimento que se dá pelo reconhecimento e surgimento, na história, de uma “[...] *classe autônoma, em-si e para-si, capaz de resolver em sentido progressista as novas contradições geradas pelo próprio capitalismo triunfante*” (COUTINHO, 2010, p.22), a **classe operária**, ou como denomina Marx, o moderno proletariado industrial.

Há pelo menos, duas importantes e conhecidas passagens de Marx, uma contida, no posfácio da segunda edição de *O Capital*, e outra no *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, em que, Marx assinala, que com o encerramento do período heroico da classe burguesa, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, se coloca no centro do cenário histórico, provocando uma clivagem no desenvolvimento da filosofia burguesa, não mais interessava a essa classe preservar sua verve revolucionária, como veremos a seguir. Primeiro, na passagem contida em *O Capital*:

“A burguesia conquistara poder político, na França e na Inglaterra. Daí em diante, a luta de classes adquiriu, prática e teoricamente, formas mais definidas e ameaçadoras. Soou o dobre de finados da ciência econômica burguesa. Não interessava mais saber se este ou aquele teorema era verdadeiro ou não; mas importava saber o que, para o capital, era útil ou prejudicial, conveniente ou inconveniente, o que contrariava ou não a ordenação policial. Os pesquisadores desinteressados foram substituídos por espadachins mercenários, a investigação científica imparcial cedeu seu lugar à consciência deformada e às intenções perversas da apologética.”. (MARX, 2006, p.23-24).

Em seguida, na segunda passagem presente no *18 de Brumário de Luís Bonaparte*:

“A burguesia tinha a noção correta de que todas as armas que ela havia forjado contra o feudalismo começavam a ser apontadas contra ela própria, que todos os recursos de formação que ela havia produzido se rebelavam contra a sua própria civilização, que todos os deuses que ela havia criado apostataram dela.”. (MARX, 2011. p.80).

Portanto, de acordo com Marx (2011), o ano de 1848<sup>54</sup>, no plano das ideias, caracteriza-se enquanto uma data de importância histórico-universal, pois, indica o abandono por parte da burguesia, dos valores revolucionários de sua fase ascendente, iniciando o que Lukács (2016)<sup>55</sup> denominou como ciclo de **decadência ideológica**, sua fase conservadora, a partir do processo de desarticulação e dissolução do hegelianismo<sup>56</sup>, a “última grande filosofia burguesa”. O marco dos anos 1830/1848, e os eventos que dele se desencadearam, demarcam ainda, um determinante processo “*a herança ilustrada passa às mãos do proletariado, que se situa, então, como sujeito revolucionário.*”. (BRAZ e NETTO, 2007, p.20).

As barricadas de Paris em 1848, designam o ápice do processo de constituição do proletariado enquanto classe para si, reivindicando o grande legado da humanidade, incorporando-o. A partir deste entendimento, qual seja, do protagonismo<sup>57</sup> do nascente movimento operário nos processos revolucionários, podemos discernir pelo menos duas etapas principais no desenvolvimento da filosofia burguesa, uma vez que, a herança teórico-cultural emancipadora da qual era legatária, torna-se incompatível com sua perspectiva de classe:

---

<sup>54</sup> “1848, numa palavra, explicita, a ruptura do bloco histórico que derruiu a ordem feudal: trouxe à consciência social o ineliminável antagonismo entre capital e trabalho, burguesia e proletariado.[...] Em nível histórico-universal, a experiência de 1848 demonstrou os limites reais do projeto sócio-político conduzido pela burguesia – a *liberdade* deve restringir-se à liberdade de concorrer no mercado, a *igualdade* esgota-se na formalidade jurídica e a *fraternidade* se resolve na retórica e no moralismo. O *projeto de emancipação humana*, nestes limites, não desborda o terreno da *emancipação política*, tal como Marx mesmo o vislumbrou em 1844. A partir desse marco, o protagonismo burguês centra-se na conservação da ordem (para a qual concorrem, necessariamente, programas reformistas, tornados especialmente claros depois de 1848) que se veio instaurando sobre as ruínas do Antigo Regime. A burguesia, enquanto classe, perde o interesse e a capacidade de fazer avançar a socialidade para além dos limites da lógica de acumulação e valorização do capital, em razão da qual se operou a emancipação política e se estabeleceu originalmente a figura do *cidadão*. A dimensão essencial da emancipação humana só terá sentido para um outro sujeito histórico, cuja emersão primeira verifica-se em 1848: o proletariado.”. (NETTO, 1998, p.-19-20)

<sup>55</sup> É extensa a crítica filosófica que Lukács empreende, para analisar as concepções de mundo, assim como, as modalidades de conhecimento engendradas pela cultura burguesa. Essa discussão, está condensada em dois livros monumentais (cada um com cerca de 700 páginas), são eles: *O Jovem Hegel* e *o os Problemas da Sociedade Capitalista*, e *A Destruição da Razão*.

<sup>56</sup> Como sinaliza Marx, em a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*, é na filosofia clássica alemã, sobretudo no sistema hegeliano, que encontramos o ápice do desenvolvimento filosófico do mundo burguês: “*A crítica desta filosofia, portanto, é a crítica da reflexão privilegiada que traduz, no plano do pensamento, as categorias e condições essenciais da sociedade capitalista. Mas não é só: a desintegração daquela filosofia, iniciada com a dissolução do hegelianismo, também é o indício cultural mais eloquente das rupturas que, antagonicamente, dilaceram a formação econômico-social capitalista.*”. (NETTO, 1978, p.13-14).

<sup>57</sup> “Se o *movimento ludista* inglês fora derrotado pouco antes, a ele substituiu-se o *movimento cartista*; e, no continente, avolumam-se as rebeliões e insurreições. Todo esse processo vai explodir nas revoluções de 1848: nas convulsões que abalam a Europa, um novo antagonismo social central está agora na ordem do dia – dois protagonistas começam a se enfrentar diretamente, a burguesia conservadora e o proletariado revolucionário.” (BRAZ e NETTO, 2007, p.20).

“A primeira, que vai dos pensadores renascentistas a Hegel, caracteriza-se por um movimento progressista, ascendente, orientado no sentido da elaboração de uma racionalidade humanista e dialética. A segunda – que se segue a uma radical ruptura, ocorrida por volta de 1830-1848 – é assinalada por uma progressiva decadência, pelo abandono mais ou menos completo das conquistas do período anterior, algumas definitivas para a humanidade, como é o caso das categorias do humanismo, do historicismo e da razão dialética. **Essa descontinuidade da evolução filosófica corresponde naturalmente à própria descontinuidade objetiva do desenvolvimento capitalista.**” (COUTINHO, 2010, p.21, *grifos nossos*).

O que de imediato chama a atenção – como já mencionamos anteriormente, nas passagens de Marx -, é a descontinuidade nas formulações filosóficas operadas pela burguesia, a qual se dá de acordo com o papel que cumpre no processo histórico.

“Tanto o irracionalismo quanto o ‘racionalismo formalista’ [...] são expressões necessárias do pensamento ideológico da burguesia contemporânea, incapaz de aceitar a razão dialética, a dimensão histórica da objetividade, a riqueza humanista da práxis. O predomínio de uma ou outra posição depende de causas históricas. **Quando atravessa momentos de crise, a burguesia acentua ideologicamente o momento irracionalista, subjetivista; quando enfrenta períodos de estabilidade, de ‘segurança’, prestigia as orientações fundadas num ‘racionalismo formal’.** Do ponto de vista filosófico, essa unidade essencial das duas posições aparentemente opostas reflete-se no fato de ambas abandonarem os três núcleos categoriais que o marxismo herdou da filosofia clássica – elaborada pela própria burguesia em sua fase ascendente – e que são, precisamente, o historicismo concreto, a concepção do mundo humanista e a razão dialética.” (COUTINHO, 2010, p.16-17 *grifos nossos*).

Pode-se depreender, em uma leitura pouca atenta da citação acima, que o desenvolvimento da filosofia burguesa, ora operando com o irracionalismo, ora com o racionalismo formal, para dar respostas reacionárias a problemática da luta de classes, não possui uma unidade metodológica e de conteúdo. Muito pelo contrário, para Lukács (2020) o pensamento irracionalista conserva traços básicos, são eles: o **desprezo pela razão; glorificação da intuição**<sup>58</sup>; teoria aristocrática do conhecimento, uma **gnosologia aristocrática; recusa do progresso sócio-histórico**; e por fim, a **criação de mitos**. No entanto, o que ocorre, é que seu

---

<sup>58</sup> Aqui concebida, como instrumento do verdadeiro conhecimento.

desenvolvimento se dá “heteronomicamente”<sup>59</sup>, ou seja, o que determina os adversários do irracionalismo, são as condições materiais objetivas, como veremos a seguir:

“O conteúdo, a forma, o método, o tom etc. de sua reação contra o progresso na sociedade não são determinados por tal dialética interna própria ao pensamento, mas, sobretudo, pelo adversário, pelas condições de luta, que são impostas à burguesia reacionária. Isso precisa ser fixado como princípio básico do desenvolvimento do irracionalismo.”. (LUKÁCS, 2020, p.14-15).

Esperamos nesse rápido preâmbulo, ter demonstrado com relativa clareza a heterogeneidade do Projeto da Modernidade, apontando que a partir de 1848, ele se desdobra em duas vertentes: uma revolucionária, fundada no humanismo, no historicismo concreto e na razão dialética, da qual a **teoria social de Marx** é herdeira; e outra conservadora, fundada em alguns momentos no **irracionalismo**, cuja consequência é a **destruição da razão**, em outros no **racionalismo formal**, cujo resultado é a **miséria da razão**<sup>60</sup>.

Como evidenciamos, os processos derivados do marco de 1848<sup>61</sup>, demarcam uma viragem conservadora no desenvolvimento ulterior da filosofia burguesa. No âmbito teórico-filosófico, abre-se uma dupla fratura: em um polo, surge a **economia burguesa vulgar**, ou como foi posteriormente denominada, economia subjetiva, cujo principal objetivo é fazer desaparecer a questão da mais valia; no outro polo faz surgir a **sociologia**. (LUKÁCS, 2020).

---

<sup>59</sup> Expressão utilizada por José Paulo Netto, em *Lukács e a Crítica da Filosofia Burguesa* (1968).

<sup>60</sup> Em o *Estruturalismo e a Miséria da razão*, Coutinho (2010), elabora o conceito de *miséria da razão* – o racionalismo formalista -, a partir das formulações contidas na *Destruição da Razão* de Lukács. Essa denominação é uma analogia com o termo *destruição da razão*, utilizado por Lukács para designar o processo do irracionalismo moderno.

<sup>61</sup> “1848, como Lukács o demonstrou exaustivamente, assinala que a viragem conservadora da burguesia instaura as condições e a necessidade de liquidar com a tradição humanista-racionalista (fomentando o moderno irracionalismo, fundado pela crítica nietzscheana), de impedir a elaboração de uma teoria social totalizante ancorada na análise da produção material dos suportes da vida social (donde a negação da economia política clássica e sua substituição pela economia vulgar e pelas ciências sociais especializadas), colocando na ordem do dia o combate aos movimentos anticapitalistas – prioritariamente o movimento operário, alçado a novo patamar revolucionário pela superação do utopismo e pelo seu trânsito à condição de *classe para si* e suporte da elaboração teórica de Marx, expressão de um processo de ruptura e continuidade com a herança clássica (a filosofia clássica alemã e a economia política inglesa)”. (NETTO, 2010, p.260).

### 2.2.1 Sociologia, a ciência da burguesia decadente.

Não há, em Marx e Engels, uma análise dedicada exclusivamente à sociologia, nem mesmo se detiveram os autores de *A Ideologia Alemã*, a reconstituir sua gênese e desenvolvimento. Todavia, sua monumental obra designa de maneira bastante nítida, o percurso<sup>62</sup> a ser seguido para tal reconstituição, e quem decide percorre-lo, são os dois maiores filósofos marxistas do século XX: **Antonio Gramsci** (1891-1937) e em especial Lukács, são eles os responsáveis por fundar, por assim dizer, as bases de uma história crítica da sociologia, já que “[...] tornam possível compreender a sociologia como uma ciência autônoma do social que nasce intimamente vinculada ao processo de vulgarização da economia clássica, de empobrecimento da filosofia e de generalização apologética.”. (NOGUEIRA, 1978, p.36-37).

As contribuições gramscianas, estão contidas no texto *Notas Críticas sobre uma tentativa de “Ensaio Popular” de Sociologia*, escrito em resposta ao livro de Nikolai Bukharin, *A teoria do materialismo histórico - Manual popular de sociologia marxista*, publicado pela primeira vez em 1921. Neste trabalho, Gramsci<sup>63</sup> polemiza contra uma das premissas do livro de Bukharin, qual seja, a de que a teoria social marxiana, ou no léxico gramsciano a *filosofia da práxis*, é uma **pura sociologia**, ou seja, reduz o marxismo a uma sociologia, asseverando:

“A redução da filosofia da práxis a uma sociologia representou a cristalização da tendência vulgar, já criticada por Engels, e que, consiste em reduzir toda uma concepção de mundo a um formulário mecânico, que dá a impressão de poder colocar toda a história no bolso.” (GRAMSCI, 1987, p.152).

Ao defender, o legado marxiano, e a boa tradição marxista, e assim, distanciando-os dessa caricata redução, Gramsci, acaba por nos apresentar sua

---

<sup>62</sup> Como aponta Nogueira (1978), “O embate de Marx com os ‘embusteiros palradores da economia vulgar’ (que se apresentam com roupagem muito própria na Alemanha, devido ao ‘peculiar desenvolvimento histórico’ deste país, que ‘impossibilitava qualquer contribuição original para a economia burguesa, embora não impedisse sua crítica’) já continha em si a denúncia dos diferentes aspectos do problema da especialização e do empobrecimento das ciências sociais – que evoluem desprezando a história, abandonando a análise do trabalho e da produção, da concreta forma de reprodução da existência social, e rejeitando, ao mesmo tempo, a perspectiva do proletariado e a totalidade concreta. Os marxistas, posteriormente, saberiam fazer a denúncia vir à tona com todo vigor.”. (NOGUEIRA, 1978, p.36).

<sup>63</sup> Gramsci, adentrou nas discussões sobre sociologia por uma polêmica com Bukharin, como já mencionamos. Não abordando essa problemática de maneira sistemática.

conceituação de sociologia, *a filosofia dos não filósofos*, e os problemas teóricos-metodológicos que dela decorrem.

“A sociologia foi uma tentativa de criar um método para a ciência histórico-política, tentativa subordinada a um sistema filosófico já elaborado, o positivismo evolucionista, sobre o qual a sociologia reagiu, mas apenas parcialmente. Por isto, a sociologia se tornou uma tendência em si, tornou-se **a filosofia dos não-filósofos**, uma tentativa de descrever e classificar esquematicamente fatos históricos e políticos, a partir de critérios construídos sobre o modelo das ciências naturais. A sociologia é, portanto, uma tentativa de extrair “experimentalmente” as leis de evolução da sociedade humana, de maneira a “prever” o futuro com a mesma certeza com que se prevê que uma semente nascerá de uma árvore. O evolucionismo vulgar está na base da sociologia, que não pode conhecer o princípio dialético da passagem da quantidade à qualidade, passagem que perturba toda evolução e toda lei de uniformidade entendida em sentido vulgarmente evolucionista. De qualquer modo, toda sociologia pressupõe uma filosofia, uma concepção de mundo, da qual é um momento subordinado. Não se deve confundir com a teoria geral – isto é, com a filosofia – a particular lógica interna das diversas sociologias, lógica pela qual elas adquirem uma coerência mecânica.”. (GRAMSCI, 1987, p.150-151).

Considerando justas, as excepcionais notas plasmadas por Gramsci, é inconteste que foi Lukács, que se debruçou de maneira sistemática na reconstrução crítica da história da sociologia. Colocando, no centro do debate a defesa da ortodoxia<sup>64</sup> metodológica, e trazendo nas análises os elementos centrais da Teoria Social marxiana, ou seja, tratando-a como uma **ontologia do ser social**. Para, Nogueira (1978), toda a longa e tortuosa evolução filosófica do pensador magiar, é perpassada pelo embate com a sociologia e com as diversas formas de saber social compartimentalizado.

“Da enfática defesa da perspectiva da totalidade concreta em *História e Consciência de Classe* à denúncia do irracionalismo no pensamento sociológico alemão em *O Assalto a Razão*<sup>65</sup>, uma constante se sobressai: a rejeição da pretensão sociológica a um objeto autônomo como equívoca e regressiva. Rejeição que atinge seu ponto máximo com a perspectiva ontológica, para qual, ‘as fronteiras entre as ciências têm um significado secundário’, na medida em que o ‘complexo deve ser estudado como complexo’ e em que cada conexão do ser (o objeto da ontologia) ‘vem

---

<sup>64</sup> “Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao *método*.”. (LUKÁCS, 2003, p.64).

<sup>65</sup> Título que corresponde à tradução espanhola, em língua portuguesa é traduzido como *A Destruição da Razão*.

tratada como conexão existente, enquanto é considerado secundário perguntar-se qual a ciência que dela se ocupa'. Com a *Ontologia*, Lukács se completa; a crítica da sociologia, assim, encontra seu justo escoadouro.". (NOGUEIRA, 1978, p.38-39).

Da passagem acima de Nogueira (1978), toma relevo na discussão, a defesa Lukacsiana da categoria da totalidade no trato dos complexos, rejeitando assim, a departamentalização e especialização das ciências da qual a sociologia é expressão, - defesa essa tão cara em sua trajetória – e, a busca do *objeto* do qual a sociologia seria responsável, o social.

Lukács (1981), ao estabelecer as determinações para a crítica do desenvolvimento da **Sociologia**, acaba por reconstituir sua gênese como disciplina independente, circunscrevendo seu nascedouro na primeira metade do século XIX, na Inglaterra e França, a partir da dissolução da **economia política clássica** – com o abandono da escola de Ricardo e da teoria do valor-trabalho -; e da dissolução do **socialismo utópico**, que tinha como principais expoentes **Saint-Simon**<sup>66</sup> e **Fourier**.

“O nascimento da sociologia como disciplina independente faz com que o tratamento do problema da sociedade deixe de lado sua base econômica; a suposta independência entre as questões sociais e as questões econômicas constitui o ponto de partida metodológico da sociologia.” (LUKÁCS, 1981, p.132).

De maneira complementar, Marco Aurélio Nogueira delimita as origens da sociologia.

“A sociologia constitui-se como ciência, na primeira metade do século XIX, com limites bem estabelecidos. Esquemáticamente, é possível afirmar que esses limites estão dados, por um lado, pela pretensão de autonomia e exclusividade de objeto, que a nova ciência revela desde o início e que vai se acentuando a partir do percurso de algumas etapas de seu desenvolvimento. Por outro lado, os limites estão dados também pelos fundamentos positivistas (não apenas comteanos) que enformam a sociologia. De Comte a Durkheim e Weber, o pensar sociológico põe-se sempre como um traço essencialmente positivista, o que faz proceder de maneiras fragmentadora (diluindo a totalidade histórico-social), e prender-se ao empírico e às abstrações genéricas; em outros termos, a perder a dimensão do concreto, da historicidade.”. (NOGUEIRA, 1978, p.21).

---

<sup>66</sup> Exerceu forte influência em Marx e Engels, sobretudo nas discussões políticas.

No que concerne à dissolução da economia política clássica, além de sua flagrante vulgarização, chama a atenção o novo *modus operandi* dos intelectuais burgueses<sup>67</sup>, no explícito ataque a categoria valor-trabalho; e esforço na transformação da economia em uma ciência exata a *econometria*, a partir da incorporação de fórmulas matemáticas e do método empírico, objetivando com esse esvaziamento uma ciência formalista, abstraindo sua área de teoria social. (CARLI, 2009).

Já, no que se refere à liquefação do socialismo utópico, de Saint-Simon e Fourier, convém, também, demarcar o importante papel revolucionário que a filosofia positivista pré-1848<sup>68</sup>, representada em figuras como o enciclopedista **Marquês de Condorcet** (1743–1794), teve na luta contra o misticismo, o obscurantismo clerical, e contra o Antigo Regime. (CARLI, 2008).

Tendo como seus principais expoentes **Augusto Comte** (1798-1857), **Herbert Spencer** (1820-1903), **Émile Durkheim** (1858-1917) e **Max Weber**<sup>69</sup> (1864-1920), impunha-se, a sociologia, inicialmente, como a ciência universal da sociedade, fundava-se não na economia, mas sim na ciência da natureza, defendia o progresso social, ou melhor, objetivava demonstrar cientificamente o progresso social<sup>70</sup>. O estatuto de ciência obtido pela Sociologia, está vinculado à compreensão de que a sociedade é regida por uma lei natural, universal, “[...] desse modo, a Sociologia conhece o seu método: se o biólogo cuida de seu objeto do modo como este se apresenta, caberia ao sociólogo proceder de maneira semelhante.”. (CARLI, 2009, p. 264), evidencia-se aqui, no âmbito do pensamento essa faceta reificada da cotidianidade burguesa.

---

<sup>67</sup>Ranieri Carli (2009), aponta os principais economistas burgueses desse novo momento da filosofia burguesa, que operaram em diferentes estágios de seu desenvolvimento: Jean-Batiste Say (1767-1832); Thomas Malthus (1766-1834); Alfred Marshall (1842-1924); Stanley Jevons (1835-1882); Carl Menger (1840-1921); e Leon Walras (1834-1910).

<sup>68</sup> Ou seja, antes de Comte e Spencer, que adotam uma postura teórico-filosófica de justificação do existente.

<sup>69</sup> Necessário salientar, que não existe homogeneidade na elaboração desses autores, há significativas diferenças entre eles, sobretudo em Max Weber, a quem Lukács chama *um sábio de seu tempo*.

<sup>70</sup> Para Marco Aurélio Nogueira, “[...]o pensar sociológico põe-se sempre com um traço essencialmente positivista, o que o faz proceder de maneira fragmentadora (diluindo a totalidade histórico-social), e prender-se ao empírico e às abstrações genéricas; em outros termos, a perder a dimensão do concreto da historicidade.”. (NOGUEIRA, 1978, p.21).

A sociologia, ao apregoar a relação de independência ante o complexo das questões sociais, e em relação ao complexo das questões econômicas<sup>71</sup>, evidencia sua impossibilidade de impetrar uma crítica profunda ao modo de produção capitalista.

“Em primeiro lugar, a nova ciência do período da decadência, a sociologia como ciência própria, vem do desejo dos ideólogos burgueses de conhecer a legalidade e a história do desenvolvimento social *separadas da economia*. A tendência objetivamente apologética desse desenvolvimento é manifesta. Após, o surgimento da economia marxiana teria sido impossível ignorar a luta de classes como fundante do desenvolvimento social, caso estudassem as relações sociais a partir da economia. Para escapar dessa necessidade, a sociologia emergiu como ciência autônoma, e quanto mais ela elaborou seu método específico, tanto mais formalista se tornou, tanto mais substituiu a investigação dos nexos causais na vida social pelas análises formalistas e inferências analógicas vazias.”. (LUKÁCS, 2016, p.113).

Assim, a constituição da sociologia enquanto ciência especializada, sem objetivar dar respostas estruturais à dinâmica societal, fruto da compartimentalização e divisão pormenorizada do saber, é em sua **gênese** manifestação da decadência ideológica da burguesia<sup>72</sup> em sua luta contra a teoria social marxiana<sup>73</sup>.

Portanto, atestamos as avaliações e análises de Gramsci e sobretudo de Lukács, sobre os delineamentos da gênese das ciências particulares, em especial a sociologia, como tratamos até aqui, mas como sabemos não há identidade entre **gênese** e **desenvolvimento**<sup>74</sup>. E, como aponta Carli (2008), em seu

---

<sup>71</sup> Digno de nota, é a passagem de Lukács (2016), que trata sobre esvaziamento e formalismo ao tratar de problemas complexos da produção e reprodução material da vida social: “[...] consumou-se a fuga da economia diante da análise do processo global da produção e reprodução em direção à análise dos fenômenos superficiais isolados na circulação. [...] Enquanto no período clássico predominava a busca por compreender a conexão dos problemas sociais com os econômicos, o período da decadência interpõe uma barreira artificial, pseudocientífica, pseudometodológica entre eles, criando uma separação que só existe na imaginação.”. (LUKÁCS, 2016, p.113-114).

<sup>72</sup> Posição também defendida por Hobsbawm (2016) “A sociologia, que como disciplina acadêmica, era um produto do período de 1870-1914, sofre ainda a consequência dos infundáveis e inconclusivos debates sobre classe e status social, devido à predileção de seus praticantes pela reclassificação da população do modo que melhor convenha às suas convicções ideológicas.”. (HOBSBAWM, 2016, p.265).

<sup>73</sup> Como já demonstramos anteriormente, mas é válida a sua reiteração: em seu trabalho de doutoramento, Ranieri Carli (2008), demonstra que a obra de Max Weber corresponde à criação de uma alternativa conservadora a Marx, uma opção burguesa ao materialismo histórico-dialético.

<sup>74</sup> Sobre essa questão, Carlos Nelson Coutinho, no célebre ensaio *A Democracia como Valor Universal*, ao tratar do conjunto das liberdades democráticas em sua forma moderna, situa sua gênese histórica nas revoluções burguesas, tal qual, como nosso caso a sociologia: “[...], mas é

desenvolvimento ulterior, nem sempre a sociologia esteve do lado da reação, basta observarmos a influência que Marx exerceu sobre uma gama enorme de sociólogos. A “formalização/assepsia” da sociologia, não a impediu de produções significativas e de ocupar um espaço de criticidade no pensamento contemporâneo

Mesmo Lukács<sup>75</sup>, na *Ontologia do Ser Social II*, indica as possibilidades presentes nas pesquisas das ciências sociais, a partir da dialética, da gênese e desenvolvimento desse complexo, como indica o trecho que segue.

Antes de tudo, de modo algum decorre da **gênese** ideologicamente determinada de uma obra científica, e até de toda uma ciência, a sua incapacidade para constatações ou teorias científicas objetivas [...] A razão disso é evidente. A divisão social do trabalho faz surgir, de modo cada vez mais diferenciado, diversas ciências, a fim de dominar o ser especificamente social da mesma maneira que, com a ajuda das ciências naturais, o metabolismo com a natureza se tornou cada vez mais dominável. (LUKÁCS, 2013, p. 563-564).

Na esteira do desenvolvimento ulterior da Sociologia, o quadro brasileiro é exemplar, no que toca, aos sociólogos que são legítimos legatários da boa tradição marxista e da teoria social marxiana e, que muito contribuíram no desvelamento e melhor compreensão da realidade brasileira, tais como **Florestan Fernandes** (1920-1995), **Octavio Ianni** (1926-2004), **Ricardo Antunes** (1953-), e etc. Assim como, hodiernamente, a Sociologia, ou melhor, determinadas correntes sociológicas se constituem como tempo-espço de resistência e lócus de criticidade teórica. Desta feita, devemos levar em conta uma categoria basilar marxiana e do marxismo, a **contradição**, para compreendermos a sociologia, enquanto poderoso instrumento, na árdua tarefa de reconstruir e explicar a realidade social, como aponta o fragmento a seguir.

A Sociologia revela e constitui dimensões essenciais do Mundo Moderno. As expressões: sociedade civil e estado nacional, comunidade e sociedade, ordem e progresso, racional e irracional, anomia e alienação, ideologia e

---

igualmente verdade que, para o materialismo histórico, não existe identidade mecânica entre *gênese* e *validade*. Lênin certamente conhecia a observação de Marx, segundo a qual a arte de Homero não perde sua validade universal – e inclusive sua função modelo – com o desaparecimento da sociedade grega primitiva que constitui sua gênese histórica.

<sup>75</sup> A título de exemplo, Lukács, em algumas passagens da *Ontologia II*, que representa sua obra mais madura, externa sua admiração pelos trabalhos do sociólogo Wright Mills (1916-1962).

utopia, revolução e contrarrevolução, entre outras, explicam e constituem muito desse Mundo. Essa problemática denota o empenho do pensamento sociológico em compreender, interpretar, taquigrafar, ordenar, controlar, dinamizar ou exorcizar esse Mundo. Algumas de suas dimensões essenciais mostram-se mais claras, acentuadas ou surpreendentes nas explicações e fabulações que constituem grande parte do pensamento sociológico. Nesse sentido é que se pode imaginar que sem a Sociologia o Mundo Moderno seria mais obscuro, incógnito. Ficaria um pouco mais no limbo. (IANNI, 1989, p.24).

Uma vez que estabelecida as regras do jogo, na atual correlação de forças: impossibilidade do ponto de vista institucional da criação de uma “ciência unitária”; organização institucional universitária, cátedras, disciplinas, crescente especialização, dificuldades de financiamento; aversão ao marxismo; entre outros, a Sociologia em seu desenvolvimento (pensando mais uma vez, gênese e desenvolvimento), configurou-se como um espaço de **resistência** e, acúmulo teórico-crítico aglutinando pensadores e tornando-se lócus de criticidade na luta contra o “limbo”, tal qual, como demonstra Octavio Ianni, mas, ainda carrega consigo, de maneira muito marcada, uma grande influência/predominância positivista, acentuada nos pós anos 1990, com a eclosão da Pós-modernidade.

### 2.3 Sociologia do Esporte.

Na esteira do processo, de departamentalização e especialização do conhecimento – que descrevemos anteriormente -, que se espraiava para todas as esferas da ciência moderna<sup>76</sup>, emerge nomeadamente a **Sociologia do Esporte**.

O que convencionou-se chamar de Sociologia do Esporte, ou, o desenvolvimento da crítica ao esporte – enquanto construto humano -, não é algo exatamente novo, de acordo com Pilz (1999), pelo menos desde o século XIX<sup>77</sup> as

---

<sup>76</sup> Sobre a moderna especialização do saber, Lukács é categórico: “É verdadeiro o fato de que a moderna ciência social burguesa, não conseguiu ir além da especialização tacanha, mas as razões se encontram em outro lugar. Elas não residem na dimensão extensa do saber humano, mas no tipo, na tendência do desenvolvimento das ciências sociais modernas. A decadência ideológica burguesa causou nelas uma mudança tal que já não são capazes de concatenar umas com as outras, o estudo de uma já não promove a compreensão aprofundada da outra. A especialização mesquinha se converteu em método das ciências sociais.”. (LUKÁCS, 2016, p.113).

<sup>77</sup> É de 1910 o primeiro trabalho, em que, a temática foi tratada carregando o título *Esporte e Cultura* de Heinrich Steinitzer.

ciências sociais, se ocupam do fenômeno esportivo enquanto objeto de investigação. Há nesse período - transição do século XIX para o século XX -, a publicação de textos, em que, autores clássicos das ciências sociais tematizam o esporte, apesar de conferir importância secundária<sup>78</sup>: **Thorstein Veblen** – *A teoria da classe ociosa*. (1899); **Marcel Mauss** – *As técnicas do corpo*. (1902); **Max Weber** – *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. (1904); **Heins Hisse** – *Sociologia do Esporte*. (1921), estudo sociológico mais abrangente sobre a temática do esporte, desenvolvido sob a orientação de Alfred Weber; **Johan Huizinga** – *Homo Ludens*. (1938); nos anos 1940; e, os trabalhos oriundos da **Escola de Frankfurt**, precipuamente *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, de **Teodor Adorno** e **Max Horkheimer**. (Marchi Jr. e Souza, 2010), (Torri e Vaz, 2006).

“É oportuno notar que as iniciativas desses autores mencionados ainda não são estruturalmente representativas para caracterizar a formação de um campo institucionalizado da sociologia do esporte – até porque, nesse período, a própria Sociologia se encontrava em um incipiente processo de institucionalização como disciplina acadêmica. O que, no entanto, pode-se admitir é que as referidas contribuições talvez conformem e definam o estágio pré-histórico de um campo que começaria a se estruturar mais sistematicamente partir dos anos 1960.”. (MARCHI JR. e SOUZA, 2010, p.48).

Desta feita, na Alemanha, é somente a partir dos anos sessenta do século XX, que se desenvolve e se consolida a **Sociologia do Esporte**, como disciplina autônoma da sociologia, (PILZ, 1999). O caso alemão parece-nos modelar, e exprime similitudes com os processos desencadeados em outros países europeus, sobretudo na França. De maneira complementar, Jean-Marie Brohm, na década de 1970 já identifica um sensível desenvolvimento da sociologia do esporte, sobretudo com as contribuições da escola alemã, no entanto, lamenta que continuava sendo a “prima pobre da investigação científica”<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> É consensual na literatura (Brohm, 1978); (Dunning, 2004); (Marchi Jr. e Souza, 2010), que o esporte é tido como objeto de investigação de “menor” importância, ocupando menor prestígio na hierarquização acadêmica.

<sup>79</sup> Apesar do significativo avanço e crescimento da Sociologia do Esporte, o esporte ainda continua sendo objeto de segunda categoria nas Ciências Sociais, com o afirma o Jean-Michel Weale, em interessante entrevista: “Termino dizendo que o esporte em lugar nenhum é legitimado como um assunto sério das ciências humanas e sociais, continua sendo um assunto de segunda categoria.”. (WEALE, 2021, p.161).

Destarte, surge - a sociologia do esporte -, para dar respostas a um duplo interesse: por um lado os interesses e inquietações especificamente sociológicos; e por outro para responder os interesses próprios do esporte, nesse particular, o movimento caminha na necessidade de fazer emergir uma base teórica para então nascente ciência do esporte, e no estabelecimento de uma base prática para o esporte institucional. (Pilz, 1999). É nesse período que despontam as publicações mais densas e de caráter didático-pedagógico, como as obras de: **Bero Rigauer** (1969); **John W. Loy e Gerard S. Kenyon** (1969); **Harry Edwards** (1973); **Allen Guttman** (1978); **Pierre Bourdieu** (1978); **Jean-Marie Brohm** (1978).

Corroborando com os apontamentos acima, Vaz (2007), indica que na Europa, no início da década de 1960, nasce no contexto da “nova esquerda”, um movimento teórico no âmbito das Ciências Sociais, que ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte (TCE), que marca uma inflexão no trato do esporte.

“Nascido principalmente na Europa, mas presente também na América do Norte, tomou o esporte como tema de pesquisa, análise e reflexão, valendo-se de um aparato teórico da crítica da cultura e da economia política. Vários autores desse período e também da década seguinte ousaram fazer algo até certo ponto surpreendente: colocar em questão o esporte e suas possibilidades de aparecer como um elemento positivo do ponto de vista pedagógico e social.”. (VAZ, 2007, p.02).

O que Vaz (2007), identifica e denomina como Teoria Crítica do Esporte (TCE)<sup>80</sup> trata-se de um conjunto de textos e contribuições multifacetados. Atribui seu desenvolvimento e consolidação, a uma equação de três fatores, que em certa medida exprime o espírito do tempo: o espectro do esporte nos países do “socialismo real”, mais os Jogos Olímpicos de 1936 na Alemanha nazista, conjugado com o prestígio que lograva a Escola de Frankfurt, no cenário cultural europeu. Há

---

<sup>80</sup>Impulsionados também pela ambiência efervescente que tomava conta da Europa, em especial a França, com as lutas políticas empreendidas no período de 68/76. “maio de 68 foi um fenômeno paradoxal. Tendo seu epicentro em Paris, no mês de maio, a rebelião liderada por estudantes universitários. [...] não significou apenas a barricada de estudantes franceses. Constituíram-se também a onda de greves na Grã-Bretanha e a derrubada do conservador Edward Heathon do governo; a Revolução portuguesa de 74 e 75; os duros conflitos trabalhistas que acompanharam a agonia do regime franquista em 75 e 76; a pior crise doméstica vivida pelos Estados Unidos da América, na segunda metade dos anos 60, impulsionada pelo movimento contra a Guerra do Vietnã, a revolta dos guetos negros e o levante de estudantes e os ecos dessa época sentidos em outras partes do mundo – como o cordobazo na Argentina, a explosão de trabalhadores e estudantes na Austrália e a greve geral em Quebec em 1972.”. (RODRIGUES, 2006, p.42-53).

que se destacar a forte influência, que as obras e o *espírito* da Escola de Frankfurt, exerceram sobre a Teoria Crítica do Esporte.

O traço determinante, que diferencia os críticos da TCE, em relação a seus antecessores é a especificidade da crítica impetrada, *“Não era o esporte de tipo ‘burguês’ que deveria ser criticado, mas o esporte em si mesmo, como uma expressão da sociedade burguesa.”*, (VAZ, 2007, p.04). Para a TCE, era fundamental questionar o esporte de alto rendimento e de espetáculo em sua completude, uma vez que, compreendiam o ideal olímpico como um engodo. É, nesse quadro que se assentam, as críticas desse movimento, em relação ao esporte praticado tanto nos países capitalistas, como nos países do socialismo realmente existente<sup>81</sup>.

A partir da discussão que construímos até aqui, identificamos, que há um consenso na literatura, (Magnane 1969); (Vaz e Torri, 2006); (Souza e Marchi, 2010); Bracht (2005), Dunning (2004), Proni (2011); qual seja, que o interesse no fenômeno esportivo pelas Ciências Sociais<sup>82</sup>, se dá sobretudo na década de 1960, desembocando inclusive, em uma ciência particular a chamada Sociologia do Esporte e, as justificativas deste desenvolvimento se dão, inevitável e invariavelmente, pela legalidade institucional: aumento no número de publicações; presença na academia (número de cursos de graduação e pós-graduação, cátedras); surgimento de associações e periódicos específicos<sup>83</sup>; e, etc.

---

<sup>81</sup> O trecho que segue busca elucidar a falsa associação do fim do socialismo praticado na URSS, com o fim do projeto socialista (ainda inexaurido): *“A crise global do ‘campo socialista’ é a crise das instituições econômico- sociais e políticas construídas durante a criação, no marco pós-revolucionário, das estruturas urbano- industriais. Não é, portanto, a crise do projeto socialista revolucionário nem a infirmação da possibilidade da transição socialista: é a crise de uma forma histórica precisa de transição, a crise de um padrão determinado de ruptura com a ordem burguesa – justamente aquele que se erigiu nas áreas em que esta não se constituíra plenamente. A crise deste padrão, contraditoriamente, é produto do seu êxito parcial: criando as bases urbano- industriais num molde pós-burguês (donde um real componente de justiça social e de equidade), ele exhibe as suas gritantes insuficiências em face da projeção socialista. Nesta ótica, pois, o que a crise global do ‘campo socialista’ põe em questão é o conjunto de limitações ao desenvolvimento socialista no tipo de transição logrado nas sociedades pós-revolucionárias, ao mesmo tempo em que sinaliza que estas limitações só podem ser mantidas ao preço de modalidades de controle social crescentemente repressivas.”* (NETTO, 1993, p.23).

<sup>82</sup> Os primeiros ensaios procurando delimitar o esporte como campo privilegiado de análise e utilizando uma matriz teórica para embasar as proposições sobre a estrutura e a dinâmica das relações ali observadas começaram a ser divulgados na década de 1960. (PRONI, 2011).

<sup>83</sup> Fundação do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte (ICSS, atual ISSA, 1965); Editoração da Revista Internacional de Sociologia do Esporte (IRSS, também de 1965)

### 2.3.1. Transformações sociais recentes, sociologia do esporte e esporte contemporâneo: não se trata de mero acaso.

Procuramos demonstrar a seguir, que o aumento do interesse, acadêmico institucionalizado pelo fenômeno sociocultural em debate – o esporte – não se explica, em sua concretude e totalidade, sem a compreensão de que são produtos de uma época histórica determinada. Compreensão, deveras importante, para abandonarmos o entendimento de um aparente “fato social”<sup>84</sup> dado como imediato; tal qual, como assevera categoricamente Lukács.

O caráter histórico dos “fatos” que a ciência acredita apreender em tal “pureza” aparece, todavia, de maneira ainda mais nefasta. Esses fatos estão, com efeito (enquanto produtos da evolução histórica), não somente implicados numa mudança contínua, mas também são - *precisamente na estrutura de sua objetividade – produtos de uma época histórica determinada: a do capitalismo*. Por conseguinte, aquela “ciência” que reconhece como fundamento do valor científico a maneira como os fatos são imediatamente dados, e como ponto de partida da contextualização científica sua forma de objetividade, coloca-se como simples e dogmaticamente no terreno da sociedade capitalista, aceitando sem crítica sua essência, sua estrutura de objeto e suas leis como um fundamento imutável da “ciência”. Para passar desses “fatos” àqueles no verdadeiro sentido da palavra, é preciso descobrir seu condicionamento histórico como tal e abandonar o ponto de vista a partir do qual eles são dados como imediatos: é preciso submetê-los a um tratamento histórico-dialético. (LUKÁCS, 2003, p.74-75).

Para tanto, devemos investigar e descobrir seus condicionantes históricos, submetendo-os a um tratamento histórico-dialético, buscando saturá-lo de determinações. Reivindicando, assim, uma análise pautada em uma categoria estruturante do marxismo, a **totalidade**. 1. Por um lado, ao evidenciar as grandes transformações sociais, que demarcaram as décadas de 1960 e 1970, e delinearam as décadas subsequentes até a contemporaneidade. 2. Por outro lado, demonstrar o processo corolário dessas transformações sociais, e que tiveram impacto,

---

<sup>84</sup> Como Magnane (1969), denomina o esporte, **um fato social**.

principalmente, no âmbito da cultura: a **massificação**<sup>85</sup> e **mercantilização** do esporte, elevando-o ao status de **mercadoria cultural**. Ausência flagrante nas discussões sobre a gênese e desenvolvimento desta área do saber, que tentaremos dirimir adiante e, que a nosso ver, tornará inteligível o contexto de surgimento da Sociologia do Esporte.

Na ideologia alemã Marx e Engels, assinalam o caráter fundamental da compreensão de como os homens estabelecem, a produção material da vida social<sup>86</sup>, - o momento predominante -, para entendermos sua produção espiritual.

“A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são produtores de suas representações, de suas ideias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que ser o consciente, e o **ser dos homens é seu processo de vida real**.”. (MARX e ENGELS, 1999, p.36-37).

Partindo do exposto acima, e do princípio iluminista, de que só podemos transformar aquilo que conhecemos, parece-nos absolutamente necessário investigar os processos sócio-históricos, sobretudo os inaugurados na década de 1970, - que impactaram os diversos âmbitos da sociabilidade humana -, e que tornam compreensível, por um lado o processo de mercantilização do esporte, ou seja, a subsunção do esporte à sua forma mercadoria, que é expressão hegemônica

---

<sup>85</sup> “O processo de massificação está intimamente ligado a espetacularização deste fenômeno. A divulgação de suas práticas, valores e significados amplia o campo de ação do mercado e do esporte como produto.”. (MARQUES, GUTIERREZ E ALMEIDA, 2008, p.05).

<sup>86</sup>Lukács, acertadamente diz que Marx, dá especial ênfase não aos problemas singulares, mas sim ao indissolúvel nexos, universalmente necessário, entre o desenvolvimento econômico objetivo e o desenvolvimento do homem: “A práxis econômica é consumada pelo homem, mas a sua totalidade constitui um complexo dinâmico objetivo, cujas leis, ultrapassando a vontade de cada homem singular, se lhe opõem como sua realidade social objetiva, com toda a dureza característica da realidade, e, apesar disso, produzem e reproduzem, na sua objetiva dialética processual, em nível sempre mais elevado, o homem social; mais precisamente: produzem e reproduzem tanto as relações que tornam possível o desenvolvimento superior do homem, como, no próprio homem, aquelas faculdades que transformam em realidade tais possibilidade.”. (LUKÁCS, 2013, p.115).

desse construto humano hodiernamente; e por outro lado, entendermos as condições históricas em que surgem as principais críticas em relação ao esporte.

Marx, no início do primeiro volume d'*O Capital – Crítica da economia política* de 1867, apresenta-nos duas assertivas que, em certa medida compõe este trabalho: a primeira de alcance metodológico geral: “*Todo começo é difícil em qualquer ciência*” (MARX, 2006, p.15); e uma segunda ontológica, pois, evidencia o modo de ser da sociedade burguesa, ao afirmar que a riqueza onde opera o modo de produção capitalista se expressa, “[...] *como uma imensa acumulação de mercadorias, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma mais elementar dessa riqueza.*”. (MARX, 2006, p.57).

A partir dessa segunda assertiva marxiana, observamos contemporaneamente, a generalização da economia capitalista, que tem no mercado<sup>87</sup>, a instância mediadora da vida social, tudo tende a virar mercadoria<sup>88</sup>, tudo tende a ter um preço, e o esporte – como tentaremos demonstrar -, não escapa a esse amplo e complexo processo de *mercantilização*. Para Lukács:

“Não é de modo algum casual que as duas grandes obras da maturidade de Marx, que expõe o conjunto da sociedade capitalista e revelam seu caráter fundamental, comecem com a análise da mercadoria. Pois, não há problema nessa etapa de desenvolvimento da humanidade que, em última análise, não se reporte a essa questão e cuja solução não tenha de ser buscada na solução do enigma da *estrutura* da mercadoria. [...] Pois somente pode-se descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa.”. (LUKÁCS, 2003, p.193).

---

<sup>87</sup> Importante advertência de Braz e Netto (2007), sobre a especificidade da produção mercantil capitalista: “[...] nem toda produção mercantil é produção capitalista, embora toda produção capitalista é produção mercantil – **o que especifica a produção mercantil capitalista é o fato de ela se fundar sobre o trabalho assalariado** (o salário é o preço que o capitalista paga pela mercadoria força de trabalho). Não é portanto, apenas a produção de mercadorias que caracteriza o modo de produção capitalista. [...] A produção mercantil capitalista se peculiariza, pois, porque põe em cena dois sujeitos historicamente determinados: o capitalista, que dispõe de dinheiro e meios de produção, e aquele que pode tornar-se o produtor direto porque está livre para vender, como mercadoria, a sua força de trabalho – o proletário.”. (BRAZ e NETTO, 2007, p.84).

<sup>88</sup> Julgamos não ser necessário explicitar detidamente a categoria mercadoria, - feita de maneira brilhante por Marx, no capítulo um, do primeiro volume d'*O Capital* -, no entanto, chamamos a atenção para um traço que a constitui a **unidade que sintetiza valor de uso e valor de troca**, e duas condições necessárias para sua existência: a **divisão social do trabalho** e a **propriedade privada dos meios de produção**.

Ainda para Lukács (2003), apenas quando destinamos atenção para os problemas fundamentais, que advém do caráter fetichista<sup>89</sup> da mercadoria numa dupla relação: objetiva, e subjetiva, é que se abre a possibilidade de captar – a partir dessa dualidade -, os problemas ideológicos do capitalismo<sup>90</sup>. Importa-nos demonstrar quão singulares e significativas são as consequências da troca de mercadorias e das relações mercantis, para o conjunto das relações sociais. Sobre essas implicações:

“Portanto, a extensão da troca mercantil como forma dominante do metabolismo de uma sociedade não pode ser tratada como uma simples questão quantitativa – conforme os hábitos modernos de pensamento, já reificados sob a influência da forma mercantil dominante. A diferença entre uma sociedade em que a forma mercantil é a dominante que influencia decisivamente todas as manifestações da vida e uma sociedade em que ela aparece apenas episodicamente é, antes, uma diferença qualitativa. Pois, o conjunto dos fenômenos, subjetivos e objetivos, das sociedades em questão adquire, de acordo com essa diferença, formas de objetividade qualitativamente diferentes.”. (LUKÁCS, 2003, p.195).

Para Braz e Netto (2007), do ponto de vista histórico, é a partir da **acumulação primitiva**<sup>91</sup>, período que compreende o lapso temporal do século XV até meados do século XVIII, que se cristaliza um processo social específico: de um lado a consolidação de uma classe de homens que dispunha de um acúmulo de riquezas, que permitia a compra de meios de produção e força de trabalho; e de outro lado uma classe de homens que possuíam unicamente sua força de trabalho, tornada seu único bem, passível de compra e venda.

---

<sup>89</sup> É necessário assinalar, que a problemática do fetichismo da mercadoria, é específica do capitalismo moderno.

<sup>90</sup> Temática que desdobra e explora de maneira formidável na Ontologia do Ser Social II, sobretudo, nos capítulos *Ideologia e Estranhamento*.

<sup>91</sup> Sobre este período histórico, vale a passagem: “A acumulação primitiva ocorreu ainda no interior do regime feudal, sob os auspícios do Estado absolutista, e criou condição fundamental para o surgimento do modo de produção capitalista: **a relação capital/trabalho**. Incurrendo com a dinâmica que erodia as bases da ordem feudal, ela responde pela verdade da verificação feita por Engels: *enquanto a sociedade se tornava cada vez mais burguesa, a ordem política continuava sendo feudal*. É ainda nas entranhas da sociedade feudal que, no século XVI, começa a se constituir a sociedade burguesa, aquela que se funda no modo de produção capitalista.”. (Braz e Netto, 2007, p.87-88). Em síntese, a acumulação primitiva, não decorre do modo de produção capitalista, mas é seu ponto de partida.

“O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho. Quando a produção capitalista se torna independente, não se limita a manter essa dissociação, mas a reproduz em escala cada vez maior. O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos. A chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalhador dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista. [...] O produtor direto, o trabalhador, só pode dispor de sua pessoa depois que deixou de estar vinculado à gleba e de ser escravo ou servo de outra pessoa. Para vender livremente sua força de trabalho, levando sua mercadoria a qualquer mercado, tinha ainda de livrar-se do domínio das corporações, dos regulamentos a que elas subordinavam os aprendizes e oficiais e das prescrições com que entravavam o trabalho. Mas os que se emanciparam **só se tornaram vendedores de si mesmos** depois que lhe roubaram todos os seus meios de produção e os privaram de todas as garantias que as velhas instituições feudais asseguravam à sua existência. E a história da expropriação que sofreram foi inscrita a sangue e fogo nos anais da humanidade.”. (MARX, 2006, p.829-830, *grifo nosso*).

É, justamente esse processo, descrito acima, o da conversão da força de trabalho em mercadoria<sup>92</sup>, que abre a possibilidade de se mercantilizar todo o conjunto das relações sociais, de **artefatos materiais a cuidados humanos**<sup>93</sup>, ou seja, oportunizando ao modo de produção capitalista universalizar a relação mercantil.

No entanto, é sobretudo a partir da década de 1970 que o processo de mundialização das relações capitalistas, a mercantilização universal das relações

---

<sup>92</sup> Ainda sobre a decisiva questão, da apropriação do mais-valor no capitalismo: “Passando agora para a questão decisiva, para a apropriação capitalista do mais-valor, está claro que a socialização dessa categoria central do ser social é determinada pelo modo como é imposto socialmente em cada caso o poder de dispor do mais-trabalho. Na escravidão, o que decide é a força bruta, e esta continua sendo também na servidão a garantia do cumprimento das obrigações referentes ao mais-trabalho. Uma mudança, um desenvolvimento na direção da determinação social (econômica) da relação de trabalho é introduzida só com o capitalismo, na qual a força de trabalho do trabalhador se converte em mercadoria que ele vende ao capitalista, deixando, desse modo, que ele disponha sobre o mais-trabalho.”. (LUKÁCS, 2013, p.328).

<sup>93</sup> Ainda sobre a forma mercantil, como forma constitutiva edificante da sociedade do capital: “Pois é somente como categoria universal de todo o ser social que a mercadoria pode ser compreendida em sua essência autêntica. Apenas nesse contexto a reificação surgida da relação mercantil adquire uma importância decisiva, tanto para o desenvolvimento objetivo da sociedade quanto para a atitude dos homens a seu respeito, para a submissão de sua consciência às formas nas quais a reificação se exprime, para as tentativas de compreender esse processo ou de se dirigir contra seus efeitos destruidores, para se libertar da servidão da ‘segunda natureza’ que surge desse modo. (LUKÁCS, 2003, p.198).

sociais, e a constituição de um mercado global<sup>94</sup>, se intensifica e ganha traços mais definidos. O marco dos anos 1970 é de suma importância, uma vez que, eclodiram as transformações societárias que delinearão as décadas subsequentes até a contemporaneidade: a especificidade dessas transformações reside na velocidade e profundidade vertiginosa com que ocorreram, permitindo-nos asseverar sua singularidade na história do capitalismo<sup>95</sup>.

As referidas reviravoltas nada mais são que o desdobramento de uma crise estrutural do capital (clássica de superprodução), a crise de 1974 e 1975, que, a partir das mudanças ocorridas no padrão de acumulação<sup>96</sup>, alterou todo tecido social, remodelando completamente o cenário mundial, impactando<sup>97</sup>: “[...] mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que estão ocorrendo num ritmo extremamente veloz.” (BRAZ e NETTO, 2006, p.211).

Extrapolaria os limites de nossa tentativa<sup>98</sup>, abordar a complexidade e abrangência dessas **transformações societárias** em sua totalidade<sup>99</sup>; iremos nos limitar, de maneira sumária, a apontar que com o esgotamento da fase

---

<sup>94</sup> Por outro lado, a propriedade privada e a riqueza, nunca estiveram tão concentradas. Como aponta o relatório da Oxfam de 2017: no Brasil cinco pessoas os denominados “ultrarricos”, concentram a riqueza igual à metade da população. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/01/1952267-cinco-ultrarricos-tem-riqueza-igual-a-metade-do-brasil-aponta-relatorio.shtml>.

<sup>95</sup> Como demonstra Netto (1996): O marco dos anos setenta não é um acidente cronológico; ao contrário: a visibilidade de novos processos se torna progressiva à medida que o capital monopolista se vê compelido a encontrar alternativas para a crise em que é engolfado naquela quadra. Com efeito, em 1974-1975 explode a ‘primeira recessão generalizada da economia capitalista internacional desde a Segunda Guerra Mundial’ (Mandel, 1990: 9). Essa recessão monumental e o que se lhe seguiu pôs de manifesto um giro profundo na dinâmica comandada pelo capital: chegava ao fim o padrão de crescimento que, desde o segundo pós-guerra e por quase trinta anos (as ‘três décadas gloriosas’ do capitalismo monopolista), sustentara, com as suas ‘ondas longas expansivas’, o ‘pacto de classes’ expresso no *Welfare State* (Przeworski, 1991). Emergia um novo padrão de crescimento que, operando por meio de ‘ondas longas recessivas’ (Mandel, 1976), não só erodia as bases de toda a articulação sociopolítica até então vigente como, ainda, tornava exponenciais as contradições imanentes à lógica do capital, especialmente aquelas postas pela tendência à queda da taxa média de lucro e pela superacumulação (Mandel, 1969, 1, V e 3, XIV). É para responder a este quadro que o capital monopolista se empenha, estrategicamente, numa complicada série de reajustes e reconversões que, deflagrando novas tensões e colisões, constrói a contextualidade em que surgem (e/ou se desenvolvem) autênticas transformações societárias.” (NETTO, 1996: p. 90).

<sup>96</sup> Para Netto e Braz (2006), o capitalismo contemporâneo constitui a terceira fase do estágio imperialista, pois continua a ter como elemento central o protagonismo dos monopólios.

<sup>97</sup> Apesar de tratarmos separadamente de cada âmbito – apenas com finalidade didática -, essas mudanças fazem parte de um todo complexo, em que todas essas mudanças se conectam e repercutem umas nas outras, num processo de inter-relação dialético

<sup>98</sup> Apesar de se tratar de temática incontornável para a compreensão de nosso tempo.

<sup>99</sup> Sobre totalidade, o marxista tcheco Karel Kosik em sua *Dialética do Concreto*, explicita: “totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade; e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem ainda totalidade.” (KOSIK, 2002, p. 35-36).

expansionista do capital – o perecer dos chamados anos dourados<sup>100</sup> - desencadearam-se mudanças que alteraram fundamentalmente a configuração econômica anterior, as taxas de lucro, caíram veloz e significativamente. O padrão *fordista/keynesiano* de acumulação demonstra seu esgotamento, surgindo, gradativamente, um novo modelo fundado na chamada flexibilização, ou “acumulação flexível” (HARVEY, 2008), que traz consigo novas formas de organização da produção - como o Toyotismo.

Este amplo e complexo processo denominado de **reestruturação produtiva**, vem acompanhado de novas relações econômicas globais: a mundialização; a financeirização, crescimento fantástico da especulação financeira em função do deslocamento do capital produtivo para o financeiro; a revolução informacional, passagem da indústria eletromecânica para a eletrônica; e a desterritorialização do capital, ou seja, ele passa a não ter fronteiras, principalmente a partir da formação dos megablocos econômicos transnacionais.

De acordo com David Harvey em **A Condição Pós-Moderna** (2008), há de se lembrar que a acumulação flexível é uma forma de capitalismo, e como o novo é criado no seio do velho, são válidos alguns elementos e relações invariantes do modo de produção capitalista, delineados por Marx, para o entendimento desse novo padrão de acumulação: 1) o capitalismo é orientado para o crescimento; 2) o crescimento em valores reais apoia-se na exploração do trabalho vivo na produção; 3) o capitalismo é, por necessidade, tecnológica e organizacionalmente dinâmico. “Marx foi capaz de mostrar que essas três condições necessárias do modo capitalista de produção eram inconsistentes e contraditórias, e que, por isso, a

---

<sup>100</sup> Sinteticamente, podemos afirmar que a associação entre os ideais keynesianos e o fordismo suscitam o caldo econômico responsável pela reanimação do capitalismo no pós-45 – que possibilitou a ascensão dos “anos de ouro” do capitalismo durante as décadas de 1950 e 1960. Mas faltava ainda a esse projeto a legitimidade política e cultural, esta alcançada pelo reposicionamento político das classes e o bombardeamento ideológico do novo ethos capitalista, o consumismo de massa (BEHRING e BOSCHETTI, 2006, p. 88). No movimento sindical, há um posicionamento peculiar: a opção em deixar passar uma possibilidade histórica de derrubada do capitalismo por reformas imediatistas e pontuais na vida dos trabalhadores (pacto de classes), embora seja verdade que houve, naquele momento, uma melhoria efetiva das condições de vida dos trabalhadores fora de fábrica, com acesso ao consumo e ao lazer que não existia no período anterior. Os anos de ouro foram constituintes de uma onda longa expansiva do capitalismo monopolista. Nunca na história do capitalismo houvera resultados de crescimento econômico tão expressivos como os obtidos entre os anos quarenta e setenta. (NETTO e BRAZ, 2006, p. 196). É válida a ressalva de que a fase dourada do capitalismo ocorreu prioritariamente nos países capitalistas desenvolvidos.

dinâmica do capitalismo era necessariamente propensa a crises.” (HARVEY, 2008, p.169).

O marxista americano Fredric Jameson (1997), ao tratar dessas expressivas mudanças no âmbito cultural em seu artigo, **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**<sup>101</sup>, postula a intrínseca relação que existe entre a produção cultural e estética e a produção econômica da segunda metade do século XX. Debate, a nosso juízo, em que se insere a formatação do esporte enquanto mercadoria cultural.

Tendo como pressuposto as formulações do marxista belga Ernest Mandel em **O Capitalismo Tardio**, Jameson (1997), tenta plasmar que o Pós-modernismo não corresponde a uma opção de estilo estético dentre outras, mas corresponde à própria lógica cultural dominante do capitalismo tardio. Sucedendo aos estágios do capitalismo mercantil e do imperialismo clássico, o capitalismo tardio - na verdade, uma subfase do capitalismo monopolista - é marcado pela expansão global da forma mercadoria que se propaga e penetra em todas as esferas da vida social. Portanto, a Pós-modernidade é a expressão mais viva e emblemática da metamorfose da cultura. Em seu processo de mercantilização, o indivíduo é transformado em “espectador”. A produção estética pós-moderna é consoante com a cultura oficial da ordem burguesa, como atentamente alerta Evangelista (2008) a seguir:

“[...] o pós-modernismo significa a lógica cultural do capitalismo avançado ou tardio. **A produção cultural foi assimilada pela produção de mercadorias em geral**, onde a inovação e a experimentação estéticas passaram a ter uma função estrutural essencial diante da necessidade frenética de produzir uma infinidade de novos bens com uma aparência cada vez mais nova. A cultura, mais do que nunca, passou a ser uma esfera central do processo de reprodução social, invadindo e recobrando todos os espaços da sociabilidade. [...] A expansão do capital não somente ‘atingiu’ a dimensão cultural, mas as imagens, as representações e as formas culturais se tornaram uma área de atuação fundamental do mercado capitalista. Os componentes da esfera cultural foram convertidos plenamente em mercadorias. Com a expansão das novas tecnologias informacionais, a produção e a circulação de informação passaram a ser uma das mercadorias mais importantes no capitalismo tardio ou multinacional. Assim, os conflitos e as contradições, antes relacionadas principalmente à produção material, espalham-se e invadem também a produção cultural. Tudo isso se faz acompanhar de uma profunda mudança nos hábitos e atitudes de consumo e nas relações intersubjetivas que ocorrem no mundo cotidiano. (EVANGELISTA, 2008, p.14, *grifos nossos*).

---

<sup>101</sup> Publicado pela primeira vez em 1984, pela *New Left Review*.

Segundo Jameson (1997)<sup>102</sup>, a cultura pós-moderna tem traços constitutivos peculiares, entre eles: uma superficialidade completamente nova, em que as coisas são reduzidas à imagem de suas superfícies externas, o mundo real é transformado em um conjunto de textos e simulacros; um empobrecimento da historicidade, pois há o processo de presentificação do passado e do futuro; a partir desta desconsideração da história, o pós-modernismo opera a substituição das categorias temporais em detrimento das categorias espaciais e faz surgir uma nova sensibilidade cultural, extremamente marcada pela intensidade emocional, donde observa-se o advento do pastiche<sup>103</sup>.

Observamos que este processo, expressão da lógica cultural desta fase de acumulação do tardo-capitalismo: a expansão do consumo<sup>104</sup> de bens culturais se traduziu, no mundo esportivo, na valorização de sua forma espetáculo e na sua apropriação pela indústria do entretenimento; formando em torno do fenômeno esportivo um amplo e complexo mercado mundial de produtos – incluindo os atletas -, de marketing e publicidade, de serviços, eventos, imagens, emoções, signos e

---

<sup>102</sup> Porém, de acordo com Rodrigues (2006), há fragilidades latentes na análise de Jameson (1997), as quais são dignas de nota. A primeira delas é a desconsideração da esfera política no último quartel do século XX (carece de investigação sobre o Movimento de Maio de 1968 e a crise do socialismo real), e a segunda debilidade reside em sua parca compreensão acerca da fase tardia do capital, como se demonstra no trecho a seguir: “Contudo, uma análise mais atenta das argumentações presentes em *O Pós-modernismo: lógica cultural do capitalismo tardio* permite evidenciar um problema de outra ordem. De sua tese central – o pós-modernismo como a lógica cultural dominante do capitalismo tardio – Jameson extrai uma assertiva inteiramente correta: a de que a fase tardia do capital correspondeu à dissolução da condição de relativa autonomia que a cultura gozava nas fases anteriores do capitalismo. No entanto, o equívoco parece residir na conclusão que o referido autor arranca deste fenômeno. Jameson sinaliza que a perda da autonomia relativa do domínio cultural não deve ser interpretada como extinção ou destruição da cultura. [...] Fica evidente que neste ponto Jameson está muito mais próximo de Baudrillard – autor pós-moderno que condenou a teoria marxiana ao obsoletismo ao sustentar que na atualidade o capitalismo tem se preocupado mais com a produção de signos do que com a produção de mercadorias – do que da reflexão mandeliana. Em Mandel, o capitalismo tardio é representado como o período no qual, pela primeira vez na história da humanidade, a industrialização se tornou generalizada e universal.” (RODRIGUES, 2006, p.32-33).

<sup>103</sup> “[...] colagem de estilos passados, como nova solução estética descompromissada com qualquer perspectiva de crítica radical e de transformação da ordem societária.”. (EVANGELISTA, 2008, p.11).

<sup>104</sup> Sobre a relação entre consumo e cultura: “A sociedade de consumo torna-se essencialmente cultural, na medida em que a vida social fica desregulada e as relações sociais tornam-se mais variáveis e menos estruturadas por normas estáveis. A superprodução de signos e reprodução de imagens e simulações resultam numa perda do significado estável e numa estetização da realidade, na qual as massas ficam fascinadas pelo fluxo infinito de justaposições bizarras, que levam o espectador para além do sentido estável.” (FEATHERSTONE, 1995, p.34).

símbolos<sup>105</sup>. A forma mercadoria, espetacularizada, é a forma dominante e hegemônica do esporte.

Ao retomarmos as profundas transformações societárias no último quartel do século XX, maiormente às relativas aos âmbitos cultural e econômico<sup>106</sup>, acreditamos que elas acabaram por produzir uma nova manifestação cultural, o **esporte contemporâneo**<sup>107</sup>, que se traduz não em uma ruptura com o esporte moderno, mas no deslocamento de seus valores, como podemos observar:

Essa transformação (do esporte moderno para o esporte contemporâneo), não se deu como uma ruptura pontal e surgimento de um fenômeno sem precedentes, como no século XIX. Essa modificação resultou de adaptações do fenômeno moderno a novas configurações sociais, gerando um objeto diferente. O esporte contemporâneo se faz herdeiro do esporte moderno quanto à sua identidade como campo social (campo esportivo), porém, autêntico quanto às suas formas de manifestação e a seus símbolos, signos e objetivos. (MARQUES, GUTIERREZ E ALMEIDA, 2008, p.02).

Tratando ainda, da conformação do esporte contemporâneo, que através da heterogeneidade<sup>108</sup> de práticas e aumento do contato dos indivíduos com o esporte, a partir de variadas formas de manifestação desse fenômeno; apresenta as seguintes características: **mercantilização da prática**; institucionalização de **sentidos diferentes** da prática esportiva, que transcendem a hegemonia do alto rendimento; e a **substituição do associativismo pelo consumo**, ou seja, perde-se a principal referência ética e moral do esporte moderno, em detrimento do consumo. (MARQUES, GUTIERREZ, ALMEIDA, 2008)

Quanto a amplitude e reverberações no mundo esportivo, desta nova configuração, deste deslocamento dos valores e princípios do esporte moderno para o esporte contemporâneo, verificamos, que o último quartel do século XX – anos

---

<sup>105</sup>Mascarenhas (2005), ao buscar a gênese do que denomina *mercolazer*, localiza no processo de mundialização da cultura, o momento decisivo da subsunção do lazer à sua forma mercadoria, ou seja, a afirmação das relações mercantis como padrão dominante das práticas de lazer.

<sup>106</sup> Lembrando, que são complexos que possuem entre si uma inter-relação indissociável.

<sup>107</sup>Para Vaz (2008), os Jogos Olímpicos de 1936 realizados em Berlim, por servirem de instrumento de propaganda nazista – com especial destaque para o projeto cinematográfico de Leni Riefensthal -, marcam a gênese do esporte contemporâneo.

<sup>108</sup>Tensionamos que é a partir desse marcador do esporte contemporâneo – heterogeneidade de práticas -, que se pode desenvolver a discussão sobre o crescente fenômeno dos chamados “novos esportes” / novas modalidades esportivas, associada à discussão da necessidade do capitalismo em criar novas mercadorias e da obsolescência programada, também nessa esfera da vida social. Discussão que por hora, só podemos assinalar, pois, demanda investigação específica e rigorosa sobre essa tendência.

1970 -, estabelece-se como um tempo e espaço de experimentações da inserção do esporte no mercado global<sup>109</sup>. Observamos neste período, entidades representativas já consolidadas e mundializadas, tais como o Comitê Olímpico Internacional (COI), e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), “[...] perceberam o crescente valor do esporte para a mídia e passaram a negociar cifras cada vez maiores sobre os direitos de transmissão televisiva dos campeonatos internacionais e dos Jogos Olímpicos”. (SIGOLI; DE ROSE Jr., 2004, p. 118).

Portanto, a década subsequente, os anos 1980, demarcam de maneira categórica a inserção do esporte contemporâneo no sistema econômico mundial, sendo um instrumento financeiro à mercê dos ditames das corporações transnacionais. É emblemática desses processos, a edição de 1984 dos Jogos Olímpicos de Verão<sup>110</sup>, realizados em Los Angeles, pois, de maneira inédita o COI associou o evento à iniciativa privada para seu financiamento, por meio de contratos de patrocínio. Porém, apesar das vendas de cotas de patrocínio<sup>111</sup>, o retorno monetário se deu através do ascendente processo de valorização do esporte por meio da mídia, principalmente televisiva. (SIGOLI; DE ROSE Jr., 2004). Foi, assim, a capacidade de visibilidade ofertada pela audiência midiática, a partir da exibição e comercialização do produto rentável esporte-espetáculo, que de maneira inédita possibilitou lucros aos organizadores dos Jogos.

Tratando do esporte-espetáculo, que abarca o esporte de alto rendimento espetacularizado até a criação e comercialização de produtos voltados a praticantes de lazer (MARQUES, GUTIERREZ E ALMEIDA, 2008). É assim definido por Bracht (2005):

Num esforço de síntese, podemos dizer que o esporte de alto rendimento ou espetáculo, aquele imediatamente transformado em mercadoria, tende, a nosso ver, a assumir as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas, ou seja, empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de

---

<sup>109</sup>Até então, o esporte moderno já dispunha de calendário próprio, desvinculado de outros eventos sociais; organizado em entidades internacionais, nacionais e locais, confederações, federações, clubes; possuía corpo técnico especializado; e gerava um enorme mercado a seu redor que extrapolava o que era específico da própria prática esportiva. (MELO, 2004).

<sup>110</sup> Sobre a mercantilização dos Jogos Olímpicos, vale o excerto de Proni (1998): “Enfim, a metamorfose dos Jogos Olímpicos parece se completar: o esporte-espetáculo da era da globalização não tem muito que ver com o esporte de elite dos tempos de Coubertin. A sociedade de consumo propiciou a base para que o espetáculo esportivo se convertesse em veículo de propaganda de produtos destinados a mercados de massa.”. (PRONI, 1998, p.131).

<sup>111</sup> Algumas das principais empresas patrocinadoras dos Jogos foram: McDonald's; Coca-Cola; IBM; Chevrolet; Kodak; Visa; American Express, entre outras.

força de trabalho, submetidos às leis do mercado. Isso se reflete nos apelos cada vez mais frequentes à profissionalização dos dirigentes esportivos e na administração empresarial dos clubes (empresas) esportivos (esportivas). (BRACHT, 2005, p.18).

E, que segundo Proni (1998), apresenta três traços elementares:

- Referem-se a competições esportivas organizadas por ligas ou federações, que reúnem atletas submetidos a esquemas intensivos de treinamento (no caso de modalidades coletivas, a disputa envolve equipes formalmente constituídas.);
- Tais competições esportivas tornaram-se espetáculos veiculados e reportados pelos meios de comunicação de massa e são apreciadas no tempo de lazer do espectador;
- A espetacularização motivou a introdução de relações mercantis no campo esportivo, seja porque conduziu o assalariamento de massa passarem a ser financiados (pelo menos em parte) através da comercialização do espetáculo. (PRONI, 1998, p.85).

A partir destas configurações, irrompe a construção e a consolidação de uma pujante indústria do esporte e do entretenimento, orientada pela lógica mercantil, que busca ditar padrões culturais (esportivos) a partir dos meios de comunicação, especialmente a televisão. (REIS, 2022). É essa aproximação e, sobretudo, a intensificação de seu uso que redundam na produção de um espetáculo extremamente atraente e utilitário aos interesses econômico-corporativos desses setores. (ATHAYDE et al., 2016).

Objetivamos, portanto, demonstrar as condições histórico-materiais que culminaram na Sociologia do Esporte, assim como, a emergência de seu novo objeto de estudo o esporte em sua fase contemporânea e, sua relação como os mais diversos complexos que compõe a vida social. Adiante, trataremos da recepção e posterior desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil.

## 2.4 Sociologia do Esporte no Brasil.

De acordo com Souza e Marchi Jr. (2010), o desenvolvimento da Sociologia do esporte no Brasil se deu a partir de alguns fios condutores, são eles: **1.** Estudos socioantropológicos do futebol. (Roberto Da Matta, Gilberto Freyre, Mario Filho); **2.** Uma segunda via de desenvolvimento a teoria crítica do esporte desenvolvida no âmbito da Educação Física, tendo como **protagonista o movimento renovador progressista** da educação física, nos anos 1980<sup>112</sup>. **3.** O terceiro caminho de desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, foi estabelecido por meio da **configuração dos estudos historiográficos do esporte**, tendo o protagonismo de Ademir Gebara, professor da Unicamp nos anos 1990, orientando diversas dissertações e teses, além de produzir artigos, e organizar eventos. Responsável, também por introduzir no debate nacional as obras de Norbert Elias e Pierre de Bourdieu.

Para o desenvolvimento deste estudo, temos particular interesse, na segunda via de desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, a que confere protagonismo ao *movimento renovador progressista* da área **Educação Física** nos anos 1980.

No Brasil, a chegada das ideias críticas em relação ao esporte, data dos anos 1980 e, guarda uma especificidade em relação ao caso Europeu<sup>113</sup>, seu desenvolvimento ocorreu sobretudo na área de conhecimento **Educação Física**<sup>114</sup>.

A compreensão desta especificidade, vincula-se, necessariamente, à compreensão de um amplo processo, que possibilitou a constituição de uma **educação física crítica e progressista**, uma vez que, tais condições só puderam emergir e são inteligíveis, se fizermos remissão no plano global às profundas transformações do capitalismo gestadas na década de 1970, e no que tange ao Brasil – com sua temporalidade história particular -, os determinantes históricos e sócio-políticos que culminaram no processo de transição democrática na década de 1980, como veremos a seguir.

---

<sup>112</sup>“Em outros termos, essas contribuições cumpriram inicialmente o objetivo de denunciar todos aqueles aspectos disfuncionais da presença do esporte nas aulas de Educação Física que secundarizavam a oportunidade de elevar esse objeto ao patamar de um campo autônomo de análise sociológica. Por sinal, essa lacuna de discussão veio a ser contemplada somente anos depois por Valter Bracht, na primeira edição do livro Sociologia Crítica do Esporte, de 1997.”. (SOUZA e MARCHI JR. 2010, p.57).

<sup>113</sup> Como procuramos demonstrar na Europa e mesmo na América do Norte, o desenvolvimento da crítica ao fenômeno esportivo, se deu por dentro das Ciências Sociais.

<sup>114</sup> De acordo com Torri e Vaz (2006), no Brasil prevaleceu nos anos 1980 uma perspectiva, no âmbito das ciências sociais que pretendia compreender o futebol, e não o esporte como um todo.

#### 2.4.1 Educação Física: um breve percurso histórico.

Não há neste estudo a pretensão de acompanharmos *pari passu* a inserção e desenvolvimento da Educação Física no Brasil<sup>115</sup>, ou seja, reconstruir pormenorizadamente sua história. Objetivamos estabelecer um percurso histórico em que se evidenciem os acontecimentos mais importantes, tendo como ponto de inflexão a década de 1980, período em que, a Educação Física mergulha num profundo processo de autocrítica, caracterizando sua “intenção de ruptura” (HUNGARO, 2010).

##### 2.4.1.1 Da origem médica e militar.

Sabemos que a Educação Física enquanto processo humano, já em sua origem, traz consigo um ranço conservador. Em verdade, ela surge com força no século XIX<sup>116</sup>, período que é de fundamental importância para a compreensão do mundo contemporâneo. É neste século que observamos o surgimento de uma nova dominação de classe – o domínio de classe da burguesia -, ao se consolidar enquanto classe conservadora, a burguesia destrói todas as relações que prendiam a humanidade ao antigo mundo feudal, engajava-se em criar uma nova sociedade “a sua imagem semelhança”, um novo homem<sup>117</sup> sobre bases inteiramente novas.

---

<sup>115</sup> Para este intento, indicamos a indispensável leitura dos clássicos livros de Castellani Filho (2001) e Soares (2001). Que tratam especificamente sobre a história da Educação Física.

<sup>116</sup> É sabido que a motricidade é inerente ao homem, assim como a prática sistemática de atividades físicas, desportivas e ou lúdicas, remonta aos povos primitivos, não sendo exclusividade da contemporaneidade, “[...], mas é, sem dúvida, a partir de um certo crescimento urbano e, principalmente, do processo de industrialização, que essa prática adquire contornos especiais. A Educação Física por sua vez (canal institucionalizado desta prática), vista num plano educacional mais amplo a partir do final do século XIX e início do século XX, vai sendo incrementada e defendida como uma necessidade imperiosa dos povos civilizados.” (MEDINA, 1988, p.11).

<sup>117</sup> Que Leandro Konder denomina “o homem burguês”.

“Na Europa e em especial na França, este é o período no qual se consolidam o Estado burguês e a burguesia enquanto classe, criando condições objetivas para que as próprias contradições de classe no poder apareçam, e seja inevitável o reconhecimento do seu oponente histórico – a classe operária. Para manter a sua hegemonia, a burguesia necessita, então, investir na construção de um homem novo, um homem que possa suportar uma nova ordem política, econômica e social, um novo modo de produzir a vida sob novas bases. A construção desse homem novo, portanto, será integral, ela ‘cuidará’ igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos.”. (SOARES, 2001, p.05)

Neste período bem determinado e respondendo às demandas do projeto burguês, é que se elaboram os primeiros conceitos sobre o corpo<sup>118</sup> e sua utilização, enquanto força de trabalho, *“Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para saúde - hábitos saudáveis, higiênicos.”* (BRACHT, 1999, p.73). Como o excerto abaixo deflagra a Educação Física se torna, *“a própria expressão física da sociedade do capital”*.

“É nessa perspectiva que podemos entender a Educação Física, como a disciplina necessária a ser viabilizada em todas as instâncias, de todas as formas, em todos os espaços onde poderia ser efetivada a construção deste homem novo: no campo, na fábrica, na família, na escola. **A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital.** Ela encarna e expressa os gestos automatizados, disciplinados e, se faz protagonista de um corpo ‘saudável’; torna-se receita e remédio ditada para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico...familiar. Na consolidação dos ideais da Revolução burguesa, a Educação Física se ocupará de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e, cientificamente, explicado. Ela negará o funambulismo, os acrobatas, a especulação e buscará as explicações para o seu proceder na visão de ciência hegemônica na sociedade burguesa: a visão positivista de ciência.”. (SOARES, 2001, p.06).

Já havia o entendimento por parte da burguesia industrial europeia – no segundo quartel do século XIX-, de que o corpo e o vigor físico dos trabalhadores eram de essencial importância para a reprodução e avanço do capital, como explicita:

---

<sup>118</sup> Para Bracht (1999), “O corpo é alvo de estudos nos séculos XVIII e XIX, fundamentalmente das ciências biológicas. O corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica - a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e a seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual a analisado (literalmente, lise) pela racionalidade científica. Ciência é controle da natureza e, portanto, da nossa natureza corporal. A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem de seu funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento.”. (BRACHT, 1999, p.72).

“O corpo dos indivíduos, como mais um instrumento da produção, passava a constituir uma preocupação da classe no poder. Tornava-se necessário nele investir. Todavia, esse investimento deveria ser limitado para que o corpo nunca pudesse ir além de um corpo de um “bom animal”. Era preciso adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo... discipliná-lo, enfim, para sua função na produção e reprodução do capital.” (SOARES, 2001, p.33).

Portanto, em sua gênese a Educação Física integra de modo orgânico o nascimento e a construção da nova sociedade, estava comprometida com a preparação da mão-de-obra para o trabalho e com a consolidação do ideal positivista de ciência<sup>119</sup>. A esses dois objetivos junta-se um terceiro: o controle das epidemias. Como se sabe, há, no século em questão, um crescente movimento de urbanização que faz com que a população das cidades cresça enormemente<sup>120</sup>. As pessoas que vinham para trabalhar nas fábricas moravam mal, sem mínimas condições sanitárias e, dessa forma, inúmeras epidemias e surtos de doenças são desencadeadas.

[...] O crescimento rápido e desordenado das cidades e áreas industriais não foi acompanhado pela ampliação dos serviços mais elementares nas cidades, como por exemplo, a limpeza das ruas e os serviços sanitários. O aparecimento das grandes epidemias como a cólera, o tifo e a febre recorrente entre 1831 e 1840 evidencia de forma contundente a deterioração do espaço urbano.” (SOARES, 2001, p.10).

---

<sup>119</sup> Segundo a concepção de cariz positivista: “A sociedade passa, então a ser comparada ao orgânico e vista como um grande organismo vivo que evolui do inferior ao superior, do simples ao complexo. Consolida-se a idéia de que é regida por leis naturais, invariáveis e independentes da ação humana, porque até mesmo o homem fica reduzido aos seus determinantes biológicos. Organismo, evolucionismo e unem-se e conferem à racionalidade moderna os traços característicos do século XIX, o século da grande revolução científica dos laboratórios, da industrialização e do crescimento das disciplinas e instituições sociais.” (SOARES, 2001, p.12).

<sup>120</sup> As cidades fizeram parte de amplos processos abarcados pela Revolução Industrial, tais qual a urbanização e industrialização, e tiveram expoente importância, na consolidação da sociedade capitalista [...] *Através da industrialização, o capitalismo redefiniu visceralmente os espaços preexistentes ou constituiu novos de acordo com suas exigências.* (MARTINS, 2006, p. 96). A cidade, portanto, desempenhou um papel de extrema importância, na arrancada e na consolidação da indústria nascente; desde então, a indústria devia produzir seus próprios centros urbanos, cidades, aglomerações industriais, dos mais variados tamanhos, era necessário voltar para a deterioração da centralidade e o caráter urbano nessas cidades.

O movimento de moralização sanitária, gestado em meados do século XIX, na Europa, é que irá tratar de combater esses problemas. Em seu discurso, defenderá a ideia de que os pobres vivem mal por estarem impregnados de vícios, por não se submeterem a regras. Esse discurso será incorporado pela Educação Física, de onde vem seu legado higienista.

“De fato, as concepções, os valores e os hábitos que a ciência médica desenvolveu tiveram um papel significativo na construção e na ordenação da racionalidade social, racionalidade esta que nasce colada às exigências de saúde do ‘corpo biológico’ para a manutenção da saúde do ‘corpo social’, ou seja, para a produção e reprodução do capital[...] O discurso das classes no poder será aquele que afirmará a necessidade de garantir às classes mais pobres não somente a saúde, mas também uma educação higiênica e através dela, a promoção de hábitos morais. É este discurso que incorpora a Educação Física e a percebe como um dos instrumentos capazes de promover essa assepsia social, de viabilizar esta educação higiênica e de moralizar os hábitos.” (SOARES, 2001, p.25).

Portanto, os médicos higienistas lançaram mão da Educação Física, engajando-a na construção de uma modelo de homem/corpo e família burguês<sup>121</sup>. Conferiam à Educação Física, um papel de suma importância, o de “[...] *criar o corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente. Porém, ao assim fazê-lo, em oposição ao corpo relapso, flácido e doentio do indivíduo colonial.*” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.43). Outro item da pauta higienista, caminha no sentido do projeto burguês, de eugeniação do povo brasileiro; proveniente do temor de uma rebelião de negros escravizados, que há época totalizava mais da metade da população brasileira. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.44).

Castellani Filho (1988), ao resgatar a quais necessidades estruturais e conjunturais a Educação Física respondeu no Brasil em seus diferentes momentos históricos, lembra-nos da grande influência da Instituição Militar em seu desenvolvimento, “[...] *pude assim dizer, estar a história da Educação Física no Brasil, se confundindo em muitos de seus momentos, com a dos militares.*” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.34). A referida influência se evidencia não somente

---

<sup>121</sup> “O controle familiar por parte dos higienistas, inseriu-se, portanto, na política populacionista elaborada pelo Estado Nacional, com vista a [...] estabelecer um equilíbrio de forças entre a população branca e a escrava”. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.43).

nas diversas leis e marcos legais<sup>122</sup>, mas principalmente na marcante presença dos militares na formação dos primeiros professores civis de Educação Física.

“Mais do que evocar, neste estudo, os fatos que evidenciam as relações entre os militares e a Educação Física, alenta-nos o propósito de nos determos na análise do significado dessas relações. Tal intenção cresce em importância na medida em que sabemos terem sido as instituições militares aquelas que mais sensíveis se mostraram à influência da filosofia positivista.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.36-37).

Como já alertamos anteriormente, a Educação Física participou ativamente da consolidação do ideal positivista de ciência no Brasil; o “atraso cultural”, e a “síndrome de insuficiência filosófica”, provenientes da colonização portuguesa, caracterizavam-se como terreno suscetível à propagação do positivismo em terras brasileiras. Castellani Filho (1988), ao valer-se da contribuição de Bergo (1979), deflagra a estreita relação entre o positivismo e as instituições militares – e, por conseguinte, com a Educação Física.

“Neste particular, revela-se de enorme importância para o desenvolver de nosso raciocínio a sua constatação de terem sido a Escola Militar, o Colégio Militar e a Escola Naval, as instituições que – dentro do terreno da heterodoxia positivista – maior contributo prestaram ao abarcamento dos ideais positivistas em nosso meio. É, pois, a filosofia positivista – primeiramente na República Velha, sob a tônica da ‘Ordem e Progresso’ e posteriormente, já na República hodierna, sob a égide da ‘Segurança’ (no lugar da ‘Ordem’) e ‘Desenvolvimento’ (no lugar de ‘Progresso’) – que ensopa as instituições brasileiras, especialmente a militar, dando a esta última elementos para a formulação da Doutrina de Segurança Nacional.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.38).

Soares (2001) aponta, que um dos traços mais marcantes do positivismo é a

---

<sup>122</sup> “A criação da Escola Militar pela Carta Régia de 04 de Dezembro de 1810, com o nome da Academia Real Militar, dois anos após a chegada da família real ao Brasil; a introdução da Ginástica Alemã, no ano de 1860, através da nomeação do alferes do Estado Maior de segunda classe, Pedro Guilhermino Meyer, alemão, para a função de contramestre de Ginástica da Escola Militar; a fundação, pela missão militar francesa, no ano de 1907, daquilo que foi o embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo – o mais antigo estabelecimento especializado de todo o país -; a portaria do Ministério da Guerra, de 10 de Janeiro de 1922, criando o Centro Militar de Educação Física, cujo objetivo enunciado em seu artigo primeiro era o de dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas – Centro esse que só passou a existir, de fato, alguns anos mais tarde, quando do funcionamento do curso provisório de Educação Física.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.34).

hierarquização da vida social como, por exemplo, a sociedade dividida entre fracos e fortes. Os fenômenos sociais deveriam ser entendidos a partir do mesmo referencial dos fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, uma vez que, os fenômenos da natureza, estariam sujeitos a leis naturais e invariáveis. A Educação Física, acaba por incorporar os principais elementos do positivismo, como demonstra:

“E a Educação Física, [...], será a expressão de uma visão biológica e naturalizada da sociedade e dos indivíduos. Ela incorporará e validará a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina, da fixidez, do esforço individual, da saúde como responsabilidade individual. Na sociedade do capita, constituir-se-á em valioso objeto de disciplinarização da vontade de adequação e reorganização de gestos e atitudes necessárias à manutenção da ordem. Estará organicamente ligada ao social biologizado, cada vez mais pesquisado e sistematizado ao longo do século XIX, pesquisas e sistematizações estas que vêm responder, paulatinamente, a um maior número de problemas que se coloca a classe no poder.” (SOARES, 2001, p.14).

Influenciados pela ação entabulada pelos médicos higienistas<sup>123</sup>, calcados em propósitos de caráter nitidamente eugênicos<sup>124</sup>, muitos educadores passaram a defender e reivindicar a prática de ginástica nos colégios, a fim de que, criar corpos saudáveis, robustos e harmoniosos. No caso brasileiro a inserção da Educação Física no âmbito escolar encontra veemente resistência do pensamento dominante da época, principalmente quando destinadas às mulheres.

[...] Entendemos estar o foco da resistência a ela, localizado na elite colonial imperial, mais precisamente no menosprezo por ela, elite, alimentando às atividades físicas, as quais associavam à idéia de trabalho manual, desconsiderando em função de ser destinado aos segmentos

---

<sup>123</sup> Para explicar a grande influência médica, Castellani Filho (1988) se remete à realidade europeia do século XVIII, por meio da obra de Michael Foucault *Microfísica do Poder*, em que exprime à incomensurável crescimento de legitimidade política e poder da medicina e dos médicos. “[...] o excesso de poder que se beneficia o médico, comprova, desde o século XVIII, esta interpretação do que o político e médico na higiene [...] O médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, senão na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o corpo social e mantê-lo em um permanente estado de saúde. [...] É a sua função de higienista, mais que seus prestígios de terapeuta, que lhe assegura esta posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente, no século XIX.” (FOUCAULT apud CASTELLANI FILHO, 1988, p. 41).

<sup>124</sup> De acordo com Soares (2001): “A eugenia ousou ser a ciência capaz de explicar biologicamente a humanidade, fornecendo uma ênfase exacerbada na raça e no nascimento. Postulava uma identidade do social e do biológico, propondo-se a uma intervenção científica na sociedade, explicando o primeiro pelo segundo.[...] No caso do Brasil, a Educação Física aparecerá vinculada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça, figurando em congressos médicos, em propostas pedagógicas e em discursos parlamentares.”. (SOARES, 2001, p.18).

escravos, visto, portanto, como 'coisa' menor, pequena, não relacionada a ela, elite, afeita aos trabalhos intelectuais. Aos positivistas conscientes, tornava-se cada dia mais claro a imperiosidade de se forjar o Homem disciplinado, rijo, elo indispensável à corrente de construção de um país também forte, em busca do progresso." (CASTELLANI FILHO, 1988, p.53).

Desse modo, concomitantemente às investidas estatais de medicalização da sociedade surge a Instituição Escolar que complementa de maneira orgânica a construção do novo homem, o homem burguês. *"As políticas de educação escolar, juntamente com as políticas de saúde em suas expressões higienista e sanitarista, completam o cerco ao trabalhador."* (SOARES, 2001, p.34).

O espaço temporal que vai de 1930 a 1945<sup>125</sup>, inaugura o período da militarização da Educação Física, que passa a ser utilizada como um poderoso instrumento de aprimoramento da raça e imprescindível para a construção de um Estado forte, imbuída em atender os princípios de Segurança Nacional, entre eles, a luta conta o comunismo ou qualquer outra ideologia que pretenda contrariar ou subverter o ideal de nacionalidade.

"Para tanto, deveria a Educação instrumentalizar-se. Passamos a assistir, então, o marcante enfatizar de duas 'matérias' que, basicamente, deveria assumir a responsabilidade de colocar a Educação na direção anunciada pelos discursos mencionados – por exemplo a luta conta o comunismo. Surge, portanto, a Educação Física e a Educação Moral e Cívica como elos de uma mesma corrente, articuladas no sentido de darem à prática educacional a conotação almejada e ditada pelos responsáveis pela definição da política de governo." (CASTELLANI FILHO, 1988, p.84).

Além da promoção da disciplina moral e do adestramento físico, a Educação Física, por meio de suas expressões – esporte e lazer -, colaborou para o controle do tempo livre do trabalhador, articulando a preocupação com a produção – manutenção e recuperação da força de trabalho - com a educação da classe trabalhadora, alicerçada nos valores burgueses.

---

<sup>125</sup> Esta delimitação temporal tem por finalidade facilitar a compreensão do processo histórico de desenvolvimento da Educação Física no Brasil, não se tratando de uma estrutura rígida que esteja impermeável ao contraditório e às inúmeras determinações da realidade. Tanto é imprecisa esta delimitação, que Castellani Filho afirma que – antes mesmo do período da militarização - a história da Educação Física no Brasil, confunde-se em muitos de seus momentos com a dos militares. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.34).

“Atendia, assim, a Educação Física, fora do sistema oficial de ensino técnico- profissionalizante – aquele de responsabilidade direta do Estado – a necessidade de, através de sua ação, colaborar para que a extensão do controle sobre o trabalhador – tanto por parte das entidades patronais, quanto por parte do Estado, via Ministério do Trabalho – se desse para além de seu tempo de trabalho, já por eles administrado, incorporando dessa maneira às suas esferas de ação, tudo aquilo que girasse em torno da forma como o trabalhador viesse a ocupar o seu tempo de não-trabalho, entendendo-se como tal, tanto o tempo de recuperação da sua força de trabalho, como também o seu tempo livre, expressão do tempo que lhe restava da adição do tempo de trabalho ao tempo de recuperação. O propósito de tal ação, vincula-se à intenção de orientar a ocupação do tempo de não-trabalho do trabalhador, no sentido de relacioná-lo, ainda que indiretamente, ao aumento de sua capacidade de produção.” (CASTELLANI FILHO, 1988, pp.94-95).

Com o fim do Estado Novo e a elaboração de uma nova Carta Magna em 1946, que viria a substituir a de 1937, toma corpo, no campo educacional, um debate que almejava elaborar um projeto de diretrizes e bases para a educação nacional, culminando na Lei n.º 4.024/61, de inspiração liberal, dando lugar, mais tarde, a uma tendência tecnicista afinada com a Teoria da Economia da educação, presente nas Leis n.º 5.540/68 e 5.692/71. Essa tendência tecnocrática incide de maneira decisiva na Educação Física – porém em nada alteraria sua funcionalidade aos interesses da burguesia -, reforçando seu caráter instrumental como “*um fazer prático não significativo de uma reflexão teórica.*” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.108), corroborando a identificação de Educação Física como *Educação do Físico*, subsumindo-se no fazer pelo fazer, vinculada à compreensão de saúde de cariz bio-fisiológica.

“A compreensão da Educação Física enquanto —matéria curricular incorporada aos currículos sob a forma de atividade – ação não expressiva de uma reflexão teórica, caracterizando-se, dessa forma, no —fazer pelo fazer – explica e acaba por justificar sua presença na instituição escolar, não como um campo de conhecimento dotado de um saber que lhe é próprio, específico – cuja apreensão por parte dos alunos refletiria parte essencial da formação integral dos mesmos, sem a qual, esta não se daria – mas sim enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existente apenas empiricamente. Como tal, faz por reforçar a percepção da Educação Física acoplada, mecanicamente, à —Educação do Físico , pautada numa compreensão de saúde de índole bio-fisiológica, distante daquela observada pela Organização Mundial de Saúde, compreensão essa, sustentadora do preceituado no §1º do artigo 3º do Decreto n° 69.450 71, que diz constituir a aptidão física, —...a referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da Educação Física, desportiva e recreativa, no nível de estabelecimentos de ensino... . O

prevalecer do entendimento de saúde em seu aspecto bio-fisiológico, tão-somente, encontra eco na legislação desportiva brasileira, quando ela – no inciso do artigo 5º da Lei nº 6.251/75 – afirma ser um dos objetivos básicos da Política Nacional de Educação Física e Desportos, o —... aprimoramento da aptidão física da população... . Externava-se, dessa forma, a caracterização de uma outra faceta, qual seja, aquela voltada às questões afetas a - performance esportiva , simulacro, na Educação Física, da ordem da produtividade, eficiência e eficácia inerentes ao modelo da sociedade no qual, a brasileira, encontra identificação (CASTELLANI FILHO, 1988, pp.108-109).

Outra faceta da Educação Física que se apresenta neste período é aquela afeita à performance esportiva e, no que tange ao esporte, sua utilização ideológica no período ditatorial é emblemática, seja na entoação de hinos ufanistas ou na massificação de programas esportivos, como o Esporte para Todos (EPT) na década de 1970.

Nos anos 70, a Educação Física/Esportes esteve marcada pelos conceitos de rendimento, de eficiência e eficácia. Esta visão, centrada nos pressupostos de uma concepção positivista de ciência, oriunda de uma filosofia de justificação da ordem burguesa, caracterizada por uma visão fiscalista, neutralista e quantitativa de ciência que reduz a realidade ao matematizável, foi difundida em grande escala no meio da Educação Física nacional. O surgimento acelerado de laboratórios de fisiologia do esforço, a importação de máquinas de musculação e aparelhos sofisticados de cicloergometria, bem como a publicação de vários artigos em revistas com ênfase no caráter mecânico e anatomo-fisiológico da atividade física, e ainda o destaque nos eventos científicos da área, aos rigorosos métodos de treinamento, são alguns exemplos da manifestação deste fenômeno. Pode ser dito, de forma resumida, que nesse período predomina uma visão estritamente biológica de Educação Física/Esportes, alicerçada nos princípios de controle dos parâmetros fisiológicos e biomecânicos. Os cursos de pós-graduação tornam-se importante espaço para a expansão dessa concepção que se viabiliza através dos conteúdos das disciplinas ministradas, nas bibliografias indicadas e, principalmente, no desenvolvimento de pesquisas. Apesar disso, não se pode deixar de considerar que, embora não fossem dominantes, outras tendências na Educação Física/Esportes coexistiam, nesse mesmo período, no âmbito nacional e também estiveram presentes nos cursos de pós-graduação, como foi o caso das concepções biopsicológicas, populares e de Esporte para Todos. (SOUZA E SILVA, 1990, p. 71-72).

Temos assim, uma área que em sua origem tenta cumprir três objetivos: preparação de mão-de-obra para o trabalho industrial (garantir que o operário suporte fisicamente a jornada de trabalho), consolidação e generalização da visão positivista de ciência (tanto a sociedade quanto os indivíduos serão sempre

reduzidos a um organismo biológico) e controle das epidemias. Na verdade, tratou-se de uma área que fez uso da ginástica, do esporte, do jogo, das lutas e da dança a fim de cumprir os três objetivos mencionados.

Com essas características é que a Educação Física ingressou no Brasil<sup>91</sup> e, até meados da década de 80 do século XX, cumpriu fundamentalmente as mesmas funções estabelecidas em suas origens europeias, padecendo das mesmas influências: a dos militares, a dos médicos higienistas e a da filosofia de cariz positivista.

“Tendo suas origens marcadas pela influência das instituições militares – contaminadas pelos princípios positivistas e uma das que chamou para si a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção da ordem social, quesito básico à obtenção do almejado Progresso – a Educação Física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo ‘forte’, ‘saudável’, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, no início da segunda década daquele século, buscava construir seu próprio modo de vida. Contudo, esse entendimento, que levou por associar a Educação Física à Educação do Físico, à Saúde Corporal, não se deve exclusivamente e nem tampouco prioritariamente, aos militares. A eles, nessa compreensão, juntavam-se os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar à sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social. Ao assim procederem, ao tempo em que denunciavam os malefícios da estrutura familiar do período colonial, auto proclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da ‘nova’ família brasileira.” (CASTELLANI FILHO, 1988, p.38-39).

É só a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, que surge no Brasil um movimento de renovação da Educação Física. Tal processo representou, fundamentalmente, um restabelecimento das finalidades da Educação Física. Principalmente no Brasil, onde a década de 80 foi palco de movimentos pela redemocratização do país. A seguir, esboçaremos o contexto histórico que permitiu o surgimento do movimento renovador progressista da Educação Física, e na sequência delinearemos a constituição desse movimento.

#### 2.4.1.2 Década de 80 transição democrática e o Movimento Renovador da Educação Física

Assim como alertamos anteriormente, comprometemo-nos a investigar quais foram as condições – os determinantes sócio-históricos -, que possibilitaram a constituição de uma educação física crítica e progressista, uma vez, que sabemos que tais condições só puderam emergir e são compreensíveis, se fizermos remissão no plano global às profundas transformações do capitalismo gestadas na década de 1970; e no que tange ao Brasil – com sua temporalidade histórica particular -, os determinantes históricos e sócio-políticos que culminaram no processo de transição democrática na década de 1980.

É inegável, que o lapso temporal que compreende o final da década de 1970 e praticamente toda década de 1980, assistiu a um dos mais expressivos avanços sócio-políticos da história do Brasil – após quase 20 anos de ditadura militar -, possível tão somente pela organização dos trabalhadores e movimentos sociais, através da luta de classes<sup>126</sup>. Nas páginas que se seguem, buscaremos elucidar como se deu o processo de transição do regime militar à abertura democrática em terras brasileiras.

Em 31 de março de 1964, sob o estandarte de exterminar a corrupção e livrar o país da “ameaça” comunista, a “burguesia fardada”<sup>127</sup>, “conquista o Estado”<sup>128</sup> brasileiro<sup>129</sup>, instaurando assim o regime militar, que perdurou até o ano de 1985,

---

<sup>126</sup> Se nos remetermos à conjuntura mundial, este avanço é paradoxal, pois, neste mesmo período concomitante à realidade brasileira descrita, o capitalismo mundial, adentrava numa crise estrutural sem precedentes, em que muitos chegaram a denominar a década de 1980 de “a década perdida”.

<sup>127</sup> Reproduzirei na íntegra a nota de rodapé em que Húngaro (2010), explica a utilização da denominação “ditadura da burguesia fardada”, “[...] por julgar que a expressão ‘ditadura militar’ – comumente utilizado – apresenta dois significativos problemas: 1) não revela o conteúdo de classe da ditadura: obras importantes já demonstraram que os interesses da burguesia internacional financiaram e motivaram os golpes militares na América Latina; 2) nem todos os militares brasileiros estiveram a favor do golpe (vale lembrar, inclusive, que alguns importantes líderes de movimentos de resistência ao regime eram oriundos dos quartéis – Lamarca, por exemplo).” (HUNGARO, 2010, p.136).

<sup>128</sup> Tal expressão é cunhada e compõe o título do livro de René Armand Dreiffus, *1964 – A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe*

<sup>129</sup> Apenas uma pequena minoria da população brasileira, se engajou no golpe: “Em 1964, o Brasil contava com aproximadamente 80 milhões de habitantes. Do golpe participaram latifundiários do Nordeste e do Sudeste, lideranças das Forças Armadas e do empresariado industrial, magnatas do capital financeiro, [...] e setores das classes médias asfixiadas pela inflação. Os latifundiários temiam a revolução e a reforma agrária; e, naquele momento, as Ligas Camponesas ampliavam suas atividades. Os empresários industriais, associados às multinacionais estrangeiras pelo menos desde o governo Kubitschek, apoiaram o golpe, temendo a implantação de uma república sindicalista-

ano este que entrou em colapso. O período que abrange o golpe de 1964 até o retorno à ordem liberal-democrática em 1985, pode ser analisado cronologicamente, por uma série de atos e medidas jurídico-institucionais, que arrolados conjuntamente com a devida explanação do contexto sociopolítico da época permite-nos sua compreensão.

A junta militar, que desde então comandava o país, decidiu modificar as instituições do país através dos denominados Atos Institucionais (AI)<sup>130</sup>; o primeiro AI-1 foi baixado em 09 de abril de 1964, ou seja, menos de dez dias após o golpe, decretando o marechal Humberto Castello à assumir a Presidência da República.

A partir de então, atos e medidas discricionárias vão se sucedendo no novo governo, a fim de que, tentar responder às turbulências da ordem republicana abalada, em um contexto que já é possível observar uma considerável articulação das oposições e dos movimentos sociais.

“[...] Ocorre que os problemas nacionais avolumaram-se, e as lideranças progressistas e democráticas reagiram ao autoritarismo do novo regime. A visão por assim dizer ‘liberal’ do presidente Castello Branco não dava conta da sua missão ‘regeneradora’, mostrando-se incapaz de reconduzir o país à ‘normalidade democrática’. Nesse crescendo, em fevereiro de 1966, o governo decreta o Ato Institucional nº 3(AI-3); em dezembro de 1966 decreta o Ato Institucional nº 4 (AI- 4)<sup>98</sup>, ambos apertando o cerco às aspirações de segmentos democráticos da sociedade civil.” (LOPES e MOTA, 2008, p.801)

No mês de janeiro de 1967, com o objetivo de controlar de maneira mais incisiva os movimentos que contestavam o regime, que agora contava com a participação e mobilização de alguns setores que enveredaram para a luta armada, o governo outorga uma nova constituição. Nessa nova Carta Constitucional, são

---

populista, a exemplo daquela produzida pela ação peronista na Argentina. Ou, pior, apavoravam-se com a possibilidade de eclosão de uma revolução socialista nos moldes da ocorrida em Cuba, liderada por Fidel Castro.” (LOPES e MOTA, 2008, p.799). O golpe contou com amplo e irrestrito apoio do governo Norte-Americano, inclusive com a disponibilização de equipamentos de guerra e treinamento de pessoal, caso necessário.

<sup>130</sup> Os Atos Institucionais, conferiam enormes poderes ao Executivo, reduzindo assim o campo de ação do Congresso, como por exemplo: cassar as imunidades dos parlamentares; cassar mandatos; suspender direitos políticos, entre outros. “O Ato criou também as bases para a instalação dos Inquéritos Policial-Militares (IPMs), a que ficaram sujeitos os responsáveis ‘pela prática de crime contra o Estado ou seu patrimônio, contra a ordem política e social, ou por atos de guerra revolucionária’. A partir desses poderes excepcionais, desencadearam-se perseguições aos adversários do regime, envolvendo prisões e torturas.” (FAUSTO, 2002, p.258).

incorporadas legislações que ampliam os poderes conferidos ao executivo, especialmente a Lei de Segurança Nacional.

Ainda em 1967, mais especificamente em março, o marechal Castello Branco e seu grupo não se mostraram capazes de indicar seu sucessor à Presidência, e dentro de um colegiado militar restrito, foram eleitos para presidente o general Artur Costa e Silva e para vice-presidente, o civil Pedro Aleixo. Em resposta às inúmeras manifestações contrárias ao regime militar que se avolumavam, o governo promulga o Ato Institucional nº 5 (AI-5).

“A abertura lenta e gradual proposta pelo presidente Geisel sofreu, entretanto, sério revés quando do assassinato do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, nos porões da ditadura em São Paulo, morte seguida, no início de 1976, pela do operário Manuel Fiel Filho, ambos os crimes cometidos em dependências dos serviços de segurança do Exército (na rua Tutóia em São Paulo). Jornalistas importantes foram barbaramente torturados e aviltados, como Duque Estrada, Rodolfo Konder e Paulo Markun, entre outros. Do mesmo modo, sofreu as maiores crueldades uma personalidade excepcional, como o mineiro Marco Antonio Coelho, membro do Partido Comunista e expoente de seu grupo-reação.” (LOPES e MOTA, 2008, pp. 802-803).

Finalmente, em outubro de 1978, o então general-presidente Geisel, revoga todos os Atos Institucionais (AIs). No ano que se segue, 1979, João Batista Figueiredo, ex-chefe do Serviço Nacional de Informações, é escolhido como quinto presidente, em agosto desse mesmo ano, é aprovado pelo Congresso o projeto de anistia política.

“Em face do clamor popular estimulado por instituições da sociedade civil (OAB, ABI, SBPC, Comissão de Justiça e Paz, CNBB, Sindicatos dos Jornalistas, Adusp, alguns jornais e personalidades), o governo estabelece, em 1981, eleições diretas para todos os cargos executivos, excetuando-se os de presidentes e de prefeito das capitais e áreas de segurança nacional. [...] De todo modo, a eleição pelo voto direto de um presidente civil e a implantação de uma nova ordem constitucional puseram fim ao ciclo militar, embora isso não extirpasse a maior parte de seus vícios nem eliminasse antigos costumes e personagens do velho coronelismo, dos renitentes populismos e da ditadura civil-militar.” (LOPES e MOTA, 2008, pp. 805- 871).

Desta feita, essa miríade de acontecimentos, que se deu nos primeiros anos da década de 1980, provocou uma alteração na correlação de forças entre o regime ditatorial e a oposição democrática, que permitiu, “[...] um processo que abrirá o

caminho para restauração democrática, tortuoso e truncado processo que determinará o fim do *Estado de Segurança Nacional* somente com a promulgação da Constituição de outubro de 1988.”. (NETTO, 2014, p. 186). Portanto, o governo do último dos generais, João Batista Figueiredo (de março de 1979 a 1985), designa a crise e a derrota do regime ditatorial militar.

Por conseguinte, em terras brasileiras, o período histórico subsequente, que compreende a eleição indireta de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, em 1984, até a reeleição de Lula em 2006, caracteriza-se por um aprofundamento das discussões nos planos político, social, e político-institucional, assim como também se caracteriza-se como um período de impasses no processo de reestruturação democrática (LOPES E MOTA, 2008).

“Nesta transição para a nova ordem, ocorreram vários movimentos sociais e políticos, destacando-se a greve dos 40 dias, em São Paulo, em 1981, liderada por Lula da Silva, quando 335 mil operários pararam e opuseram-se ao sistema (naquele dia, instalara-se a, assim denominada, ‘República de São Bernardo’). Em 1983 criou-se a Central Única dos Trabalhadores e, no ano seguinte, deslançou o movimento pelas Eleições Diretas. Com efeito, em 1984, a Campanha das Diretas-já mobilizou milhares de pessoas nas principais capitais. [...] Em seguida, assistiu-se no país à nova mobilização da sociedade, agora voltada para a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Ou, melhor dizendo, de um *Congresso Constituinte*. [...] A Constituição resultante, apesar de tudo, representa o marco de um novo período na história do Brasil contemporâneo. (LOPES e MOTA, 2008, p.872).

Portanto, o processo de embate que se estabeleceu, frente ao totalitário e truculento regime militar que se estendeu por mais de 20 longos anos, criou uma nova cultura nos movimentos sociais brasileiros<sup>131</sup>, tal processo de redemocratização suscitou inúmeras lutas populares. O Brasil, à época, estava imerso em um processo de transição democrática, permeado por um clima de euforia com a possibilidade de superação da ditadura militar. Inúmeros acontecimentos exprimem o espírito da época, entre eles, o movimento pela anistia; a produção artística cultural da época; o movimento pelas “Diretas Já”; o dossiê “Brasil nunca mais”; o fim do bipartidarismo, entre outros.

---

<sup>131</sup> Como por exemplo: “[...] o movimento dos metalúrgicos do ABC impactou o conjunto da massa trabalhadora em todo o país: na sua esteira, em quinze estados da Federação, registraram-se 429 greves, com mais de 3 milhões de trabalhadores cruzando os braços em defesa de seus direitos mais elementares. Estava claro que os trabalhadores não deixariam a cena política a que tinha voltado em 1978.”. (NETTO, 2014, p.200).

A Educação Física, como demonstramos, uma área historicamente subserviente aos interesses conservadores, inicia um processo de articulação com essa luta de muitos setores da sociedade brasileira e enceta a constituição de um projeto de “intenção de ruptura” com sua trajetória conservadora e funcional. Nesse período, surgem importantes publicações de inspiração crítica, em consonância com esse projeto: o livro de João Paulo Subirá Medina – **A educação física cuida do corpo e...”mente”**; a obra de Vitor Marinho de Oliveira – **O que é Educação Física?**; e o importante livro de Lino Castellani Filho – **Educação Física: a história que não se conta**<sup>132</sup> .

Assim, a década de 1980 tem uma significância de profundidade jamais vista na Educação Física brasileira, pois são nesses anos que observamos o surgimento e fortalecimento de um movimento crítico e progressista que almejava sua renovação, objetivava romper com a funcionalidade histórica que a Educação Física prestava aos interesses do capital. A crítica impetrada consistia na maneira como esse processo humano – a Educação Física- vinha sendo tratado historicamente, em suas dimensões ideopolíticas e prático-pedagógica, ou seja, sob a égide do paradigma de aptidão física<sup>133</sup> que até então gozava de hegemonia

“Nesse sentido, os anos de 1980 aparecem como o nascimento de concepções e práticas pedagógicas libertadoras, transformadoras, na perspectiva de desenvolver uma educação física voltada para o ser humano e não mais para as necessidades do capital. As elaborações traziam em seu bojo uma nova proposta de educação física, totalmente diferente de tudo o que havia sido pensado ou experimentado, visto que a educação física que tinha até então só servia para a manutenção do status quo.” (CAPARROZ, 2007, p.09).

A emergência desse movimento progressista/renovador dos anos 1980 constitui-se, como, “[...] o principal acontecimento teórico da educação física brasileira” (HUNGARO, 2010, p.142), constituindo-se como uma tentativa de ruptura histórica da educação física com os ditames do capital. Pela primeira vez, discute-se a necessidade de uma Educação Física comprometida com os interesses dos dominados e não mais pautada pelos interesses do capital.

---

<sup>132</sup> Há de se lembrar a importância de tantos outros expoentes da Educação Física e suas contribuições, como Celi Taffarel, Valter Bracht, Michele Escobar, Carmen Lucia Soares, Mauri de Carvalho, Nivaldo Nogueira David, João Batista Freire, entre outros

<sup>133</sup> Termo utilizado por Castellani Filho (2002), que plasma a tendência biologizante no trato do ser humano, que acometeu/acomete a Educação Física.

“[...]Em outras palavras, a educação física, pela primeira vez, questionava ‘teoricamente’ sua histórica funcionalidade aos interesses das elites dominantes e inaugurava um movimento de engajamento com a luta pela mudança radical (na raiz) da sociedade capitalista.” (HUNGARO, 2010, p.137).

Emblemática e até mesmo percussora desta nova agenda da educação física, é a obra de João Paulo Medina<sup>134</sup>“A educação física cuida do corpo...e “mente”, que com fina percepção nos apresenta um léxico de problemas que a área tinha/têm de enfrentar, além de deflagrar a eminente necessidade da educação física, “entrar em crise”<sup>135</sup>, ou seja, submergir num amplo processo de autocrítica.

“A educação física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da educação física que de certezas monolíticas que não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses.” (MEDINA, 2010, p.36).

Deflagrada a crise reivindicada por Medina, tem início uma verdadeira revolução nas bases ídeo-políticas e prático-pedagógicas da educação física.

---

<sup>134</sup> A referida obra teve sua primeira edição publicada, no início de 1983, integrando a Coleção Krisis – o pensamento social em uma época de crise, da editora Papyrus. Sobre a importância desta obra de Medina para a construção de uma nova educação física, Daolio (1998) salienta: “O fato é que, a partir dessa obra de Medina, passou a haver uma proliferação de discursos de ordem mais política sobre a educação física, fruto também da crescente formação de mestres na área, da criação de núcleos e grupos de estudos, do surgimento de revistas e entidades. A própria redemocratização do país, com o fim do regime militar, contribuiu para esse novo tipo de atuação. [...] agora a intenção era atuar na educação física de modo a contribuir para a transformação da sociedade, numa perspectiva mais ampla, superando o capitalismo e instaurando o socialismo.” (DAOLIO, 1998, p.50).

<sup>135</sup> Dentre a gama dos problemas suscitados estão: “[...] o quadro de miséria das consciências; a essência do ato educativo e as relações da educação física com ele; o problema da fragmentação decorrente da crescente especialização das ciências – própria do positivismo; a denúncia da empobrecida formação profissional da educação física; a crítica à enviesada compreensão da relação teoria e prática; um importante, embora inicial, mapeamento das concepções de educação física (convencional, modernizadora e revolucionária); a defesa de uma educação física revolucionária e o chamamento para a necessidade de construir uma nova educação física, comprometida com a utopia, que ainda estava por se fazer.” (HUNGARO, 2010, p.140).

“A educação física brasileira está em ebulição. Desde o início dos anos 80, qualquer observador da área pode constatar que em vários estados do país pululam núcleos empenhados na rediscussão de temas que vão desde a redefinição do papel da Educação Física na sociedade brasileira até questões ligadas às mudanças necessárias ao nível da prática efetiva nas quadras, ginásios e campos.” (GHIRALDELLI Jr., 1998, p.15).

Daolio (1998), ao discorrer sobre o mote de análise das publicações da área identifica uma clara fratura: antes da década de 1980, sinaliza que as poucas publicações existentes “*referiam-se principalmente às modalidades esportivas de forma técnico-tática, aos tratados de fisiologia esportiva e a manuais de preparação física*” (DAOLIO, 1998, p.44), ou seja, aquelas que respondem ao paradigma de aptidão física. No que concerne a produção posterior à esse período, identifica às primeiras aproximações à teoria social de cunho crítico.

“As obras que se seguem a esse período – posterior à década de 1980 -, começam a refletir sobre a educação física não somente como um atividade técnica ou biológica, mas a encaram como um fenômeno psicológico e social. Em decorrência da própria carência de referencial teórico dentro da área, difundiu-se também uma visão interdisciplinar, segundo a qual as ciências historicamente constituídas ofereciam base teórica para o estudo da educação física, do corpo e do movimento humanos, destacando-se entre estas a psicologia, a história, a sociologia e a pedagogia.” (DAOLIO, 1998, p.44).

Logo, é extremamente recente a interlocução da Educação Física com o debate travado pelas Ciências Sociais, tal movimento pode ser observado apenas a partir do final da década de 1970 e início 1980, época em que há um efetivo – ainda que embrionário – debate acadêmico na área; esta transformação se deu em consonância com o movimento da transição democrática em terras brasileiras. A isso se deve ao longo período em que a Educação Física e outras áreas afins se mantiveram impermeáveis às influências das Ciências Sociais, prevalecendo neste período temáticas parametrizadas por tendências biologizantes e tecnicistas<sup>136</sup>.

---

<sup>136</sup> Há um discurso uníssono nesse movimento renovador da educação física, o paradigma da aptidão física: “Pode-se observar que, entre o final dos anos 1970 até meados dos anos 1980, parece haver uma união de forças, um esforço concentrado por parte de todos aqueles que se situavam no campo dos progressistas, para a construção de um movimento renovador na área capaz de se contrapor ao paradigma biológico hegemônico.” (CAPARROZ, 2007, p.11)

“Percebe-se que a Educação Física brasileira nos anos 80 de um salto qualitativo não somente em relação à sua prática, mas também quanto aos seus pressupostos teóricos, dialeticamente produzidos e responsáveis pela superação dessa prática. Os anos 70 incorporaram elementos da Pedagogia ao corpus teórico da Educação Física brasileira, ainda que em sua versão tecnicista, via didática. O velho jargão de que a Educação Física é educação tornou-se realidade. Apenas nos anos 80 parece surgir a perspectiva de Educação Física como prática social. Até o final da década de 70, apesar da pedagogia, a Educação Física ainda não era analisada em suas implicações políticas. Os influxos médico-militares criaram a falsa idéia de que as práticas corporais eram neutras, cabendo aos professores de Educação Física preocupações eminentemente técnicas. Essa postura tecnicista vinha ao encontro da censura e da repressão impostas à sociedade brasileira, subprodutos do golpe militar de 1964.” (MARINHO, 2005, p.23).

No cenário político-institucional, a “intenção de ruptura” também reverberava, o acontecimento de maior relevo, é o embate que se deu no Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE), onde acontece uma profunda mudança de rumos desta instituição<sup>137</sup>.

“Esse processo (relação entre política e teoria) vai desaguar na eleição de 1989, em que notoriamente, os projetos de CBCE, se chocam, tendo em vista a precipitação ocorrida na área acadêmica Educação Física nos anos oitenta. [...] O CBCE passa a ser um espaço político (desde 1989). A sua função sócio-cultural de difundir e de propor discussões que interfiram na produção teórica e nas políticas de Educação, Educação Física e Esportes, é central nessa luta, tendo em vista todo o movimento de democratização da sociedade brasileira, como também, em sentido específico, na busca pela generalização e socialização dessa perspectiva de Educação Física, de Esportes e de Lazer, crítica e emancipatória, que contribuiria com a construção de uma nova ordenação social coadunada com os aspectos democratizantes em processo. [...] Isso quer dizer que em torno de Celi Taffarel (candidata eleita à presidência do CBCE no ano de 1989) se uniram intelectuais orgânicos à uma tendência da Educação Física que negava toda a tradição da Educação Física fundada nas Ciências Naturais e reduzidas aos aspectos orgânicos do ser social, e que tratavam a ciência como neutra politicamente.” (DAMASCENO, 2011, p.98).

---

<sup>137</sup> Húngaro (2010), em nota de rodapé, estabelece um pequeno e elucidativo percurso histórico do processo de renovação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). “Desde meados dos anos 1980, foi iniciado o processo de sua renovação. Tal processo aprofundou-se na gestão iniciada em 1987, e, na eleição para a nova direção do colégio, em 1989 – realizada durante o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace) de Brasília -, tivemos um acirramento dos ânimo entre os candidatos à direção: de um lado, aqueles que resistiam à renovação – grupo constituído pelos que estavam marcados por determinada compreensão de ciência, muito vinculada à tradição positivista, embora não só a ela – e, de outro lado, aqueles que eram os protagonistas da tendência renovadora. O grupo renovador saiu vencedor num processo que deixou marcas, pois o grupo perdedor acabou por se afastar do CBCE.” (HUNGARO, 2010, p.143).

Fruto dessa ambiência verifica-se, também na década de 1980, o início da interlocução da Educação Física com as chamadas ciências sociais. Inicialmente por suas ligações com a Educação, posteriormente com a incorporação de temas ligados às ciências humanas - Filosofia e a Sociologia -, depois com a tematização das contribuições da Antropologia na compreensão da corporeidade e cultura corporal, em suma, a Educação Física e outras áreas afins foram aprofundando a interlocução com as Ciências Sociais<sup>138</sup>. A aproximação que conferimos maior relevo é a interlocução com a teoria social de Marx e o marxismo, apesar de não ocorrer de maneira idílica, como demonstra o fragmento a seguir.

“Indubitavelmente, a interlocução com a teoria social de Marx, foi fundamental para a construção de um projeto de ‘intenção de ruptura’ da educação física com o seu passado conservador, mas tal interlocução não foi realizada sem problemas. Alguns deles foram ‘herdados’ do próprio debate marxista e outros tiveram sua gênese na educação física. [...] Quanto aos problemas específicos da interlocução da educação física com a teoria social de Marx, o mais importante deles é o da apropriação indireta. O nosso contato inicial com Marx, fez-se mediado pelo debate da educação (Cf. Bracht, 1999). Obviamente, isso traz problemas à compreensão do pensamento do autor alemão” (HUNGARO, 2010, p.142).

No que diz respeito à recepção da Sociologia do Esporte, se deu a partir da crítica ao fenômeno esportivo, por meio da influência da Teoria Crítica do Esporte (TCE)<sup>139</sup>. Para (Bracht, 2010), a então emergente sociologia crítica do esporte (francesa, alemã e também portuguesa), foi utilizada como instrumento teórico, no combate ao esporte de alto rendimento, e à visão “mecanicista/biológica” do corpo, que sustentava o “paradigma da aptidão física”. Conforme Torri e Vaz (2006)<sup>140</sup>, esta inserção se deu a partir de um estudo pioneiro, de Kátia Brandão Cavalcanti<sup>141</sup>,

---

<sup>138</sup> Neste período, durante este processo de interlocução com as ciências sociais, a Educação Física, se aproximou de diversas matrizes teóricas, como por exemplo: a filosofia de Michael Foucault, principalmente nas questões relacionadas ao corpo; a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, a psicologia por meio de Jean Piaget etc.

<sup>139</sup> “Conhecida como Teoria Crítica do Esporte (TCE) e formulada em um momento de forte impulso da contracultura e da Escola de Frankfurt nos anos 1960 e 1970, o movimento teve como principais representantes, o alemão Bero Rigauer e o francês Jean-Marie Brohm.”. (TORRI e VAZ, 2006).

<sup>140</sup> O texto de Torri e Vaz (2006), ajuda-nos a situar a inserção da crítica ao esporte no Brasil, identificando três momentos: primeiro momento, da chegada da TCE no Brasil; segundo momento denominado pelos autores de Entremomentos; e um terceiro momento que classificamos como a crítica à TCE no Brasil, ou seja, “a crítica da crítica da crítica”.

<sup>141</sup> Torri e Vaz (2006), identificam também o texto de Valter Bracht de 1986 “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista”, contendo, o que chamam de ecos da TCE

denominado “A função cultural do esporte e suas ambiguidades sociais” de 1981, neste texto ao procurar uma alternativa à “pedagogia esportiva” para o entendimento do esporte na tentativa de superar o tecnicismo, se vale das contribuições do teórico francês Jean-Marie Brohm – importante expoente da Teoria Crítica do Esporte.

“A autora pôs-se a descrever de que forma o esporte tinha até então sido objeto de análise e descobriu na França uma amplitude dos estudos sociológicos sobre o tema, principalmente na obra de Jean-Marie Brohm. Ela apresenta aos brasileiros as principais teses desse autor: a finalidade política e social do fenômeno esportivo, as funções de adaptação e acomodação aos ideais da sociedade capitalista, o rendimento, e a afinidade entre o esporte e trabalho industrial. [...] As ideias do movimento da Nova Esquerda no Brasil, como dissemos, foram mais absorvidas pelos que desejavam superar visões reducionistas da educação física. [...] Os trabalhos de Cavalcanti e Bracht deram início aos estudos empregando as ideias da TCE no Brasil sem, contudo, oferecer uma visão mais ampla e geral do movimento. O primeiro trabalho com este propósito é um livro do próprio Bracht (2003), cuja primeira edição é de 1997, uma síntese de abordagens sociológicas críticas, dentre elas a da Nova Esquerda.”. (TORRI e VAZ, 2006, p.187-188).

Como demonstramos, movimento renovador progressista, que atravessa os anos 80 atacando o padrão hegemônico de Educação Física de então (ao menos no plano acadêmico-científico), ingressa nos anos 90 com um problema muito grande a resolver: nem havia ainda se consolidado e já teve seu referencial questionado. A chamada “crise dos paradigmas”, decantada pelo chamado movimento *pós-moderno*, que afetou as Ciências Sociais como um todo, afetou, também, por extensão, aqueles que delas se serviram, como é o caso da Educação Física. Fruto da crise política dos anos 90<sup>142</sup>, todos os referenciais que colocavam a questão da mudança radical da sociedade como meta foram postos em dúvida. Como a conjuntura dos anos 90 (principalmente em seus anos iniciais) é uma conjuntura recessiva, conservadora, todo e qualquer movimento renovador da época foi por ela atingido.

A Educação Física, portanto, que mal havia iniciado sua interlocução com a Teoria Social Crítica, já teve que lidar com a chamada *crítica pós-moderna* a esse referencial. Temos, então, uma área que nasce conservadora, passa por um processo de redimensionamento de suas finalidades, com uma clara “intenção de

---

<sup>142</sup> Crise que tem suas maiores expressões no avanço da ofensiva neoliberal e no colapso do socialismo “real”.

ruptura”, fruto de sua interlocução com uma Teoria Social de viés crítico, e que nem teve tempo de aprofundar essa interlocução, já que o referencial que lhe deu sustentação em seu redimensionamento é posto em questão.

“O contexto descrito anteriormente marcou de modo decisivo a produção teórica das chamadas ciências humanas e sociais e, conseqüentemente, a da educação física. No caso desta última, as circunstâncias dos anos 1980 haviam sido favoráveis ao processo de interlocução com a produção teórica de perspectiva crítica –leia-se com ‘a teoria social de Marx’ – e os anos 1990 fizeram que essa interlocução fosse interrompida e/ou enviesada pela chamada ‘crise dos paradigmas’. Dessa forma, o ‘projeto de intenção de ruptura’ da Educação Física foi precocemente suspenso. A defesa de uma educação física comprometida e revolucionária deixou de encontrar sustentação, pois o próprio projeto revolucionário foi posto em dúvida, uma vez que se assentava na certeza de que a realidade poderia ser compreendida em sua totalidade e radicalmente transformada numa intervenção coletiva e consciente. (HUNGARO, 2010, p.151).

A incorporação das questões postas pelo chamado debate *pós-moderno* se deu de maneira muito enviesada. Uma área que somente na década de 1980 começa a se apropriar da Teoria Social de viés crítico já tem que, na década seguinte, rediscutir o referencial de que sequer tinha inteiramente se apropriado.

“As circunstâncias dos anos 1990 foram desfavoráveis ao fortalecimento da ‘educação física revolucionária’. Embora, o termo seja forte (talvez, inadequado), de lá para cá, a educação física voltou a ‘mentir’. O contexto que deu origem à crítica pós-moderna conduziu a educação física a ser ‘mentirosa’ e, com isso, mais uma vez, tornar-se funcional ao capital. Atualmente, no debate acadêmico, assistimos a uma reversão daquele projeto de ‘intenção de ruptura’. Ao que parece, a educação física, da década de 1990 para cá, tendencialmente, tem-se atualizado para se (re) funcionalizar ao processo da hegemonia burguesa, cumprindo um papel – consciente ou inconscientemente – conservador.”. (HUNGARO, 2010, p.156-157).

O cenário apresentado, parece-nos um cenário avesso ao legado marxiano, no debate acadêmico da Educação Física. Especificamente nos estudos que tematizam o esporte, essa aversão é verificável – como demonstra o capítulo II - na ausência de trabalhos que tenham Marx e o marxismo como sustentáculo teórico-metodológico, para a compreensão das complexas determinações que engendram e compõe esse fenômeno.

Partindo do pressuposto, de que no tempo presente a forma espetáculo-mercadoria, é a forma hegemonicamente dominante do esporte, devemos

argumentar que: por um lado, a teoria do valor marxiana, assim como, os avanços da economia política advinda da obra de Marx (Harvey 2008, Meszáros 2011, Mandel 1982, etc.); e por outro, no campo teórico-filosófico as contribuições provenientes do último Lukács (Ontologia do Ser Social I e II), manifestam-se como um quadro categorial poderoso, para a análise desse processo social, na tentativa de apreender sua essência.

No segundo capítulo, através de um mapeamento da produção de teses de doutoramento, que operam com o trato teórico-conceitual sobre o esporte, a partir de buscas efetuadas no Diretório dos Grupos de Pesquisa da Capes (DGP) e da Plataforma Lattes, procuramos demonstrar, como a suspensão deste projeto de intenção de ruptura, impactou no ulterior desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil.

## Parte II

### 3. Mapeamento da discussão Teórico Conceitual sobre Esporte no Brasil: tendências e ausências.

“[...] o desconhecido só se define por confronto com o conhecido, isto é, se não se domina o já conhecido não é possível detectar o ainda não conhecido, a fim de incorporá-lo, mediante a pesquisa ao domínio do já conhecido.”.

Dermeval Saviani (1987, p.51).

Fizemos uma exposição na qual tematizamos, a gênese e desenvolvimento da Sociologia e de sua subárea Sociologia do Esporte, essa, como lócus privilegiado do esporte enquanto objeto de estudo. Em seguida, objetivamos, contextualizar o desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, tendo como ponto nevrálgico a década de 1980 período em que se principia a discussão de viés crítico acerca do esporte em nosso país, por meio da recepção da Teoria Crítica do Esporte (TCE) na Educação Física, subsidiando teoricamente a crítica ao esporte, naquele momento, a partir de sua funcionalidade ao desenvolvimento da sociedade capitalista. Nesse sentido, Torri e Vaz (2006), observam que a recepção da TCE no Brasil está vinculada principalmente a crítica ao esporte no âmbito escolar, ao que se convencionou chamar “Pedagogia Progressista” da Educação Física dos anos 1980, momento em que a área busca superar o tecnicismo pedagógico<sup>143</sup> que tinha justamente no esporte de alto rendimento, seu modelo.

Chamamos a atenção, também, à peculiaridade brasileira, enquanto, na Europa as ciências sociais desde os anos 1960 voltavam sua atenção ao fenômeno esportivo; nas ciências sociais brasileiras o esporte teve presença bastante limitada. Para Torri e Vaz (2006) essa limitação deriva do enfoque direcionado ao futebol

---

<sup>143</sup>O tecnicismo, de viés predominantemente positivista e behaviorista, enquanto tendência surge nos Estados Unidos, durante a segunda metade do século XX e no contexto brasileiro, a partir do golpe militar de 1964. Deste fato decorre o seguinte: a relação professor e aluno caracteriza-se na forma “instrutor- recruta” devido a influência militar, e, também por uma relação “treinador-atleta” já que o esporte determinava os conteúdos de ensino da Educação Física. (Coletivo de Autores, 1992).

como tema sociológico nos inícios da pesquisa sobre o esporte no Brasil, na esteira das contribuições do antropólogo Roberto DaMatta (1982)<sup>144</sup>, fez prevalecer a compreensão do futebol e não necessariamente o esporte como um todo.

Assim, por aqui, a crítica ao esporte desenvolveu-se de maneira mais significativa na área do conhecimento<sup>145</sup> Educação Física<sup>146</sup>, a partir de um duplo processo que se demonstra indissociável: a insurgência do “movimento renovador progressista<sup>147</sup>” da área; impulsionado e alimentado pela ambiência político-cultural – processo de redemocratização -, pela qual passava o país.

Adiante, - se impondo como cerne do presente capítulo - interessa-nos, a partir do cenário esboçado na sessão anterior, a infirmação do projeto de “intenção de ruptura” da Educação Física brasileira<sup>148</sup>, **mapear como se deu o desenvolvimento ulterior da Sociologia do Esporte**, sobretudo, sobre quais matrizes teórico-metodológicos se assentam as produções que se ocupam do debate teórico-conceitual sobre o esporte.

Não se trata de inédita intentada, em livro publicado pela primeira vez no ano de 1997, situando o esporte como produto próprio da modernidade, que se tornou “rápida e ferozmente” a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal; Valter

---

<sup>144</sup> Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira, trata-se nas palavras do autor, “de um livro devotado ao estudo sociológico do futebol” composto por quatro ensaios assinados na ordem por Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baeta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel.

<sup>145</sup> A classificação das Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar às Instituições de ensino, pesquisa e inovação uma maneira ágil e funcional de sistematizar e prestar informações concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da área de ciência e tecnologia. Informação disponível em: < <https://www.gov.br/capes/pt-br/>> Acessado em: 10/05/2023.

<sup>146</sup> Como demonstram, por exemplo, a tese de Ferreira (2014), ao investigar a especificidade do campo acadêmico-científico da Sociologia do Esporte no Brasil, a partir do contexto institucional dos programas de Pós-Graduação (Sociologia e Educação Física); E, o artigo de QUARANTA; SOUZA; MEZZADRI, MARCHI JÚNIOR (2021), que teve por objetivo, mapear os estudos que versam sobre a Sociologia do Esporte, nos programas de pós-graduação brasileiros, entre 2011 e 2018.

<sup>147</sup> Castellani Filho, em texto publicado por ocasião da comemoração dos 40 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, caracteriza a existência de dois Movimentos de Renovação na Educação Física brasileira: “[...] um, “Conservador”, outro, “Progressista”. O “Conservador”, assim caracterizado pela subserviência ou endosso aos valores societários impostos pela ditadura civil-militar gestada pelo golpe de 1964, e minimizada pela sua inserção no processo, aparentemente inovador, de cientificização da EF/Ciências do Esporte, gestado nos anos 70. O “Progressista”, parido no processo de redemocratização da sociedade brasileira nos anos 80, sinalizando a ruptura com os princípios sociopolíticos presentes no período de exceção ao Estado Democrático de Direito do período anterior e com os paradigmas científicos inerentes ao processo de cientificização da área instaurados naquela ocasião.”. (CASTELLANI FILHO, 2019, p.74).

<sup>148</sup> Uma vez que, a ainda embrionária Sociologia do Esporte no Brasil, compôs esse “projeto de intenção de ruptura”, da educação física brasileira, sendo assim, foi impactada por sua posterior infirmação.

Bracht, apresentou-nos, o que julgamos constituir o primeiro esforço de síntese<sup>149</sup> sobre as principais críticas de cunho sócio-filosófico sobre o fenômeno esportivo. Por meio, do já clássico **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**, que tem em seus inúmeros méritos trazer à tona - mesmo que, em alguns assuntos sem o devido aprofundamento -, uma gama enorme de temáticas, problemas e questões que devem ser enfrentados por uma “sociologia crítica do esporte”, configurando uma atualíssima agenda de pesquisa<sup>150</sup>; além de compilar uma revisão de diferentes abordagens sociológicas e filosóficas do esporte.

O quadro desenhado por Bracht, na “[...] exposição destas críticas, bem como de suas bases teóricas.” (BRACHT, 2005, p.10), nos é apresentado em **cinco**<sup>151</sup> capítulos distintos, em que, cada uma delas é objeto de análise, assim encontramos: no capítulo 3. **a Crítica de orientação Frankfurtiana**, que tem como referencial a Escola de Frankfurt, também conhecida como Teoria crítica; no capítulo 4. **O corpo disciplinado: corpo e poder em M. Foucault**, crítica ao esporte, a partir dos procedimentos disciplinares do corpo; no capítulo 5. **Esporte e Reprodução Cultural em P. Bourdieu**, tratando o esporte enquanto reprodução cultural como base na teoria sociológica de Bourdieu; no capítulo 6. **O Marxismo Ortodoxo e a Tese da Reprodução da Força de Trabalho**, análise do esporte enquanto elemento da reprodução da força de trabalho, tese desenvolvida por autores vinculados – ao que denomina – marxismo ortodoxo ou economicista; no capítulo 7. **Esporte e Hegemonia**, a crítica se dá a partir das elaborações do marxista italiano Antônio Gramsci.

Interessa-nos também, o modo pelo qual Bracht (2005) opera ao impetrar a “crítica da crítica”, na síntese das principais críticas de cunho sócio-filosófico ao

---

<sup>149</sup> Posterior ao esforço envidado por Bracht, houve outras produções que intentaram sistematizar a produção acerca da Sociologia do Esporte, porém, sem a preocupação com o discussão teórico-conceitual, como os trabalhos de (QUARANTA; SOUZA; MEZZADRI; MARCHI JÚNIOR, 2021), (MARCHI JÚNIOR, 2007), (FERREIRA 2007, 2014), (MEDEIROS e GODOY, 2009), que evidenciam a recente, mas, ainda incipiente preocupação sobre a produção relativa à Sociologia do Esporte.

<sup>150</sup> A vivacidade desse livro é flagrante, quando pensamos nos candentes questionamentos levantadas por Bracht (2005) em seu opúsculo, e que ainda reclamam por respostas: O esporte é reflexo das relações sociais coisificadas, ou espaço de autorrealização criadora? ou, os dois? Constitui-se como espaço de articulação de contra-hegemonia? É somente elemento da cultura industrial que transforma os indivíduos em objetos consumidores?

<sup>151</sup> Deve-se fazer referência, ao segundo capítulo dessa obra, denominado **As críticas Pioneiras ao Esporte**, no qual se dá a análise da crítica, “[...] que antecede o momento do início da sistematização da crítica ao esporte, que irá acontecer com a entrada em cena principalmente da sociologia.”. (BRACHT, 2005, p.11).

esporte, para isso elenca quatro pressupostos, a saber: **a)** identificação da teoria que explicita ou implicitamente orientam a crítica; **b)** verificação se há transposição dos princípios norteadores daquela teoria para a apreciação do fenômeno esportivo, verificando sua razoabilidade; **c)** respeito ao contexto histórico em que a crítica foi gestada, observando a possibilidade de sua generalização para outros contextos e momentos históricos; e por fim, **e)** operar a crítica da própria teoria de base. (BRACHT, 2005).

Contudo, após mais de 25 anos de sua primeira edição, não houve nenhuma outra sistematização – pelo menos com esta envergadura – que abordasse tal temática, assim, parece-nos, que a compilação das críticas consignada em *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*, encontra-se datada carecendo de **atualização**. Supomos, não haver elementos suficientes, no tempo presente, ao olharmos a produção científica-acadêmica, que indique a presença significativa no debate, de estudos teórico-conceituais sobre o esporte, por exemplo, a partir da obra do marxista italiano Antonio Gramsci, ou então, do filósofo francês Michael Foucault.

Dessa forma, de maneira complementar ao objetivo central deste capítulo, mapear o atual estágio da Sociologia do Esporte, algumas demandas se impõem e reclamam respostas:

- i. atualizar quadro das teorias socio-filosóficas, apresentado por Bracht (2005), a partir do mapeamento e da análise da produção científica-acadêmica;
- ii. localizar grupos, linhas de pesquisas, autores, referenciais e pressupostos de análise, que permitam estabelecer um “estado da arte”<sup>152</sup>, da discussão acerca do esporte no Brasil, identificando possíveis tendências;
- iii. Verificar empiricamente se a Teoria Crítica do Esporte (TCE), que se fez presente, como principal referência no projeto de intenção de ruptura da Educação Física na década de 1980, se mantém

---

<sup>152</sup> Sobre as pesquisas denominadas Estado da Arte: “Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas”. (FERREIRA, p. 2002, p.258).

relevante na produção teórica e sociológica sobre o esporte, no seu desenvolvimento posterior.

### 3.1 Delimitações Metodológicas.

Julgamos ter demonstrado a evidente necessidade de um mapeamento acerca desta temática, todavia, extrapolaria nossos limites categorizar e analisar toda a produção de conhecimento científico-acadêmica, concernente ao debate teórico conceitual sobre o esporte. A fim de que, atender aos objetivos propostos, optamos pelo seguinte recorte: circunscrever nossa investigação à produção vertida nas teses de doutorado, dos pesquisadores ligados a grupos e linhas de pesquisa vinculados e certificados junto ao Diretório dos Grupos de Pesquisa da Capes (DGP), que têm a Sociologia do Esporte como objeto.

Compreende o CNPq<sup>153</sup> como grupo de pesquisa, o:

[...] conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: - cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; - no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; - cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; - e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. O conceito de grupo admite aquele composto de apenas um pesquisador e seus estudantes.”.

Já linha de pesquisa é assim definida, pelo CNPq<sup>154</sup>:

[...] representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si. As linhas de pesquisa subordinam-se aos grupos. Sendo assim, um grupo pode ter uma ou mais linhas, sendo que elas não precisam, necessariamente, estar associadas a todos os integrantes do grupo.”

A opção de trabalharmos exclusivamente com as teses de doutorado como fonte, implicou, por consequência, abdicarmos de livros, artigos em periódicos, dissertações de mestrado, anais de congressos e demais publicações. Assim, percorremos caminho diverso à tendência geral das publicações acadêmicas, que

<sup>153</sup> Informação disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/> . Acessado em 10 de maio de 2023.

<sup>154</sup> Informação disponível em: <https://lattes.cnpq.br/web/> . Acessado em 10 de maio de 2023.

tem se concentrado, cada vez mais, no formato de artigos publicados em periódicos. Essa tendência é impulsionada, entre outros fatores, pela pressão do sistema de avaliação da Capes para a publicação em periódicos, tão afeita à lógica do produtivismo acadêmico.

Justificamos essa decisão com base no argumento central de que as teses de doutorado, por sua própria natureza, possibilitam e requerem um aprofundamento mais amplo da discussão teórico-conceitual, oferecendo melhores condições para dialogar com categorias, conceitos, pressupostos teórico-metodológicos e análises. As teses de doutorado são produtos de pesquisadores mais maduros, em comparação com as dissertações de mestrado, oferecendo, tendencialmente, discussão mais acurada. Apresentam, assim, características que melhor se adequam à consecução de nosso objetivo, que é identificar o debate teórico-conceitual sobre o esporte. Diferentemente, por exemplo, do formato de artigo, que, devido a restrições formais, como limitações no número de caracteres e páginas, tende a priorizar, na exposição, a apresentação de resultados em detrimento da discussão teórica.

Podemos, ainda, elencar outros fatores que fundamentam nossa opção pela utilização das Teses: possibilidade de acesso aos textos em sua integralidade por meio digital (tarefa dificultada, se operássemos com livros); possibilidade de “rastreamento” da produção, a partir da identificação: Instituição de Ensino Superior, área do conhecimento, orientadores, data da publicação (permite observar características e tendências); e, por fim, as teses quase em sua totalidade representam a produção de um único pesquisador.

A seguir, buscaremos justificar e elucidar, o modo como lidamos com a coleta e o tratamento dos dados obtidos, bem como esclarecer as razões que subjazem nossas escolhas, relacionadas à operacionalização e execução dos métodos e técnicas de pesquisa. Começaremos por apresentar a fonte da qual obtivemos os dados iniciais e os primeiros resultados alcançados.

### 3.1.1 Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP)

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, doravante DGP, vinculado à Plataforma Lattes, configura-se como um acervo dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no país<sup>155</sup>. Tendo três finalidades principais: a **primeira** que diz respeito à comunidade científica, servindo como um eficiente e veloz instrumento para o intercâmbio e troca de informações, sendo capaz de responder quem é quem, onde se encontra, o que está fazendo, e o que produziu recentemente<sup>156</sup>; a **segunda** de caráter institucional, como ferramenta norteadora para o planejamento de políticas públicas, além da gestão das atividades de ciência e tecnologia; e uma **terceira**, preservar a memória da atividade científico-tecnológica do Brasil, por meio de seus sensores e bases de dados. (CNPQ, 2023)

Sua origem remonta a década de 1990, mais precisamente 1993 ano em que foi lançado<sup>157</sup>, portanto anterior à concepção da Plataforma Lattes que só veio à público em agosto de 1999, fruto de um duplo e simultâneo movimento, primeiro, o consenso político da comunidade científica no que concerne, à necessidade de um sistema único que aglutinasse as informações de ciência e tecnologia; o segundo, diz respeito ao desenvolvimento e avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), precipuamente a internet. (CHIARINI et.al, 2022).

Idealizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), consubstancia o empenho para estabelecer uma abordagem unificada e coesa na produção de estatísticas relacionadas à Ciência e Tecnologia (C&T) no Brasil<sup>158</sup>, que até então estava fragmentada em diferentes agências

---

<sup>155</sup> “[...] enquanto base de dados fundamental para registro e acompanhamento da atividade científica, tecnológica e interativa entre diferentes atores do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI), reunindo dados e permitindo a construção de indicadores fundamentais para a avaliação de políticas públicas em ciência e tecnologia (C&T)” (CHIARINI et.al, 2022, p.05).

<sup>156</sup> “As informações contidas no Diretório dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e às parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições, sobretudo com as empresas do setor produtivo. Com isso, é capaz de descrever os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil.” (CNPQ, 2023).

<sup>157</sup> Como o objetivo de “[...] criar um sistema de informação sobre as atividades de pesquisa científica e tecnológica no âmbito das universidades, institutos de pesquisa e algumas empresas estatais” (CNPq, 1993, p. 05).

<sup>158</sup> “O diretório foi concebido como instrumento para permitir a elaboração de indicadores de C&T capazes de acompanhar o desempenho, a qualidade e o potencial de instituições e seus grupos de pesquisa, porém, com o tempo, passa a ficar explícito, nos documentos institucionais do CNPq, que o

governamentais. (CHIARINI et.al, 2022). A base de dados do Diretório é pública e contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no país, suas respectivas de linhas de pesquisa e, os pesquisadores vinculados a elas, ademais, possibilita a “[...] ampliação do conhecimento sobre a dinâmica da produção científica em diferentes áreas do conhecimento, além de ajudar a caracterizar as relações entre ciência, tecnologia e sociedade (CTS)” (CHIARINI 2022, p.32).

Desta feita, a **primeira fase** do mapeamento, de natureza eminentemente quantitativa, foi realizada a partir da base de dados do DGP<sup>159</sup>. Ela envolveu dois passos: o primeiro consistiu em identificar grupos e linhas de pesquisa que abordam a temática da Sociologia do Esporte. Realizamos uma busca abrangente utilizando o descritor 'Esporte' nos seguintes filtros: 'Nome do Grupo', 'Nome da Linha de Pesquisa' e 'Palavra-chave da Linha de Pesquisa'. As buscas foram realizadas em maio de 2023, e os resultados revelaram um número expressivo de **615** (seiscentos e quinze) grupos.

O segundo passo envolveu um refinamento da amostragem inicial. Para isso, procedemos à análise detalhada dos campos, incluindo 'nomes dos grupos', 'nomes das linhas de pesquisa', 'dados da linha de pesquisa', 'objetivos', 'palavras-chave' e, por fim, 'áreas do conhecimento'. Esse conjunto de procedimentos nos permitiu identificar **21** (vinte e um) grupos de pesquisa que têm a Sociologia do Esporte como objeto em pelo menos uma de suas linhas de pesquisa, além de encontrarmos **105** (cento e cinco) pesquisadores vinculados a esses grupos/linhas.

Este processo nos permitiu identificar as linhas de pesquisa, o recenseamento dos pesquisadores relacionados a elas, as Instituições de Ensino Superior (IES) que os grupos de pesquisa estão vinculados, as áreas do conhecimento de origem e o ano de criação dos grupos, como demonstra a tabela abaixo.

---

diretório poderia ser usado pela própria comunidade científica e tecnológica como instrumento para o intercâmbio e a troca de informações” (CHIARINI et.al, 2022).

<sup>159</sup>Informação disponível em: <[http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf)>. Acessado em 16/05/2023.

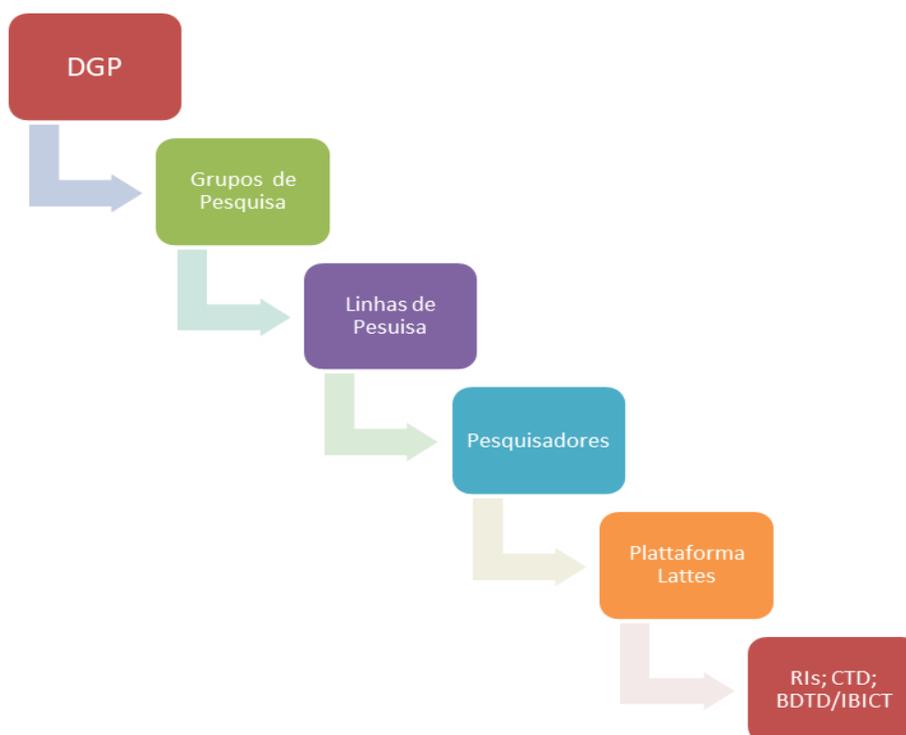
**Tabela 02:** Grupos e Linhas de Pesquisa que têm por objeto a Sociologia do Esporte.

Nº	Grupo	Instituição	Linha de Pesquisa	Área de Conhecimento	Criação	Nº Doutores
1	Grupo de Pesquisa em Sociologia do Esporte e Aspectos Socioculturais da Educação Física	Universidade de São Paulo - USP	Habermas: confluências e interlocuções na área interdisciplinar	Sociologia	2015	4
2	Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Universidade Federal do Paraná - UFPR	História e Sociologia do Esporte	Educação Física	2002	12
3	EduSertão - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Estudos sociológicos e pedagógicos da Educação Física, do esporte e do lazer	Educação Física	2022	2
4	Ensino, Corpo e Sociedade	Universidade Federal de Viçosa - UFV	Aspectos Sociológicos, Antropológicos e Políticos do Esporte e do Lazer	Educação Física	2022	1
5	Esporte e Cultura	Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ	Manifestações Culturais do Esporte Moderno	Comunicação	1998	15
6	GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP	Antropologia, história e sociologia do esporte	Departamento de Ciências Humanas	2010	6
7	Gepecs - Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade	Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT	Sociologia do Esporte, Educação Física e Diversidade Cultural	Sociologia	2012	1
8	GEPESECF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Universidade Federal de Sergipe - UFS	Aspectos sociológicos e Educação Física	Educação	2019	5
9	Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG	Sociologia do Esporte e Lazer	Educação Física	2008	9
10	Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte e Sociedade	Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR	Mercantilização e espetacularização do esporte	Educação Física	2016	1
11	Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Universidade Estadual de Maringá - UEM	Sociologia do Esporte, Lazer e Atividade Física	Educação Física	2011	7
12	Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	Sociedade e Desporto	Sociologia	2021	5
13	Grupo de Pesquisa em Ciências do Esporte ( GPCE )	Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR	Esporte e Sociologia	Educação Física	2010	1
14	Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Universidade Estadual de Londrina - UEL	Saúde, Esporte e Lazer	Educação	2008	12
15	Laboratório Aplicado em Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer	Universidade Federal de Alagoas - UFAL	Cultura, Esporte, Lazer e Sociedade	Educação	2020	3
16	Laboratório de Estudos Olímpicos e socioculturais dos Esportes (LEOS)	Universidade Federal de Viçosa - UFV	Estudos históricos e sociológicos da Educação Física e dos Esportes	Educação Física	2018	2
17	Laboratório de Sociologia do Esporte - LASEPE	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	Representações Sócio-Históricas do Esporte	Educação Física	2000	4
18	Lazer, esporte, mídia e meio ambiente - LEMMA	Universidade do Estado da Bahia - UNEB	Sociologia do Esporte e Lazer	Educação	2013	3
19	Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea	Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	Esporte e Sociedade	Educação	2000	4
20	Observatório de Educação Física e Esporte	Universidade Estadual de Maringá - UEM	Sociologia do Esporte	Educação Física	2016	6
21	Sociologia do esporte GESOE	Universidade Luterana do Brasil - ULBRA	Representações sociais no esporte	Educação Física	2019	2
<b>TOTAL DE PESQUISADORES DOUTORES.</b>						<b>105</b>

Fonte: Elaboração Própria.

Após a identificação dos grupos e das linhas de pesquisa que têm a Sociologia do Esporte como objeto, juntamente com o levantamento dos pesquisadores vinculados a essas linhas, realizamos uma busca individual em seus currículos na Plataforma Lattes<sup>160</sup>. Essa etapa nos permitiu avançar para a **segunda fase** do nosso mapeamento, que consistiu em localizar as teses de doutorado dos pesquisadores. Para isso, recorreremos às seguintes bases de dados: os repositórios institucionais das Instituições de Ensino Superior (IES), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT). A imagem a seguir, ilustra o caminho percorrido, na busca do *corpus* da pesquisa.

**Figura 01:** Caminho percorrido para obtenção do *corpus* da pesquisa.



**Fonte:** Elaboração Própria.

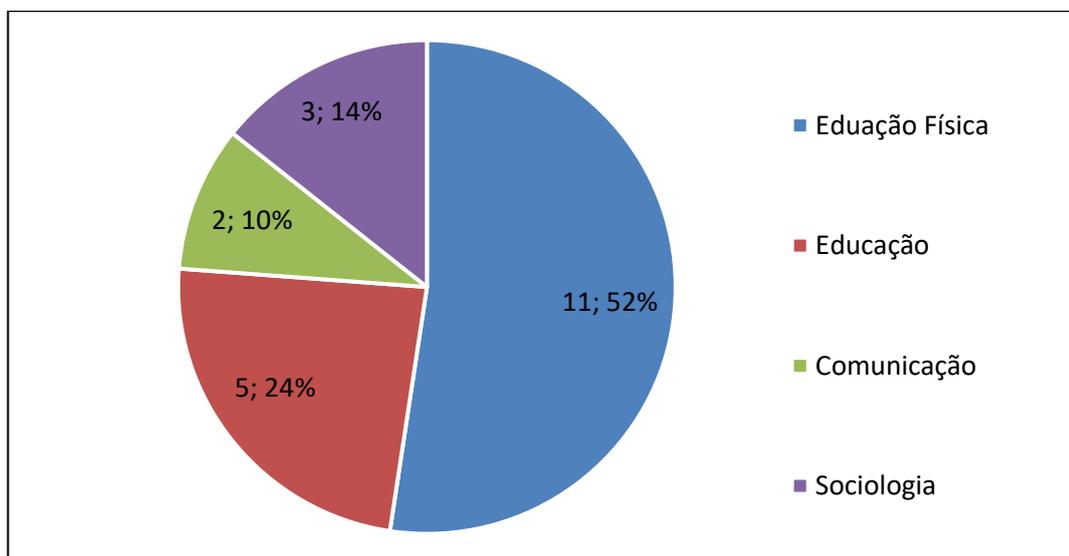
<sup>160</sup> “A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. [...] O Currículo Lattes, lançado em 1999, se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia.”. Informação disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/plataforma-lattes>> . Acesso em: 01 de jul. 2023.

### 3.2 Apresentação e discussão dos resultados.

Adotaremos na exposição, a mesma lógica empreendida na obtenção do material, portanto, nos deteremos num primeiro momento a dialogar com os resultados obtidos na **primeira fase** de nosso mapeamento, que se referem aos grupos e linhas de pesquisa, a partir de uma análise descritiva.

De um ponto de vista eminentemente quantitativo, o levantamento evidencia que os Grupos de Pesquisa certificados no DGP<sup>161</sup>, que tematizam ou então que possuam linhas de pesquisa sobre Sociologia do Esporte (21 no total), estão presentes em apenas 04 áreas do conhecimento, concentradas na Educação Física com 11, perfazendo 52% dos grupos/linhas (Gráfico 01). As demais áreas nas quais há grupos ou linhas são: Educação com 24% (05 grupos/linhas); Sociologia com 14% (03 grupos/linhas) e Comunicação com 10% (05 grupos/linhas). Esses números, reforçam o argumento por nós defendido, da especificidade do caso brasileiro em relação, principalmente, ao Europeu: o desenvolvimento da Sociologia do Esporte, por dentro, ou a partir da Educação Física.

**Gráfico 01:** Grupos/Linhas de pesquisa por área do conhecimento.

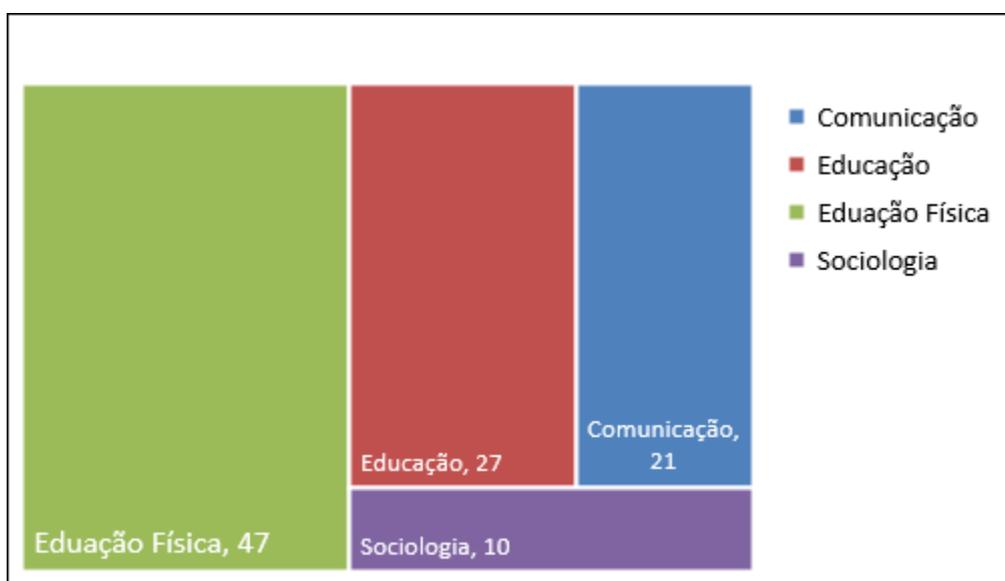


**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

<sup>161</sup> Vide Tabela 02.

Em relação à distribuição dos pesquisadores por área do conhecimento (um total de 105), conforme ilustrado na representação gráfica (Gráfico 02), observa-se, que a concentração se mantém nas áreas de Educação Física com 47% (45 pesquisadores), e Educação com 27% (26 pesquisadores) com sutis variações. No entanto, chama a atenção a área de Comunicação, que com apenas 02 grupos/linhas, reúne 21 pesquisadores, o que representa 20% do total. Esses números são consideravelmente superiores aos da Sociologia, que, com 3 grupos/linhas, possui apenas 9% (10 pesquisadores).

**Gráfico 02:** Pesquisadores por área do conhecimento

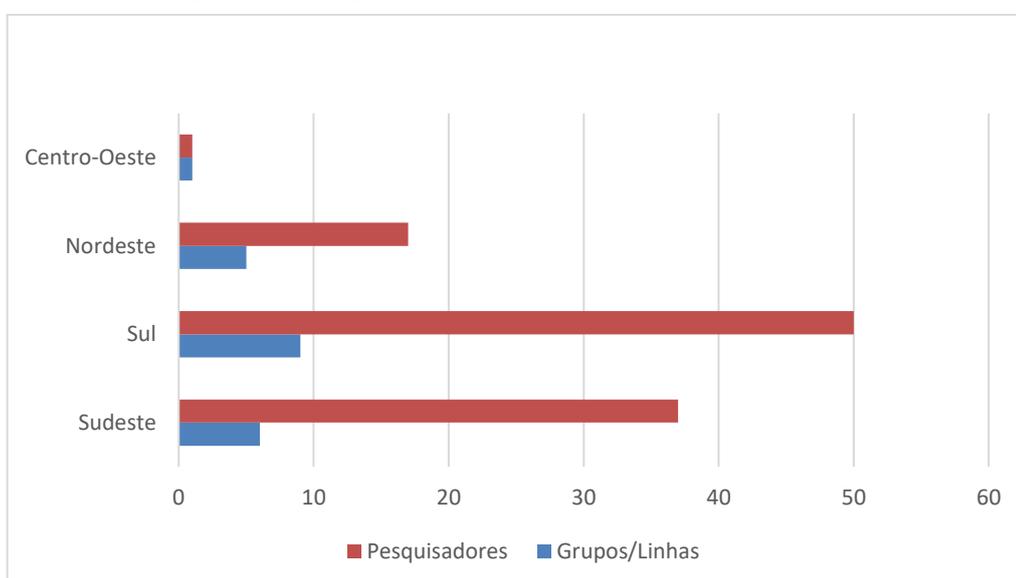


**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

A fim de contextualizar e identificar as características e tendências dos grupos/linhas que constituem o nosso objeto, realizamos uma segmentação regional a partir das Instituições de Ensino Superior (IES). Dessa forma, pudemos localizar a região Sul como aquela com a maior concentração de grupos/linhas, contando com 9 e 50 pesquisadores vinculados a elas, o que representa 43% e 48%, respectivamente. A região Sudeste segue, com 6 grupos/linhas e 37 pesquisadores vinculados, representando 28% e 35%, respectivamente. A região Nordeste possui 5 grupos/linhas e 17 pesquisadores vinculados, representando 24% e 16%, respectivamente. A região Centro-Oeste, por sua vez, conta com 1 grupo/linha e 1 pesquisador, correspondendo a 5% e 1%, respectivamente. Notadamente, a região Norte não apresenta nenhum grupo/linha de pesquisa em Sociologia do Esporte,

conforme demonstrado no Gráfico 03. Aprofundando a segmentação regional, encontramos os grupos/linhas, dispostos nos seguintes Estados da federação: Paraná (6), Minas Gerais (3), São Paulo (2), Bahia (2), Rio Grande do Sul (2), Rio de Janeiro (1), Mato Grosso (1), Sergipe (1), Alagoas (1), Pernambuco (1), Santa Catarina (1). Esses resultados, indicam a pungência da região Sul, nomeadamente o Estado do Paraná, como lócus de pesquisa acadêmico-científica sobre Sociologia do Esporte. Da mesma forma que, evidenciam uma tendência geral da pós-graduação brasileira, a concentração de programas e pesquisadores nas regiões sul e sudeste, em detrimento das regiões norte e nordeste.

**Gráfico 03:** Segmentação regional dos grupos/linhas de pesquisa.



**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

Ademais, podemos inferir dos dados obtidos (tabela 2), que a presença institucionalizada da Sociologia do Esporte na pós-graduação brasileira é muito recente<sup>162</sup>. Dos 21 grupos de pesquisa que tematizam a Sociologia do Esporte, 16 deles tem “ano de formação”<sup>163</sup> posterior a 2010, representando 76%. Apenas um grupo foi estabelecido na década 1990. Da mesma forma, a criação do primeiro programa de pós-graduação em Educação Física do Brasil em 1977, da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP), inicialmente somente com o curso de mestrado, e posteriormente em 1989 com o curso de

<sup>162</sup> Assim como a própria Sociologia do Esporte, como já demonstramos na primeira parte deste trabalho.

<sup>163</sup> Para utilizar a mesma nomenclatura encontrada, no campo identificação do DGP.

Doutorado, ambos inéditos na América Latina. (AMADIO, 2007). Portanto, todo o complexo que envolve a Sociologia do Esporte no Brasil é relativamente novo.

Na sequência, adentramos a **segunda fase** de nosso mapeamento, desse modo, iremos dialogar com as teses de doutorado, dos pesquisadores que integram os grupos e linhas de pesquisa, que tematizam a Sociologia do Esporte, como já mencionado, acessamos esse material a partir dos currículos disponíveis na Plataforma Lattes, e das seguintes bases de dados: repositórios institucionais das Instituições de Ensino Superior (IES), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT).

O material resultante dessa segunda fase do mapeamento, o *corpus* de nossa análise, exigiu-nos um tratamento dos dados inteiramente novo em relação à primeira fase. Nesse sentido, cabe a observar que, inicialmente, possa parecer que são resultados divergentes daqueles que já apresentamos, principalmente no que se refere à distribuição dos pesquisadores por Instituições de Ensino Superior (IES), regiões e áreas do conhecimento, o que não configura uma contradição, uma vez que, o atual vínculo do pesquisador com determinado grupo/linha de pesquisa, pode ou não coincidir com a Instituição de Ensino Superior, área do conhecimento, na qual desenvolveu seu trabalho de doutorado. Por isso, optamos por apresentar os dados em duas fases: uma centrada nos grupos/linhas de pesquisa tendo como fonte o DGP – já realizado; e a segunda tendo como fulcro os pesquisadores e seus produtos. É importante ressaltar que essas fases se complementam.

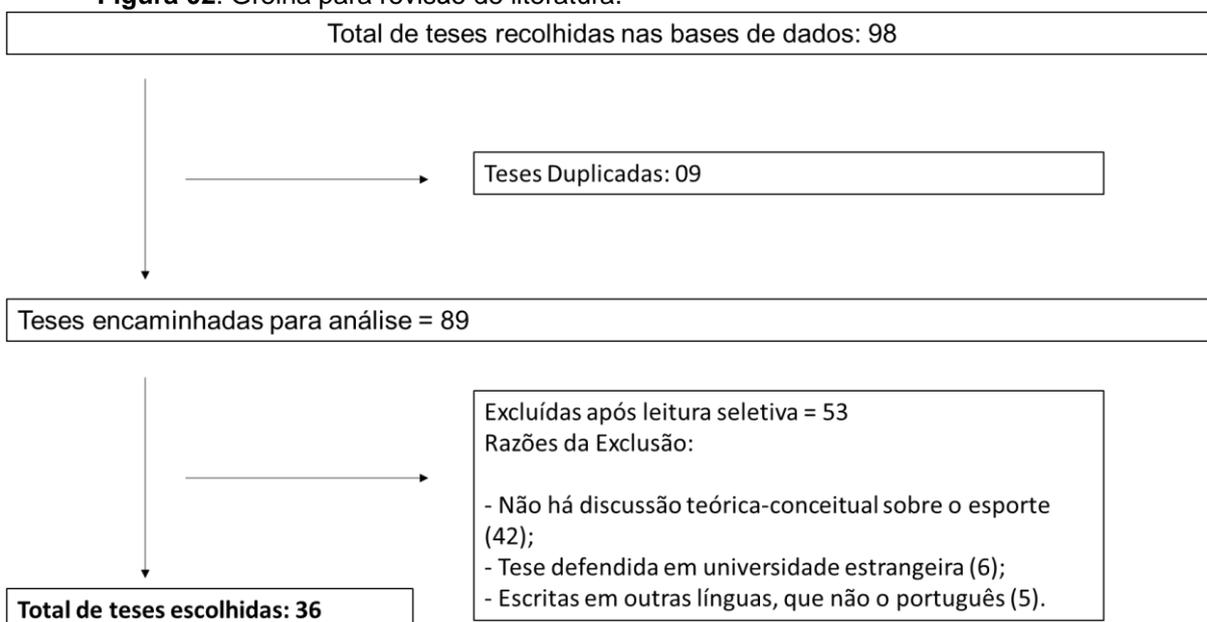
Tendo como ponto de partida os dados obtidos na Tabela 02, estabelecido o recenseamento de todos os 105 pesquisadores (Plataforma Lattes), e coletadas as teses nas bases de dados, tivemos que operar a primeira filtragem no trato do material, uma vez que, 04 teses/trabalhos não possuem divulgação autorizada (CAVALCANTE, 2014; CAVICHIOLLI, 2004; HIRATA, 2020; MARQUES, 2003), e 03 teses/trabalhos não foram localizadas, em nenhuma das bases de dados consultadas, (PIRES, 2000; RODRIGUES, 2000; VIEIRA, 2001), restando assim 98 teses.

Após o contato inicial com o material, fez-se necessário um segundo filtro, a partir dos seguintes critérios de inclusão e exclusão, para o atendimento de nossos objetivos: foram **selecionados** os trabalhos/teses, que estabelecem discussão teórico-conceitual sobre o esporte; e foram **excluídos** os trabalhos:

- Em que não há discussão teórico-conceitual sobre o esporte (42 teses)<sup>164</sup>;
- Teses defendidas em universidades estrangeiras (06 teses)<sup>165</sup>;
- Teses vertidas em outra língua, que não o português (05 teses)<sup>166</sup>;
- Teses duplicadas, em que, os pesquisadores estão vinculados a um ou mais grupos/linhas de pesquisa (09 teses)<sup>167</sup>.

O segundo filtro, foi estabelecido, mediante a leitura cuidadosa, atenta e rigorosa de todos os títulos, resumos, sumários, e referências bibliográficas dos 98 trabalhos de doutoramento, e da posterior busca<sup>168</sup>, – feita tese por tese –, do termo: **esporte**, o que nos levou a um total de **36 teses de doutorado**. Abaixo segue a disposição dos trabalhos, em formato de grelha, para melhor inteligibilidade.

**Figura 02:** Grelha para revisão de literatura.



**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

<sup>164</sup> Conforme tabela A, em anexo.

<sup>165</sup> Conforme tabela B, em anexo.

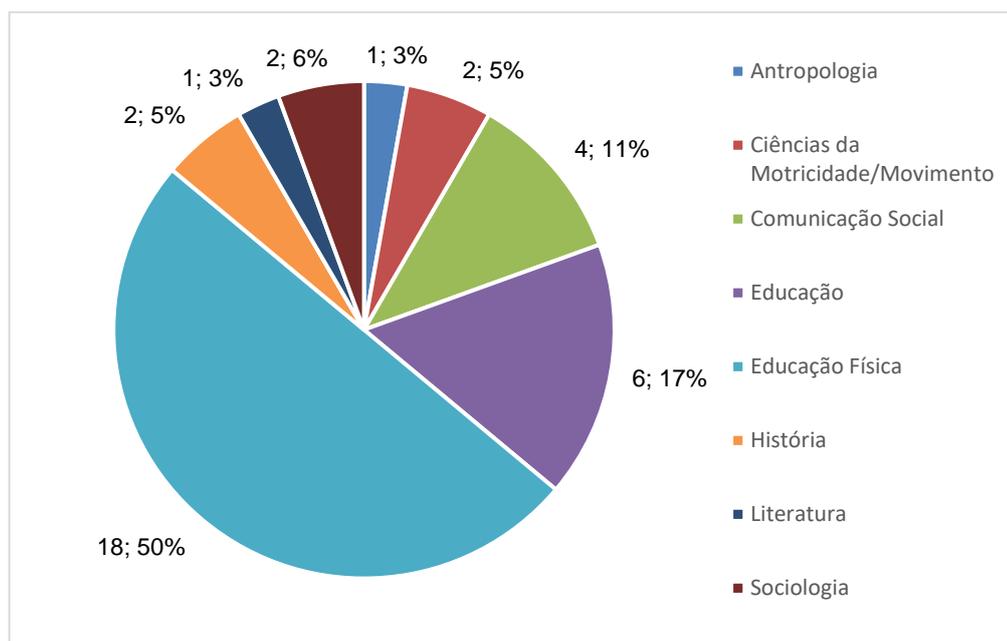
<sup>166</sup> Conforme tabela C, em anexo.

<sup>167</sup> Conforme tabela D, em anexo.

<sup>168</sup> A partir da ferramenta localizar (Ctrl + F), disponível em arquivos de formato PDF.

Quanto às características mais gerais da produção, o levantamento evidencia que, os trabalhos de doutorado que estabelecem discussão teórica-conceitual acerca do esporte, são produtos de 26 pesquisadores homens e 10 pesquisadoras mulheres, representando 72% e 28% respectivamente do todo; estão presentes em 08 áreas do conhecimento, concentradas na Educação Física com 18, perfazendo 50% das teses (Gráfico 04). As demais áreas nas quais há trabalhos são: Educação com 17% (06 teses); Comunicação Social com 11% (04 teses), seguidas por Ciências da Motricidade/Movimento, História e Sociologia, todas com 5% (02 teses); e por fim Literatura com 3% (01 tese). Números, que mais uma vez, reforçam o argumento por nós defendido, da especificidade do caso brasileiro em relação, principalmente, ao Europeu: o desenvolvimento da Sociologia do Esporte, por dentro, ou a partir da Educação Física.

**Gráfico 04:** Teses por área do conhecimento.

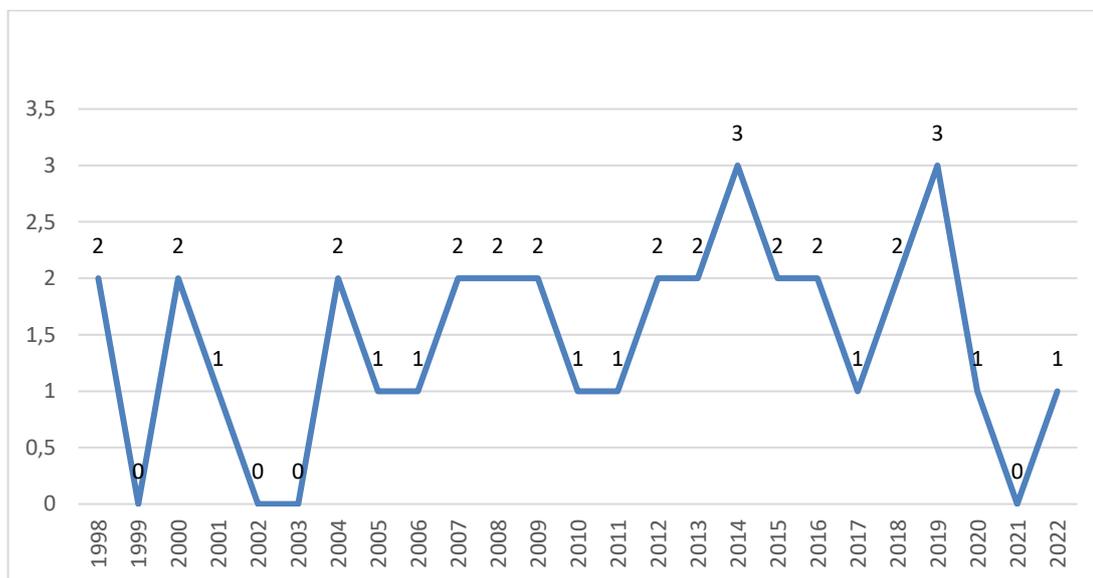


**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

Para melhor apreender às características do nosso objeto, buscamos organizar e distribuir cronologicamente o conjunto de teses obtidas na busca. Assim, o Gráfico 05, apresenta a dispersão dos trabalhos cronologicamente, em uma linha do tempo, ano a ano, a partir de 1998, data em que encontramos o primeiro trabalho. Como se trata de um número relativamente pequeno de trabalhos, em relação ao grande intervalo de tempo, não é possível identificar grandes clivagens

ou alterações significativas nessa linha temporal. Mas, cabe destacar os anos de 2002-2003, único intervalo em que não há nenhuma tese defendida.

**Gráfico 05:** Teses por ano de defesa (1998-2022).



**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

Interessou-nos também verificar em quais Instituições de Ensino Superior esses estudos foram desenvolvidos. Nesse sentido, a partir da Tabela 03, pudemos identificar a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com 28% e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) com 17%, como as maiores responsáveis pela produção das teses de doutorado, que estabelecem o debate teórico-conceitual sobre o esporte, se configurando como polos irradiadores do debate teórico-conceitual sobre o esporte e da Sociologia do Esporte. Chama a atenção o papel protagônico das IES públicas, na indução e produção do conhecimento, sendo responsáveis por 92% das teses; Das 13 IES mapeadas, apenas duas são de origem privada: Universidade Gama Filho com 5% trabalhos, e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com 3% dos trabalhos (tabela 03).

**Tabela 03:** Quantidade de Teses por Instituições de Ensino Superior (IES).

Teses por Instituições de Ensino Superior
-------------------------------------------

<b>Gama Filho</b>	Universidade Gama Filho	2
<b>PUC-SP</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	1
<b>UEM</b>	Universidade Estadual de Maringá	2
<b>UERJ</b>	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	4
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia	1
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Geraes	1
<b>UFPE</b>	Universidade Federal do Pernambuco	1
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná	6
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina	4
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília	1
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista	1
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas	10
<b>Total</b>		<b>36</b>

**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

No que tange, aos professores orientadores destes trabalhos, os resultados se revelaram bastante diluídos, pois encontramos 24 orientadores em um universo de 36 teses. Somente 06 orientadores, possuem mais de um trabalho sob sua orientação: Maria Beatriz Rocha Ferreira com 05 trabalhos; na sequência Ademir Gebara, Ronaldo Helal e Wanderley Marchi Junior com 03 cada; seguidos por Alexandre Vaz e Fernando Augusto Starepravo com 02, a Tabela 04, que segue abaixo, apresenta o quadro completo de orientadores. Ainda sobre os professores orientadores, efetuando o corte de gênero encontramos apenas 05 orientadoras mulheres, representando pouco mais de 20% do total e sendo responsáveis pela orientação de 9-25% das teses<sup>169</sup>. Enquanto os 19 pesquisadores/orientadores homens representam pouco menos de 80% do total, sendo responsáveis pela orientação de 27-75% dos trabalhos. Estes números se extrapolados reproduzem o quadro geral da desigualdade de gênero no acesso, oportunidades e participação nos postos de trabalho. (IBGE, 2018).

**Tabela 04:** Relação de Orientadores x trabalhos orientados.

<sup>169</sup> Os números são bastante parecidos com os de pesquisadores/pesquisadoras.

<b>Orientadores</b>	
Ademir Gebara	3
Alexandre Janotta Drigo	1
Alexandre Vaz	2
Andrea Moreno	1
Antonio Jorge Gonçalves Soares.	1
Augusto Cesar Rios Leiro	1
Carmen Silvia Rial	1
Edilson Fernandes de Souza	1
Enno Dagoberto Liedke Filho	1
Estefânia Knotz Canguçu Fraga	1
Etienne Ghislain Samain	1
Fernando Augusto Starepravo	2
Fernando Marinho Mezzadri.	1
Fernando Mascarenhas	1
Fernando Renato Cavichioli	1
Guillermo Francisco Giucci Schmidt	1
Gustavo Luis Gutierrez	1
Hugo Lovisolo	1
Jaison José Bassani	1
Luiz Carlos Ribeiro	1
Marco Paulo Stigger	1
Maria Beatriz da Rocha Ferreira.	5
Ronaldo Helal	3
Wanderley Marchi Junior	3
<b>Total</b>	<b>36</b>

**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

### 3.2.1 As Teses e suas referências.

Vencida a análise de cariz, predominantemente descritiva/quantitativa, vamos adentrar para a **terceira fase** de nosso mapeamento, essa de natureza qualitativa; após leitura atenta e rigorosa do material, objetivando identificar quem são os autores de referência, e sobre quais matrizes teórico-metodológicos se assentam as teses que estabelecem debate teórico-conceitual sobre o esporte. Para tanto, na lógica de exposição iremos apresentar de maneira sintética tese por tese, a partir do

grupo/linha de pesquisa que os pesquisadores estão vinculados (momento, em que as fases um e dois se complementam).

O **Centro de Pesquisa em Esporte Lazer e Sociedade**, da Universidade Federal do Paraná, na área de Educação Física, criado em 2002 e tendo como pesquisador líder Wanderley Marchi Júnior, a partir da linha de pesquisa: **História e Sociologia do Esporte**, aparece com 09 teses em nosso levantamento.

A **primeira** tese de autoria de Bárbara Schausteck de Almeida, intitulada: “*Altius, citius, fortius... ditius? Lógicas e estratégias do Comitê Olímpico Internacional, comitê de candidatura e governo brasileiro na candidatura e escolha dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016*”, defendida no ano de 2015, no programa de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob orientação de Wanderley Marchi Junior. A autora a partir da leitura de **Pierre Bourdieu**, e utilizando todo seu arsenal categorial, dedicando inclusive capítulo introdutório à apresentação da obra. Descreveu em sua tese, as lógicas de funcionamento do campo esportivo e político, especialmente no que se refere à identificação das estratégias e dos posicionamentos do COI, do comitê de candidatura e do governo brasileiro para a candidatura e eleição do Rio de Janeiro como cidade-sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

A **segunda** tese, de autoria de Fernando Marinho Mezzadri, intitulada: “*A Estrutura do Esporte Paranaense: da formação dos clubes a atual situação*”, defendida no ano de 2000, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob orientação de Ademir Gebara, trata-se de trabalho que analisa a estrutura do “sistema” esportivo no Estado do Paraná, apreendendo seu desenvolvimento histórico, observando a formação e desenvolvimento de clubes e federações, além das regulamentações estatais por meio das legislações. Para tanto, utiliza as contribuições de **Bourdieu** no entendimento de campo esportivo, na discussão sobre espetacularização esportiva. Também se vale da obra de **Norbert Elias e Eric Dunning**, ao tratar da Sociologia do Esporte, e no emprego da categoria *habitus*.

A **terceira** tese, de autoria de Juliano Souza, intitulada: “*O 'esporte das multidões' no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais*”, defendida no ano de 2014, no programa de Educação Física

da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob orientação de Wanderley Marchi Junior, busca identificar, as linhas da Sociologia do Futebol brasileiro, para num segundo momento operar uma releitura sociológica do futebol, nas palavras do autor “[...] propor não meramente um modelo alternativo para reler a história do futebol brasileiro e moderno e, muito mais que isso, uma concepção de trabalho no âmbito dos estudos socioculturais do futebol.”. (SOUZA, 2014, p.353). Para utilizar a mesma expressão, do autor o “núcleo duro” de sua argumentação reside nas obras de **Elias, Dunning e Bourdieu**.

A **quarta** tese, de autoria de Kátia Bortolotti Marchi, intitulada: “*Do Surf ao Tow-in: do processo civilizador à sociedade de risco*”, defendida no ano de 2017, no programa de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob orientação de Fernando Renato Cavichioli. Trabalho que procurou entender o processo histórico e o desenvolvimento do surf ao tow in, a partir do que a autora denomina como “análises sociológicas das representações sociais, contidas no contexto do processo civilizacional e da modernidade”, com clara e manifesta inspiração em **Elias**. No desenvolvimento da tese, estabelece o diálogo entre **Elias, Dunning e Bourdieu**, na conceituação do Esporte. Ainda a partir de *A Busca da Excitação* (Elias e Dunning), na utilização do esporte como descontrolado controlado, das emoções, e na noção de habitus.

A tese seguinte, a **quinta** deste grupo, tem como autora Leticia Godoy, tendo como título: “*O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos*”, defendida no ano de 2013, no programa de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob orientação de Fernando Marinho Mezzadri. Neste estudo são investigadas as relações existentes entre o Governo Federal e outros segmentos representativos do esporte brasileiro na busca de viabilizar a criação do Sistema Nacional de Esporte (SNE), buscando conhecer a composição da estrutura que organiza o esporte no Brasil nos domínios acadêmico, jurídico e político. Tese que analisa a produção acadêmica por meio de periódicos científicos da área, a produção sobre o Sistema Nacional de Esporte no Brasil, procurando assim, identificar possíveis relações e delineamentos. **Bourdieu**, aparece como autor nuclear no desenvolvimento da tese, responsável por embasar categorias centrais no desenvolvimento do trabalho como, o campo esportivo, habitus, agentes sociais.

Tendo como autor, Renato Francisco Rodrigues Marques, a **sexta** tese com título “*O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu*”, defendida no ano de 2010, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob orientação de Gustavo Luis Gutierrez. Estudo que se propõe investigar e delimitar, com base em análise sociológica proposta na obra de **Pierre de Bourdieu**, questões ligadas às formas de interação social presentes no subcampo do esporte paraolímpico brasileiro. A discussão a partir de Bourdieu, é central e perpassa todos os momentos da tese, desde a caracterização sobre Sociologia do Esporte, até a utilização das categorias de Bourdieu na análise.

A **sétima** tese de autoria de Ruth Eugênia Amarante Cidade, intitulada: “*Atletas Paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea*”, defendida no ano de 2004, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob orientação de Maria Beatriz da Rocha Ferreira, trata sobre as relações que as atletas paralímpicas estabelecem entre os diversos papéis sociais que exercem, como elas transitam nas dinâmicas configuracionais que participam, a partir de uma investigação de cunho sociocultural . Esse cenário foi analisado com base no que denomina “Teoria Sociológica de **Norbert Elias**”.

A **oitava** tese, tem como autor Wanderley Marchi Júnior, intitulada: “*Sacando o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*”, defendida no ano de 2001, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob orientação de Ademir Gebara. Discute a evolução da modalidade voleibol até seu processo de espetacularização, delinea as peculiaridades do processo histórico da modalidade voleibol, em momentos denominados “viradas”, em um período de 30 anos. Conta com um núcleo teórico metodológico que perpassa por todo caminho da tese, incluindo capítulo dedicado à temática: formado pelo **hibridismo** entre a obra de **Bourdieu** e de **Norbert Elias**, em outras palavras: O modelo de análise sociológica dos campos de Bourdieu e a Teoria do Jogo Competitivo de Norbert Elias.

A **nona** e última tese deste grupo, tem como autor André Mendes Capraro, intitulada: “*Identidades Imaginada: futebol e nação na crônica esportiva brasileira*”, defendida no ano de 2007, no programa de História da Universidade Federal do

Paraná - UFPR, sob orientação de Luiz Carlos Ribeiro. Estabelece neste estudo uma reflexão a respeito do futebol, por meio das crônicas literárias, dividida em dois blocos históricos: o primeiro bloco ligado à sociogênese do esporte no Brasil, quando a crônica das primeiras décadas do século XX discutia a sua funcionalidade e representatividade na nova sociedade republicana; já no segundo bloco histórico, o futebol se encontrava devidamente inscrito como elemento central da cultura brasileira, assumindo um papel de agente afirmador da identidade nacional. Para tanto, se utiliza de Elias, e sua teoria do processo civilizador como elemento nuclear para o desenvolvimento da tese. Além de dialogar com **Elias, Dunning e Bourdieu**, ao situar a gênese do esporte.

O próximo grupo, **EduSertão - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer** da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, na área de Educação Física, criado em 2022 e tendo como pesquisadores líderes Ana Gabriela Alves Medeiros e Marlon Messias Santana Cruz, a partir da linha de pesquisa: **Estudos sociológicos e pedagógicos da Educação Física, do esporte e do lazer**, aparece com apenas 01 tese no levantamento.

Trata-se do trabalho do pesquisador Nadson Santana Reis, intitulada: *“Esboço da crítica da Economia Política do Futebol”*, defendida no ano de 2022, no programa de Educação Física da Universidade de Brasília - UnB, sob orientação de Fernando Mascarenhas Alves. Nesta tese o autor, se propõe a investigar o “ser” (social) do futebol-espetáculo e sua correspondente economia política no contexto do capitalismo tardio, para isso, opera com a **obra marxiana**<sup>170</sup>, além de autores da **tradição marxista** (David Harvey, José Paulo Netto, e Frederic Jamenson), no trato da economia política. Na discussão sobre o esporte estabelece diálogo com a Teoria Crítica, principalmente **Brohm**.

Passamos, agora ao grupo **Ensino, Corpo e Sociedade**, da Universidade Federal de Viçosa – UFV, na área de Educação, criado em 2022, tendo como pesquisador líder Anderson da Cunha Baia, com a linha de pesquisa: **Aspectos**

---

<sup>170</sup> Em tempo, o termo **marxiano**: diz respeito, àquilo que é produção e obra do **próprio** Marx, ou seja, construído elaborado e formulado por ele: livros, artigos, ensaios, cartas etc. já **marxista**, ou **tradição marxista**, se refere as interpretações da obra marxiana, é muito importante se dizer, que há vários marxismos, com todas as adjetivações, avanços e insuficiências que daí derivam. Neste momento e espaço, essas observações são suficientes, no entanto, uma discussão adequada sobre o desenvolvimento da **tradição marxista**, e seus muitos matizes, excederia nossos limites.

**Sociológicos, Antropológicos e Políticos do Esporte e do Lazer**, com apenas 01 tese.

Tendo como autor, o próprio pesquisador líder, Anderson da Cunha Baia, a tese intitulada, “*Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e físico (1890-1929)*”, defendida no ano de 2012, no programa de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, sob orientação de Andrea Moreno. O trabalho, investiga o projeto de formação das Associações Cristãs de Moços (ACMs) no Brasil, a partir do investimento institucional na formação física, intelectual e moral-religiosa do associado. O trato sobre o esporte, é feito a partir da ideia de que o as ACMs (Associações Cristãs de Moços), fizeram parte da constituição de um *ethos* esportivo, essa discussão se fez em interlocução com os seguintes autores: **Ricardo Lucena, Omar Schneider, Meily Assbú Linhales, Nicolau Sevcenko e Victor Andrade Melo.**

O grupo seguinte denominado **Esporte e Cultura**, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, na área de Comunicação, criado em 1998 (mais longo de nossa busca), tem como pesquisadores líderes Ronaldo George Helal e Hugo Rodolfo Lovisolo, com a linha de pesquisa: **Manifestações Culturais do Esporte Moderno**, com 07 teses encontradas no levantamento.

A **primeira** tese, tem como autor Antonio Jorge Goncalves Soares, intitulada: “*Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*”, defendida no ano de 1998, no programa de Educação Física da Universidade Gama Filho, sob orientação de Hugo Rodolfo Lovisolo. Tal trabalho, nas palavras de seu autor, busca analisar criticamente o Mito da Fundação do Futebol no Brasil, procurando demonstrar como as categorias freyreanas estão presentes no texto de Mário Filho. A edição de 1947 não só se nutriu do pensamento freyreano, como também aderiu a um “freyrismo popular” ao postular, antecipadamente, que no futebol “não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo”. Como se vê, o núcleo teórico conceitual da tese é a **Sociologia do Futebol** (Mario Filho, Gilberto Freyre), associando na tematização do esporte o diálogo **Elias e Dunning**.

A **segunda** tese, com autoria de Camila Augusta Alves Pereira intitulada: “*#NãoVaiTerCopa: identidade, jovem e manifestações no Rio de Janeiro em 2013 e 2014*”, defendida no ano de 2018, no programa de Comunicação Social da

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, sob orientação de Ronaldo Helal. Busca refletir sobre uma possível confirmação do futebol enquanto elemento simbólico construtor da identidade no Brasil durante a Copa das Confederações, em 2013, e a Copa do Mundo de 2014. Na letra da autora, o objetivo é analisar se, e como as narrativas midiáticas do impresso e o discurso do jovem nas redes sociais operaram, ou não, a identificação e envolvimento do brasileiro com o esporte durante o evento. A discussão teórica, acontece pelos clássicos da **Sociologia do Futebol**: Roberto DaMatta, Gilberto Freyre e Mario Filho.

A tese seguinte, a **terceira** deste grupo, tem como autor Edison Luis Gastaldo, intitulada: “*A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo*”, defendida no ano de 2000, no programa de Comunicação Social da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Etienne Ghislain Samain. Segundo o autor, o trabalho consiste em uma análise antropológica das representações culturais referentes ao "ser brasileiro" nos anúncios publicitários veiculados no Brasil durante o período da Copa do mundo de 1998. Na discussão sobre o esporte, se vale da obra de **Bourdieu**, na categorização do campo esportivo, assim como, na crítica que impetra à Pierre de Coubertin e sua concepção aristocrática da gênese do esporte.

A **quarta** tese, com autoria de Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro intitulada: “*Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte*”, defendida no ano de 2019, no programa de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, sob orientação de Ronaldo Helal. Em sua própria letra, o autor buscou identificar qual o “mundo projetado” pelos jornais nacionais sobre os técnicos da seleção brasileira nas primeiras nove Copas do Mundo de futebol (1930 a 1970), utilizando reportagens jornalísticas para tanto. No que diz respeito, ao debate sobre o esporte, o autor se utiliza de **Bourdieu** na discussão sobre campos e habitus; **Elias** e **Dunning** ao situar o esporte moderno. Além de **Roberto DaMatta**, clássico da **Sociologia do Futebol**.

Na **quinta** tese, intitulada “*Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e a representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014*”, temos Francisco Ângelo Brinati como autor, defendida no ano de 2015, no programa de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, sob

orientação de Ronaldo Helal. Segundo o autor, o trabalho, um estudo sobre Comunicação e Esporte, é uma análise dos textos dos jornais impressos O Globo e Folha na cobertura das Copas do Mundo de 1950 e 2014. Busca-se, uma vez que se percebera o vínculo simbólico entre o conceito de nação e o desempenho da Seleção nacional de futebol, entender como foram construídas as representações da equipe e, conseqüentemente, dos seus jogadores e quais amostras que podem identificar a relação de aproximação ou afastamento com os torcedores, nas competições que marcaram as duas principais derrotas da Seleção em cem anos de história. Trabalha com autores da Sociologia do Futebol, como **Roberto DaMatta** e **Gilberto Freyre**.

Passamos agora, para a **sexta** tese, de autoria Leda Maria da Costa, com o título: “*A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo*”, defendida no ano de 2008, no programa de Literatura Comparada da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, sob orientação de Guillermo Francisco Giucci Schmidt. Ao focar a figura do vilão do futebol, este trabalho visa abordar o modo pelo qual as principais derrotas do selecionado brasileiro de futebol foram narradas em contos, crônicas, jornais, em produções cinematográficas etc.. Manejo teórico, se dá pela **Sociologia do Futebol**, e seus principais representantes, Gilberto Freyre, Roberto DaMatta e Mario Filho.

A **sétima** e última tese deste grupo, tem como autor Marco Antonio Santoro Salvador, sob o título de “*A memória da Copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*”. defendida no ano de 2005, no programa de Educação Física da Universidade Gama Filho, sob orientação de Antonio Jorge Gonçalves Soares. Trabalho, que segundo o autor, analisa a memória do futebol brasileiro a partir das narrativas produzidas pela imprensa esportiva, dos seus conceitos, dos processos de esquecimento e da sua função no futebol, enquanto uma das instituições mantenedoras da identidade nacional, já a discussão teórica, acontece pelos clássicos da **Sociologia do Futebol**: Roberto DaMatta, Gilberto Freyre e Mario Filho.

Seguimos agora, para o **Gepecs - Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade**, vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, na área de Sociologia, criado em 2012, tem como pesquisadores líderes

Francisco Xavier Freire Rodrigues e Elias Martins, a partir da linha de pesquisa: **Sociologia do Esporte, Educação Física e Diversidade Cultural**, com apenas 01 tese encontrada no levantamento.

Trata-se do trabalho de um dos pesquisadores líderes do grupo, Francisco Xavier Freire Rodrigues, sob o título: “*O Fim do Passe e a Modernização Conservadora no Futebol Brasileiro (2001-2006)*”, cuja defesa ocorreu em 2007, no programa de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sob orientação de Enno Dagoberto Liedke Filho. Tese, que tem como tema o fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro, segundo o autor, objeto de investigação consiste nos impactos provocados pelo fim do passe no futebol brasileiro no período de 2001 a 2006, buscando apreender as características do processo civilizatório na sociedade brasileira mediante a análise da nova regulamentação das relações entre clubes e jogadores. Emprega os conceitos de campo e habitus de **Pierre Bourdieu**, além da abordagem sobre esporte e civilização **Elias e Dunning**.

O próximo grupo apontado em nosso levantamento, é o **GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física**, da Universidade Federal de Sergipe – UFS, na área de Educação, criado em 2019, tem como pesquisador líder Cristiano Mezzaroba, a partir de sua linha de pesquisa: **Aspectos sociológicos e Educação Física**, encontramos 02 trabalhos.

O **primeiro** trabalho, é de autoria de Cláudia Emília Aguiar Moraes, com o título: “*A Educação do corpo à beira-mar: Esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932)*”, cuja defesa ocorreu em 2019, no programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação de Jaison José Bassani. A tese investiga as relações entre o desenvolvimento esportivo e os processos de urbanização no período de 1857-1932 em Florianópolis. Discute como a presença e a ampliação das práticas esportivas, sobretudo na expressão do remo, participaram da formação de uma estrutura modelar de educação do corpo. No que diz respeito, ao esporte observamos a utilização das obras e conceitos de **Elias e Dunning, Bourdieu**, de maneira mais destacas na compreensão do fenômeno esportivo, e de uma categoria central de sua tese, o esporte moderno.

A **segunda** e última tese deste grupo, tem como autor Fernando Gonçalves Bitencourt, sob o título: “*No Reino do Quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento - uma etnografia ciborgue do mundo vivido no futebol*”, defendida em 2009, no programa de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação de Carmen Sílvia Rial. Este trabalho, segundo o autor, ao postular como problema antropológico contemporâneo a mecanização do corpo e a humanização da máquina, objetivou investigar a relação corpo e máquina, técnica e ciência no centro de treinamento de um clube da primeira divisão do futebol brasileiro, tomando como horizonte de análise o ciborgue e o ser-no-mundo. Logo no início da tese, já delimita a conceituação e gênese do esporte moderno, a partir de **Bourdieu** e **Elias** e **Dunning**.

Passamos, agora ao **Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL**, da Universidade Estadual de Maringá – UEM, na área de Educação Física, criado em 2011, tendo como pesquisador líder Fernando Augusto Starepravo, a partir da linha de pesquisa: **Sociologia do Esporte, Lazer e Atividade Física**, encontramos 02 teses.

A **primeira**, de autoria de Felipe Canan. intitulada “*Compreendendo o direito ao esporte no Brasil - constitucionalização, teleologia e dogmática.*”, defendida em 2018, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM, sob orientação de Fernando Augusto Starepravo. Parte o autor, do pressuposto de que o esporte é previsto constitucionalmente no Brasil como dever do Estado e direito de cada um, mas pairam dúvidas sobre seu significado e formas de exercício e garantia. As incertezas são oriundas de um processo de constitucionalização controvertido, de um texto constitucional ambíguo e das mais diversas interpretações feitas pela literatura, muitas mais passionais do que científicas e/ou reflexivas. Tendo em conta esse cenário objetivou-se identificar o significado teleológico e a abrangência dogmática do direito ao esporte no Brasil. A discussão que se estabelece, em torno do esporte, se dá a partir do diálogo com vários autores **Cazorla Prieto**, **Real Ferrer**, **Valter Bracht**, **José Maria Cagigal**, **Marcos Paulo Stigger**, e **Pierre Bourdieu**.

A **segunda** e derradeira tese deste grupo, tem como autor Jeferson Roberto Rojo, sob o título: “*Migração Esportiva: um olhar para os corredores de rua africanos*”

*no Brasil*”, defendida em 2020, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM, sob orientação de Fernando Augusto Starepravo. Trabalho que parte do questionamento de quais fatores influenciam o processo migratório dos corredores de rua africanos para o Brasil? Frente ao problema exposto, estabeleceu-se como objetivo principal analisar os fatores que influenciam o processo migratório de atletas de corrida de rua africanos para o Brasil. Discussão sobre esporte e globalização a partir de **Joseph Maguire** autor britânico, muito influenciado por Bourdieu; Elias; Max Weber; e Teoria Crítica do Esporte.

Na sequência, abordaremos as teses do **Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física** da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, na área de Sociologia, criado em 2021, tendo como pesquisador líder Thiago Farias da Fonseca Pimenta, a partir da linha de pesquisa: **Sociedade e Desporto**, encontramos 02 teses.

Começamos, com a **primeira** tese, de autoria Felipe Eduardo Ferreira Marta sob o título: *“A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo”*, defendida em 2009, no programa da História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, com orientação de Estefânia Knotz Canguçu Fraga. Parte o autor, das seguintes indagações: na atualidade as artes marciais orientais são um elemento constitutivo da cultura corporal da cidade de São Paulo. Sua prática encontra-se disponível enquanto possibilidade de experiência. Em outras palavras, qualquer pessoa que deseje pode facilmente ter acesso a essas práticas corporais originadas nos países do extremo oriente. Mas como isso foi possível? Como um elemento de uma cultura tão diferente em relação a que existia em São Paulo pôde se estabelecer? O desenvolvimento da tese, se dá a partir da busca por elucidação a esses questionamentos. Tendo como categoria central para o trabalho, a esportivização, recorre o autor para os estudos realizados por **Elias e Dunning**, e **Bourdieu**.

A **segunda** tese, com autoria de Thiago Farias da Fonseca Pimenta, intitulada: *“O técnico de artes marciais no Brasil: entre o? sagrado? e os? segredos? para o estabelecimento de uma profissão”*, defendida no ano de 2016, no programa de Ciências da Motricidade, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, sob

orientação de Alexandre Janotta Drigo. Trabalho, que teve como objetivo geral evidenciar o processo de formação e as inter-relações estruturais que constituem um espaço social profissional do cargo de técnico de L/AM no Brasil e como objetivos específicos, demonstrar como se institucionaliza a profissão de técnico L/AM no Brasil, elucidar como se constitui o processo de formação profissional dos técnicos de L/AM no Brasil e esclarecer quais as estratégias dos técnicos de L/AM para a sua manutenção em um campo profissional. A utilização da teoria de **Bourdieu** é estruturante para esse trabalho, mas, o autor também estabelece diálogo, com **Elias** e **Dunning, Brohm** e **Guttman**.

O **Grupo de Pesquisa em Ciências do Esporte - GPCE**, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, na área de Educação Física, criado em 2010 e tendo como pesquisadores líderes Márcio José Kerkoski e Gilmar Francisco Afonso, a partir da linha de pesquisa: **Esporte e Sociologia**, aparece com 01 tese em nosso levantamento.

O autor da tese é um dos líderes do grupo, Gilmar Francisco Afonso, que tem por título “*A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983 - 2008)*”, defendida no ano de 2011, no programa de Sociologia, da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob orientação de Wanderley Marchi Junior. Traça, o autor como objetivo analisar o processo de institucionalização do voleibol de praia; descrever a história do voleibol e do voleibol de praia; e analisar as relações estabelecidas entre os agentes e instituições que fazem parte deste campo de concorrências. Elege ainda, como referencial teórico metodológico de análise, a **Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu** o instrumental capaz de explicitar as relações que se estabelecem no contexto socioeconômico contemporâneo, aplicando-o na leitura e interpretação do desenvolvimento do voleibol de praia.

Seguindo nossa empreita, trataremos agora das teses encontradas no **Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores – GPROC**, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, na área de Educação, criado em 2008 e tendo como pesquisadores líderes Tony Honorato e Ademir Gebara, a partir da linha de pesquisa: **Saúde, Esporte e Lazer**, aparece com 05 tese em nosso levantamento.

A **primeira** tese, tem como autor Deoclecio Rocco Gruppi, intitulada: “*Jogo dos Povos Indígenas: trajetória e interlocuções*”, defendida no ano de 2013, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Maria Beatriz da Rocha Ferreira. O objetivo desta pesquisa, segundo o autor, é o estudo das figurações e relações de poder imbricadas nos Jogos dos Povos Indígenas (JPIs). E os objetivos específicos da pesquisa são: Identificar e analisar as instituições que constituem os Jogos dos Povos Indígenas; registrar a história de vida dos organizadores: Carlos Justino Terena e Mariano Marcos Terena, idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas; relacionar a influência dos Jogos Escolares Brasileiros na história de vida dos idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas; compreender as relações entre os idealizadores dos JPIs e o Ministério do Esporte; analisar as práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas no viés das teorias de **Norbert Elias**, e **Pierre Parlebás**. Portanto, a discussão teórica sobre o esporte, se desenvolve a partir, de **Elias** e **Dunning e Parlebás**.

A segunda **tese**, de autoria de Gláucio Campos Gomes de Matos, intitulada “*Práticas Socio-Culturais, Figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucú e Canela Fina - comunidades amazônicas.*”, defendida no ano de 2008, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Maria Beatriz da Rocha Ferreira. Trabalho que estuda a figuração, poder, diferenciação e redes de interdependência imbricadas às práticas socioculturais do extrativismo animal e vegetal: caça, pesca e produtos da floresta; o cultivo do solo com o plantio da mandioca, a criação de boi e a prática do futebol como espaço de lazer. Compreensão de esporte que é estruturante nesta tese, toda ela pautada em **Elias**, e **Dunning e Elias**.

A tese seguinte, a **terceira** deste grupo com autoria de José Ronaldo Mendonça Fassheber, denominada “*Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da experiência entre os Kaingang.*”, defendida no ano de 2006, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Maria Beatriz da Rocha Ferreira. Esta Tese tem por objetivo compreender a noção de corpo indígena, mais especificamente como os Kaingang constroem de modo específico e tradicional sua noção de força; conceituar o que chamo de Etno-Desporto e reconhecendo a identidade corporal relacionada à

identidade do Desporto; e demonstrar como a mimesis do Futebol, praticado pelos Kaingang ocupa um lugar central tanto nas relações de re-inserção sociais com a sociedade Fóg. Compreensão de esporte que é estruturante nesta tese, toda ela pautada em **Elias**, e **Dunning** e **Elias**.

Passamos agora para a **quarta** tese, que tem por autor Marcelo Weishaupt Proni denominada “*Esporte-espetáculo e futebol-empresa.*”, defendida no ano de 1998, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Ademir Gebara. Trabalho sobre a estruturação e transformação do futebol em esporte-espetáculo conduzido pelas leis mercantis. Proni traça um panorama histórico, destacando a transformação gradual do futebol em um negócio lucrativo. Ele discute a crescente comercialização do esporte, com foco na venda de direitos de transmissão, patrocínios e a intrincada relação entre clubes e empresas. A ideia central da tese gira em torno do conceito de "futebol-empresa", onde os clubes começam a ser vistos e administrados como entidades empresariais, com o objetivo principal de alcançar lucratividade. No trato, da discussão teórica, Proni, desenvolve profícuo diálogo com vários autores, notadamente: **Mandell**, **Bourdieu**, **Guttman**, **Elias**, **Elias** e **Dunning**.

A **quinta** e última tese desse grupo, com autoria de Marina Vinha, denominada “*Corpo-Kadiwéu: jogo e esporte.*”, defendida no ano de 2004, no programa de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação de Maria Beatriz da Rocha Ferreira. Tem como objeto de estudo da pesquisa foi o processo de mudança de comportamento, habitus e poder observados no corpo guerreiro Kadiwéu, da aldeia Alves de Barros, em situações de jogos tradicionais e esporte. Os objetivos do estudo foram: a) registrar o estado da arte dos jogos tradicionais Kadiwéu, estudando as relações entre estes e a emergência do esporte e b) contribuir na elaboração de ações coparticipantes, relacionando cultura corporal e esporte. Quanto ao manejo teórico a sociologia de **Elias** é estruturante na tese, ademais farta utilização de **Elias** e **Dunning**.

Já o **Laboratório de Sociologia do Esporte – LASEPE**, da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na área de Educação Física, criado em 2000 e tendo como pesquisadores líderes Edilson Fernandes de Souza e Henrique Gerson

Kohl, a partir da linha de pesquisa: **Representações Sócio-históricas do Esporte**, aparece com 01 tese em nosso levantamento.

Trata-se do trabalho de doutorado de Marcos André Nunes Costa, intitulado “*A educação para e pelo Lazer em escolas evangélicas à luz dos dispositivos de controle das emoções nos anos de 1960-1985.*”, defendida no ano de 2014, no programa de Educação da Universidade Federal do Pernambuco - UFPE, sob orientação de Edilson Fernandes de Souza. De acordo, com o autor se trata de pesquisa, materializada no campo da história da educação, procurou realizar uma leitura da realidade das práticas de lazer no Colégio Americano Batista entre as décadas de 60 e 90 do século XX. Leitura balizada pelo diálogo multireferencial entre diferentes áreas do conhecimento como o lazer e a religião, onde foram estabelecidas relações entre alguns atores da pesquisa que vivenciaram o CAB nesse período histórico e as adesões teóricas aqui firmadas, sempre norteadas pelo viés elisiano. A teoria de Elias, é estruturante na tese; no trato com o esporte, trabalha com as contribuições e categorias de **Elias**, e **Elias** e **Dunning**, sobretudo no livro “Em busca da excitação”.

Passamos agora, ao grupo **Lazer, esporte, mídia e meio ambiente – LEMMA**, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na área de Educação, criado em 2013 e tendo como pesquisadores líderes Luiz Carlos Rocha e Neuber Leite Costa, a partir da linha de pesquisa: **Sociologia do Esporte e Lazer**, aparece com 01 tese em nosso levantamento.

O autor da tese é um dos líderes do grupo, Luiz Carlos Rocha, que tem por título “*Políticas Públicas de Esporte e Lazer na Bahia: um estudo analítico do território litoral norte e agreste baiano.*”, defendida no ano de 2012, no programa de Educação, da Universidade Federal da Bahia - UFBA, sob orientação de Augusto César Leiro. Trata-se de uma pesquisa sobre as políticas públicas de esporte e lazer no estado da Bahia. O estudo buscou pela lente da educação compreender como são elaboradas e implementadas as políticas públicas de esporte e lazer e tomou o Programa Território de Identidade, notadamente o território 18, intitulado Litoral Norte e Agreste Baiano, como campo empírico e lócus privilegiado de diagnóstico e análise. Utiliza, para conceituar o esporte a elaboração de um autor, que não teoriza

sobre o esporte, mas, sobre as Políticas Públicas de Esporte e Lazer, me refiro a **Lino Castellani Filho**, filiado à **tradição marxista**.

O **Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea**, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, na área de Educação, criado em 2000 e tendo como pesquisadores líderes Alexandre Fernandez Vaz e Fábio Machado Pinto, a partir da linha de pesquisa: **Esporte e Sociedade**, aparece com 02 tese em nosso levantamento.

A **primeira** tese, com autoria de Danielle Torri, tendo como título “*Educação do Corpo: Técnica e Estética no Esporte Paralímpico*”, cuja defesa se deu no ano de 2019, no programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação de Alexandre Vaz. Trabalho que compreende o esporte como índice de nossa sociedade e estrutura modelar que participa de uma pedagogia corporal contemporânea. Esta se define por um intenso controle do corpo conforme expectativas de beleza e rendimento. A partir desse entendimento, ganham especial atenção corpos que não normativos, porque entendidos como deficitários, deficientes e ainda mais afastados do modelo ideal de perfeição. Para a discussão sobre o esporte, estabelece diálogo entre a obra de **Elias e Dunning**, e **Hans Ulrich Gumbrecht**.

A **segunda** tese, tendo como autora Michelle Carreirão Gonçalves, sob o título “*Esporte e Estética: um estudo com jogadoras de rúgbi*”, defendida em 2014, no programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sob orientação de Alexandre Vaz. Estudo que se propõe a debater as relações entre estética e esporte, pensando o fenômeno esportivo como aquele que proporciona elevado prazer e beleza no contemporâneo. A autora, pergunta pelas representações estéticas do esporte, deslocando o olhar dos espectadores para os praticantes, numa tentativa de entender a questão por um ângulo distinto daquele comumente encontrado na literatura. Para a discussão sobre o esporte, utiliza vasto referencial, para tratar sobre a gênese, história, conceito de esporte, estabelecendo diálogo com a “estética esportiva”, entre os autores utilizados: **Elias e Dunning**, **Wolfgang Welsch**, **Günter Gebauer**, **Christoph Wulf**, **Hans Ulrich Gumbrecht** e **José Miguel Wisnik**.

Encaminhamos para o último grupo, **Sociologia do esporte – GESOE**, da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, na área de Educação Física, criado em 2019 e tendo como pesquisadores líderes Flávio Py Mariante Neto e Daniel Giordani Vasques, a partir da linha de pesquisa: **Representações sociais no esporte**, aparece com 01 tese em nosso levantamento.

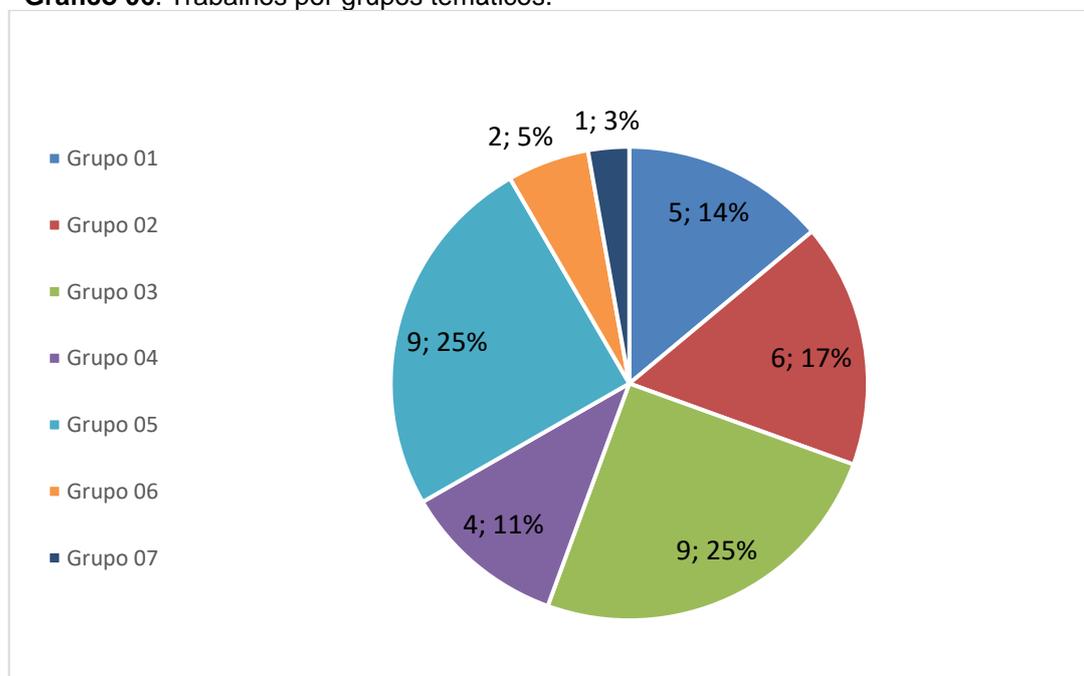
Me refiro a **tese** de um dos pesquisadores líderes, Flávio Py Mariante Neto, com o título “*Jabs, diretos, low kicks e doble lags no processo civilizador: uma leitura elisiana das artes marciais mistas*”, defendida no ano de 2016, no programa de Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, sob orientação de Marco Paulo Stigger. Tem como objetivo esse trabalho, compreender aspectos simbólicos envolvidos no universo das artes marciais mistas. A partir de uma vivência no mundo das lutas, identifiquei alguns discursos sobre violência que permeavam os conceitos sobre o esporte. Assim como, explicita o título do trabalho, o autor se utiliza da teoria do processo civilizador de **Elias**, como elemento central de sua tese, além de se valer da obra de **Elias** em parceria com **Dunning**.

### 3.3 Os Grupos Temáticos.

Somente após sintética apresentação de cada tese, em que, se evidenciam seus principais objetivos, bem como os autores de referência que balizaram a discussão teórica-conceitual sobre o esporte. Fez-se possível análise qualitativa, desenvolvida a partir de análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), reúne procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens voltadas à compreensão crítica das comunicações, de seu conteúdo manifesto ou latente, e das significações explícitas ou ocultas resultou em **sete grupos temáticos**.

Tais grupos, estão assinalados conforme sua ocorrência percentual, como demonstra o Gráfico 06 abaixo, seguida de descrição de suas principais características e propriedades básicas, além das teses que os compõem, organizadas em tabelas:

**Gráfico 06.** Trabalhos por grupos temáticos.



**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

- **Grupo 01:** Contempla trabalhos/teses que utilizam as contribuições de **Pierre Bourdieu** de maneira estruturante e central em seu desenvolvimento, ou seja, adotam sua “Teoria dos Campos” como base conceitual do referencial de análise; além de trabalhos/teses que operam com as categorias<sup>171</sup> do sociólogo francês, como por exemplo: “campo esportivo”, “habitus”, “distinção”, “violência simbólica”, “reprodução”. No Quadro 01, estão dispostas as 05 teses/trabalhos que compõe esse grupo.

**Quadro 01-** Teses que compõe grupo 01.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Bárbara Schaustek de Almeida	Altius, citius, fortius... ditius? Lógicas e estratégias do Comitê Olímpico Internacional, comitê de candidatura e governo brasileiro na candidatura e escolha dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016	2015	UFPR	Wanderley Marchi Junior
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Leticia Godoy	O Sistema Nacional de Esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos	2013	UFPR	Fernando Marinho Mezzadri.
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Renato Francisco Rodrigues Marques	O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu	2010	Unicamp	Gustavo Luis Gutierrez
Esporte e Cultura	Edison Luis Gastaldo	A Nação e o Anúncio - a representação do 'brasileiro' na publicidade da Copa do Mundo	2000	Unicamp	Etienne Ghislain Samain
Grupo de Pesquisa em Ciências do Esporte (GPCE)	Gilmar Francisco Afonso	A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983 - 2008)	2011	UFPR	Wanderley Marchi Junior

**Fonte:** Elaboração Própria.

<sup>171</sup>Utilizando o léxico de Bourdieu, “conceitos gerativos”, “conceitos adjacentes”, “conceitos operacionais”.

- **Grupo 02:** Reúne trabalhos/teses (Quadro 02) que adotam as elaborações de **Norbert Elias** e **Eric Dunning**, como: “processo civilizador”, “sociologia configuracional”, como método de análise, e referencial central da tese; adiciona-se os trabalhos/teses, que empregam suas categorias, tais como: “mimesis”, “individualização”, etc., além da compreensão do fenômeno esportivo como espaço para o “descontrole, controlado das emoções”. O quadro 02, apresenta os 06 trabalhos/teses que compõe esse grupo.

**Quadro 02-** Teses que compõe grupo 02.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Ruth Eugênia Amarante Cidade	Atletas Paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea	2004	Unicamp	Maria Beatriz da Rocha Ferreira.
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores – GPROC	Gláucio Campos Gomes de Matos	Práticas Socio-Culturais, Figuração, poder e diferenciação em Bicoló, Cuiamucú e Canela Fina - comunidades amazônicas.	2008	Unicamp	Maria Beatriz da Rocha Ferreira.
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	José Ronaldo Mendonça Fassheber	Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da experiência entre os Kaingang	2006	Unicamp	Maria Beatriz da Rocha Ferreira.
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Marina Vinha	Corpo-Kadiwéu: jogo e esporte	2004	Unicamp	Maria Beatriz da Rocha Ferreira.
Laboratório de Sociologia do Esporte - LASEPE	Marcos André Nunes Costa	A educação para e pelo Lazer em escolas evangélicas à luz dos dispositivos de controle das emoções nos anos de 1960-1985	2014	UFPE	Edilson Fernandes de Souza
Sociologia do esporte GESOE	Flávio Py Mariante Neto	Jabs, diretos, low kicks e doble lags no processo civilizador: uma leitura elisiana das artes marciais mistas	2016	UFRGS	Marco Paulo Stigger

**Fonte:** Elaboração Própria.

- **Grupo 03:** Diz respeito, aos trabalhos/teses, que efetuam uma combinação, que podemos chamar de análise “**híbrida**”, valendo-se de maneira justaposta, das obras e contribuições de **Bourdieu e Elias e Dunning**. Abaixo, o Quadro 03, reúne as 09 teses/trabalhos desse grupo.

**Quadro 03-** Teses que compõe grupo 03.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	André Mendes Capraro	Identidades Imaginada: futebol e nação na crônica esportiva brasileira	2007	UFPR	Luiz Carlos Ribeiro
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Fernando Marinho Mezzadri	A Estrutura do Esporte Paranaense: da formação dos clubes a atual situação	2000	Unicamp	Ademir Gebara
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Juliano de Souza	O 'esporte das multidões' no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais	2014	UFPR	Wanderley Marchi Junior
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Kátia Bortolotti Marchi	Do Surf ao Tow-in: do processo civilizador à sociedade de risco	2017	UFPR	Fernando Renato Cavichioli
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Wanderley Marchi Júnior	Sacando o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)	2001	Unicamp	Ademir Gebara
Gepecs - Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade	Francisco Xavier Freire Rodrigues	O Fim do Passe e a Modernização Conservadora no Futebol Brasileiro (2001-2006)	2007	UFRGS	Enno Dagoberto Liedke Filho
GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Cláudia Emília Aguiar Moraes	A Educação do corpo à beira-mar: Esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932)	2019	UFSC	Jaison José Bassani
GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Fernando Gonçalves Bitencourt	No Reino do Quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento - uma etnografia ciborgue do mundo vivido no futebol	2009	UFSC	Carmen Silvia Rial
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Felipe Eduardo Ferreira Marta	A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo	2009	PUC - SP	Estefânia Knotz Canguçu Fraga

**Fonte:** Elaboração Própria.

- **Grupo 04:** Congrega, trabalhos/teses que desenvolvem estudos a partir da **Sociologia do Futebol**<sup>172</sup>, notadamente, a partir das obras de Gilberto Freyre<sup>173</sup>, Roberto DaMatta, e Mario Filho, são trabalhos que questionam ou investigam as teses de “como o futebol explica o Brasil”, o “futebol como traço definidor da sociedade brasileira”. Encontramos nesse grupo, 04 trabalhos/teses, como demonstra o Quadro 04.

**Quadro 04-** Teses que compõe grupo 04.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Esporte e Cultura	Camila Augusta Alves Pereira	#NãoVaiTerCopa: identidade, jovem e manifestações no Rio de Janeiro em 2013 e 2014	2018	UERJ	Ronaldo Helal
Esporte e Cultura	Francisco Ângelo Brinati	Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e a representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014	2015	UERJ	Ronaldo Helal
Esporte e Cultura	Leda Maria da Costa	A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo	2008	UERJ	Guillermo Francisco Giucci Schmidt
Esporte e Cultura	Marco Antonio Santoro Salvador	A memória da Copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional.	2005	Gama Filho	Antonio Jorge Gonçalves Soares.

**Fonte:** Elaboração Própria.

<sup>172</sup>Mesmo não sendo, a Sociologia do Futebol objeto de nosso interesse científico-acadêmico neste trabalho. Justifica-se a presença destes trabalhos, uma vez que, os pesquisadores que desenvolveram essas teses/trabalhos estão vinculados a grupos/linhas que têm a Sociologia do Esporte como objeto; estabelecem debate teórico-conceitual sobre o esporte, além de indicarem tendências sobre as publicações da área,

<sup>173</sup> Entre os mais famosos livros destes autores, estão: de Gilberto Freyre: “Casa Grande & Senzala” (1933), “Sobrados e Mucambos” (1936); Mario Filho, “O negro no futebol brasileiro.” (1947); Roberto DaMatta, “Carnaval, malandros e heróis” (1979).

**Grupo 05:** Coligi, trabalhos/teses, nos quais se estabelece a discussão sobre o esporte, a partir do diálogo entre diversos autores e suas respectivas contribuições. Neste grupo, há 09 trabalhos/teses, vide Quadro 05.

**Quadro 05-** Teses que compõe grupo 05.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Ensino, Corpo e Sociedade	Anderson da Cunha Baia	Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e físico (1890-1929)	2012	UFMG	Andrea Moreno
Esporte e Cultura	Antonio Jorge Goncalves Soares	Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial	1998	Gama Filho	Hugo Lovisoló
Esporte e Cultura	Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro	Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do esporte	2019	UERJ	Ronaldo Helal
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPOL/UEM	Felipe Canan	Compreendendo o direito ao esporte no Brasil - constitucionalização, teleologia e dogmática	2018	UEM	Fernando Augusto Starepravo
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Thiago Farias da Fonseca Pimenta	O técnico de artes marciais no Brasil: entre o ?sagrado? e os ?segredos? para o estabelecimento de uma profissão	2016	UNESP	Alexandre Janotta Drigo
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Deoclecio Rocco Gruppi	Jogo dos Povos Indígenas: trajetória e interlocuções	2013	Unicamp	Maria Beatriz da Rocha Ferreira.
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Marcelo Weishaupt Proni	Esporte-espetáculo e futebol-empresa	1998	Unicamp	Ademir Gebara
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea	Danielle Torri	Educação do Corpo: Técnica e Estética no Esporte Paralímpico	2019	UFSC	Alexandre Vaz
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea	Michelle Carreirão Gonçalves	Esporte e Estética: um estudo com jogadoras de rúgbi	2014	UFSC	Alexandre Vaz

**Fonte:** Elaboração Própria.

- **Grupo 06:** Neste grupo, encontramos as duas teses/trabalhos, que se valem do referencial marxista, para a apreensão do fenômeno esportivo; reunidos nesse agrupamento um trabalho, que opera com a obra marxiana, além de autores da tradição marxista. E, um segundo trabalho, que se utiliza da conceituação de Lino Castellani, autor da Educação Física, filiado à tradição marxista, justificando, assim, sua presença nesse espaço.

**Quadro 06-** Teses que compõe grupo 06.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
EduSertão - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer	Nadson Santana Reis	Esboço da crítica da Economia Política do Futebol	2022	UnB	Fernando Mascarenhas
Lazer, esporte, mídia e meio ambiente - LEMMA	Luiz Carlos Rocha	Políticas Públicas de Esporte e Lazer na Bahia: um estudo analítico do território litoral norte e agreste baiano.	2012	UFBA	Augusto Cesar Rios Leiro

**Fonte:** Elaboração Própria.

- **Grupo 07:** Por fim, neste grupo, só há um trabalho/tese, que utiliza de maneira central e estruturante as elaborações do sociólogo do esporte inglês, Joseph Maguire, muito influenciado pelas obras de Bourdieu; Elias; Howard Becker; Max Weber; e pela Teoria Crítica do Esporte.

**Quadro 07-** Teses que compõe grupo 07.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Jeferson Roberto Rojo	Migração Esportiva: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil.	2020	UEM	Fernando Augusto Starepravo

**Fonte:** Elaboração Própria

### 3.4 As referências utilizadas.

Após a apresentação das teses, seguida de sua categorização<sup>174</sup> em grupos a partir do referencial utilizado, permitiu-nos identificar de modo mais nítido, quais são os autores, matrizes-teóricas e referências utilizados para estabelecer o debate teórico-conceitual acerca do esporte no Brasil, assim como, mensurar a presença e influência que exercem, a partir da análise da produção em teses.

Deste modo, o que de imediato chama a atenção, a partir dos dados compilados no Gráfico 06, é a marcante presença de dois pressupostos teóricos-metodológicos: o primeiro de **Pierre Bourdieu**, com sua Sociologia Reflexiva ou Teoria dos Campos; o segundo da Sociologia Configuracional, de **Norbert Elias** e **Eric Dunning**.

Reunidos no **Grupo 01**, estão os trabalhos/teses que utilizam as contribuições de Pierre Bourdieu de maneira estruturante e central em seu desenvolvimento contabilizando **14%** de toda a produção. Já os trabalhos que compõem o **Grupo 02**, que adotam as elaborações de Norbert Elias e Eric Dunning como método de análise e referencial central das teses, somam **17%**. Há, ainda, os trabalhos presentes no **Grupo 03**, que efetuam uma combinação, que podemos denominar de análise "híbrida", valendo-se de maneira justaposta das obras e contribuições de Bourdieu, Elias e Dunning, perfazendo de **25%** do todo. Nesse sentido, se somarmos as teses e os percentuais dos Grupos 01, 02 e 03, chegaremos ao expressivo número de **20 teses** e pouco mais de **55%**. Ou seja, mais da metade de toda a produção em teses que enfrenta o debate teórico-conceitual sobre o esporte advém de apenas dois referências teóricos.

O **Grupo 04**, formado pelas teses que desenvolvem estudos a partir da Sociologia do Futebol, notadamente, a partir das obras de Gilberto Freyre, Roberto DaMatta, e Mario Filho, representa **11%** dos estudos.

Com 09 teses dentre as 36, representando **25%** da produção, encontramos o **Grupo 05**. Este grupo reúne trabalhos/teses nos quais se estabelece a discussão sobre o esporte a partir do diálogo entre diversos autores e suas respectivas

---

<sup>174</sup> Compreensão de categorias, na concepção marxiana: "as categorias exprimem [...] formas de modo de ser, determinações da existência" (MARX, 1974, p. 127).

contribuições sobre o fenômeno esportivo<sup>175</sup>. Trata-se de um número considerável; no entanto, não surpreende, visto que é uma característica muito presente em trabalhos de doutorado: a discussão teórica à luz do diálogo entre autores.

Ademais, outro dado expressivo é a baixíssima presença de trabalhos/teses que se utilizam do referencial marxista para a apreensão do fenômeno esportivo, coligidos no **Grupo 06** com apenas 02 produtos, representam somente **5%** da totalidade.

Um olhar mais atento aos produtos do **Grupo 05**<sup>176</sup> nos permite observar que dos 09 trabalhos que compõem esse grupo, 07 deles (SOARES, 1998; MOSTARO, 2019; PIMENTA, 2016; GRUPPI, 2013; PRONI, 1998; TORRI, 2019; e GONÇALVES, 2014) fazem uso das contribuições de Bourdieu e/ou Elias e Dunning no tratamento do esporte<sup>177</sup>, como veremos a seguir<sup>178</sup>:

- O trabalho de **Soares (1998)**, tem uma seção denominada, *Processo civilizatório, reeuropeização e contemporização*, em que, a partir de Elias e Dunning, como o próprio título denuncia, discute e busca entender o futebol brasileiro.
- A tese de **Mostaro (2019)**, se vale da contribuição de Bourdieu e sua elaboração sobre *Campos e habitus*, além de se utilizar de Norbert Elias ao tratar da gênese do esporte.
- **Pimenta (2019)**, encontra em Bourdieu, os pressupostos teóricos-metodológicos de sua tese, além de dialogar com Jean-Marie Brohm, e Allen Guttman.
- O trabalho de **Gruppi (2013)**, analisa as práticas corporais nos Jogos dos Povos Indígenas, a partir das teorias de Norbert Elias e Pierre Parlebás.

---

<sup>175</sup> Nesse grupo encontramos os seguintes autores de referência: Ricardo Lucena; Omar Schneider; Meily Assbú Linhales; Nicolau Sevcenko; Victor Andrade Melo; Cazorla Prieto; Real Ferrer; Valter Bracht; José Maria Cagigal; Marcos Paulo Stigger; Pierre Bourdieu; Pierre Parlebas; Richard Mandell; Allen Guttman; Hans Ulrich Gumbrecht; Wolfgang Welsch; Günter Gebauer; e Christoph Wulf.

<sup>176</sup> Conforme anexo F.

<sup>177</sup> Não se trata de menção protocolar ou episódica a esses autores e suas obras, mas, sim de contribuições categorias significativas à edificação dos trabalhos/teses.

<sup>178</sup> E, como já presente nas descrições feitas tese a tese.

- Em sua tese **Proni (1998)**, dedica especial atenção, destinando seção própria, a “três autores e suas abordagens do esporte moderno”, são eles: Allen Guttmann, Norbert Elias e Pierre Bourdieu.
- **Torri (2019)**, ao buscar uma conceituação/definição do esporte moderno recorre à presente em “*Em busca da excitação*”, mais conhecido livro de Elias e Dunning.
- Já o trabalho de **Gonçalves (2014)**, pauta a discussão sobre gênese, história e definição de esporte, em Elias e Dunning.

Tencionamos, com isso, demonstrar que a presença de Bourdieu, Elias e Dunning no debate é ainda mais significativa. Essa pequena digressão, fruto de análise atenta e rigorosa das teses, assegura-nos a inclusão dessas 07 teses/trabalhos às 20 que já identificamos (soma dos Grupos 01, 02 e 03). Deste modo, o peso destes dois referenciais teóricos passa a ser maior, compondo **75%** de toda a produção, estando presentes em **27 teses** de um total de 36.

No que diz respeito, aos Grupos e Linhas de pesquisa encontrados após busca no Diretório de Grupos de Pesquisa da Capes (DGP), vinculando a presença de seus pesquisadores à categorização feita partir dos Grupos Temáticos, nos permite inferir que há o que podemos chamar de **homogeneidade teórica endêmica**, por dentro dos grupos e linhas de pesquisa, como demonstra a Tabela 05.

A partir dos dados condensados (Tabela 05), observamos que, dentre os grupos e linhas de pesquisa que possuem mais de um pesquisador presente em nossa busca, há certa homogeneidade, não havendo contradições quanto ao referencial e aos pressupostos teóricos-metodológicos utilizados<sup>179</sup>. Uma vez que, demonstramos a existência de vínculos e similitudes teóricos-metodológicos entre os Grupos 01, 02 e 03, além da massiva presença desses pressupostos e referências no Grupo 05. Exceção feita, somente ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer (GEPPOL/UEM), em que, não há similaridade entre os pressupostos utilizados nas duas teses, que compõe esse grupo.

---

<sup>179</sup> Tendo como referência a categorização feita por Grupos Temáticos.

**Tabela 05:** Grupos de Pesquisa e referencial utilizado.

<b>Grupos e Linhas de Pesquisa</b>	<b>Número Pesquisadores</b>	<b>Grupos Temáticos / (Nº Pesquisadores)</b>
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade.	9	1 (3); 2 (1); 3 (5)
Esporte e Cultura.	7	1 (1); 4 (4); 5 (2)
GEPESECF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física.	2	3
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL	2	5; 7
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física.	2	3; 5
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores – GPROC.	5	2 (3); 5 (2)
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.	2	5

**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

Resultados muito próximos, até mesmo mais homogêneos, são encontrados quando nos detemos na relação, entre as teses por Instituições de Ensino Superior e Grupos temáticos, como demonstrado na Tabela 06. Isso nos permite depreender que aqui, também, se faz presente, a aludida **homogeneidade teórica endêmica**.

Chama a atenção os resultados das IES que reúnem mais teses: **UNICAMP** e **UFPR** com **10** e **06** teses, respectivamente. A despeito do grande número de trabalhos, fica evidente nas teses a homogeneidade de matrizes teóricas, referências e autores, representados pela categorização em grupos temáticos. Nas teses defendidas na UFPR, metade (03) está concentrada no Grupo 01, enquanto outra metade (03) está presente no Grupo 03. Já das 10 teses oriundas da UNICAMP, 08 delas estão distribuídas entre os Grupos 01, 02 e 03, e duas no Grupo

05<sup>180</sup>. Em outras palavras, todas as 16 teses advêm de dois pressupostos teórico-metodológicos: Pierre Bourdieu (Teoria dos Campos / Sociologia Reflexiva), e Norbert Elias e Eric Dunning (Sociologia Configuracional). Aqui, também, temos de assinalar a exceção feita à Universidade Estadual de Maringá (UEM), onde não é possível apontar similaridade entre os pressupostos utilizados nas duas teses oriundas dessa IES<sup>181</sup>.

**Tabela 06:** IES e referencial utilizado.

IES	Número Teses	Número Orientadores	Grupos Temáticos / (Número teses)
Universidade Gama Filho	2	2	4; 5
Universidade Estadual de Maringá - UEM	2	1	5; 7
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ	4	2	4 (3); 5
Universidade Federal do Paraná - UFPR	6	4	1 (3); 3 (3)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	2	2	2; 3
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	4	3	3 (2); 5 (2)
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	10	4	1 (2); 2 (4); 3 (2); 5 (2)

**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

<sup>180</sup>São as teses de Gruppi (2013), e Proni (1998), trabalhos que já foram objeto de análise anteriormente, e que apontam a utilização de Bourdieu/Elias e Dunning.

<sup>181</sup> Não se trata de coincidência, já que o Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer – GEPPOL é vinculado à UEM.

### 3.5 Tendências.

No Brasil, recaí sobre as Instituições de Ensino Superior, o protagonismo na produção, reprodução e difusão do conhecimento; expressão arquetípica dessa produção são as teses de doutorado. Em razão disso, escolhemos as teses como produto privilegiado de análise, com o objetivo de mapearmos o atual estágio de desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, e assim, apreender sob quais matrizes teóricas, referências e autores, se pauta o debate teórico-conceitual sobre o esporte no Brasil.

A análise dos resultados obtidos, possibilitou-nos a construção de um quadro, em que, os contornos, características e **tendências**, do atual estágio de desenvolvimento da Sociologia do Esporte, no que tange ao debate sobre o esporte, se revelam, como veremos a seguir:

- ➔ Constatação de evidente predomínio da produção teórica-conceitual sobre o esporte, da área **Educação Física**, reunindo mais de **50%** de toda a produção;
- ➔ Concentração da produção nas **Regiões Sul e Sudeste**. No que diz respeito, aos grupos e linhas de pesquisa que tematizam a Sociologia do Esporte a região Sul conta com 43% e a região Sudeste com 28% reunindo, assim, **71% de todos os grupos/linhas**. Já, quando nos voltamos aos números de pesquisadores – vinculados a esses grupos e linhas de pesquisa -, a concentração é ainda maior, a região Sul reúne 48% dos pesquisadores, e a região Sudeste 35%, perfazendo impressionantes **83% de todos os pesquisadores**.
- ➔ Inferimos, que fruto da concentração regional da produção, tratada no item anterior, também há a concentração da produção<sup>182</sup> de teses em duas IES: **Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)** com 28% e a **Universidade Federal do Paraná (UFPR)** com 17%, como as maiores responsáveis pela produção das teses de doutorado, que estabelecem o debate teórico-conceitual sobre o esporte, representando **45% do todo**, se

---

<sup>182</sup> A Tabela 03 condensa todas as informações sobre: Quantidade de Teses por Instituições de Ensino Superior (IES).

configurando como polos irradiadores do debate teórico-conceitual sobre o esporte e da Sociologia do Esporte

- Quanto à relação da produção e sua distribuição cronológica, observa-se uma **estabilidade** desde a primeira ocorrência em 1998, até o ano de 2022 limite de nosso recorte temporal, não havendo significativas clivagens.
- Julgamos, como a mais significativa **tendência** encontrada, a constatação de que o debate contemporâneo da Sociologia do Esporte no Brasil, no que diz respeito, a pressupostos teóricos-metodológicos, referências e autores, tem sido orientado pela **Sociologia Configuracional** de **Norbert Elias** em colaboração com seu dileto discípulo **Eric Dunning**, e da **Sociologia Reflexiva** ou **Teoria dos Campos**, de **Pierre Bourdieu**. Estando esses dois referenciais teóricos, presentes em **75% de toda a produção**. Detendo, assim, a hegemonia do debate teórico sobre o esporte e, pautando a agenda e desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil.

### 3.5.1 A árvore

A partir da leitura e análise construída, algumas **tendências** ficam em evidência, como a predominância na produção teórico-conceitual sobre o esporte, como base nos referenciais de Bourdieu e Elias e Dunning; predominância da produção na Educação Física enquanto área do conhecimento; e a predominância na produção das teses das Regiões Sul e Sudeste, sobretudo, em duas IES: UNICAMP e UFPR. Relacionando essas tendências com os dados referentes aos orientadores (consignados na Tabela 04), percebemos que, apesar da jovialidade da institucionalização da Sociologia do Esporte como área do conhecimento no Brasil, já se observa a formação, ainda que, embrionária de uma “**árvore genealógica**” de estudos teóricos sobre o esporte.

A base dessa “árvore”, é o professor e historiador **Ademir Gebara**<sup>183</sup>, como ilustrado na Figura 03, abaixo. Embora ele não possua, em nosso mapeamento, o

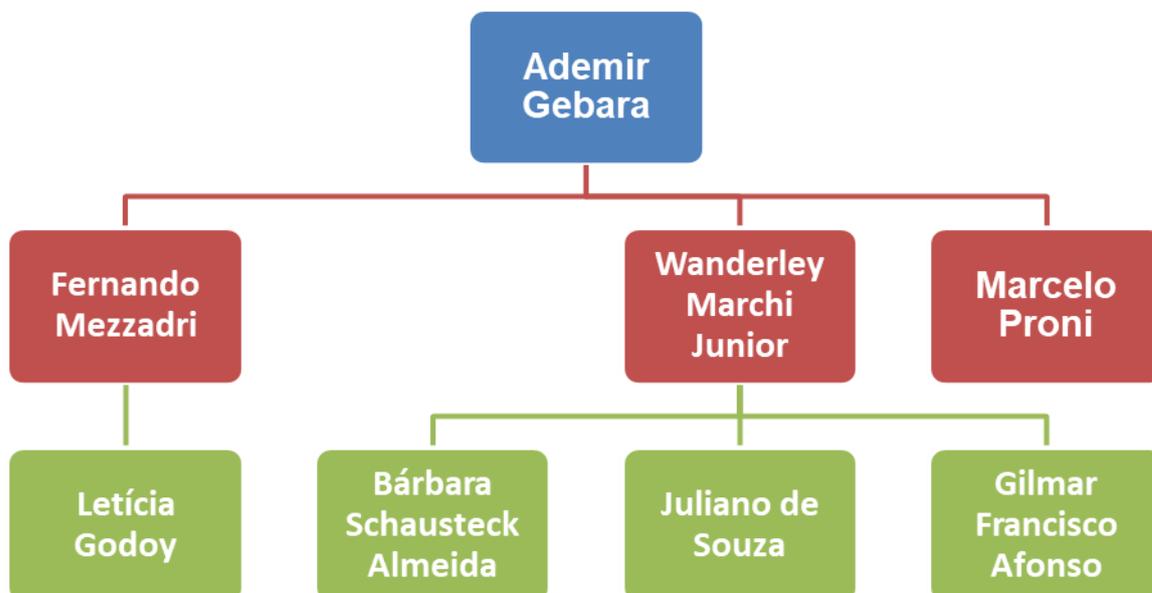
---

<sup>183</sup>Sobre o papel de Gebara, no desenvolvimento da discussão sobre o esporte, principalmente a partir das obras de Elias e Bourdieu, consultar (SOUZA e MARCHI JUNIOR, 2010).

maior número de trabalhos/teses defendidos sob sua orientação<sup>184</sup> (03), as "ramificações" que dele derivam demonstram uma presença significativa no conjunto total das teses (07). Interessante dizer, que a primeira ramificação desta árvore (pesquisadores sob orientação direta de Gebara: Mezzadri (2000), Marchi Junior (2001), e Proni (1998), está vinculada à **Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**; já a segunda ramificação Godoy (2013), Almeida (2015), Souza (2014), e Afonso (2011), está inteiramente vinculada à **Universidade Federal do Paraná (UFPR)**. Imprescindível salientar, que **todos os sete** "frutos" dessa árvore, me refiro aqui às teses, se concentram em dois **Grupos Temáticos 01 e 03**, lembrando que o Grupo 01 são os trabalhos sob influência de Bourdieu, e o Grupo 03, que operam uma análise híbrida de Bourdieu e Elias e Dunning.

Assim, é possível inferir que esta "árvore genealógica do conhecimento", se configura como força motriz para o desenvolvimento da sociologia do esporte sob os auspícios de Bourdieu, Elias e Dunning. Portanto, essa "árvore", se conforma como uma grande contribuição para que essas tendências teóricas se afirmassem e lograssem êxito no Brasil.

**Figura 03:** Árvore Genealógica: Ademir Gebara e "ramificações" de orientandos.



**Fonte:** Dados da Pesquisa. (Elaboração própria).

<sup>184</sup>Dentre os 24 orientadores das teses que encontramos em nossa busca, Ademir Gebara é o único que "lega herança teórica", pois a partir dele, seus orientandos criaram "ramificações na árvore".

Demonstramos, o predomínio e a influência das obras de Pierre Bourdieu, e de Norbert Elias em parceria com Eric Dunning, no desenvolvimento, e no atual estágio do debate da Sociologia do Esporte no Brasil, estando presente em 75% de toda as teses, que se debruçam sobre a discussão e apreensão do fenômeno esportivo.

Dada a presença e importância desses autores no debate teórico-conceitual sobre o esporte, com as páginas que seguem, certamente insuficientes, objetivamos apresentar de modo sintético, essa duas matrizes teóricas, a Sociologia Configuracional de Norbert Elias, dando especial ênfase à sua “obra esportiva” construída em colaboração com seu discípulo Eric Dunning; e a Teoria dos Campos ou Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, que como demonstramos, hegemonizam o debate teórico-conceitual sobre o esporte. Buscaremos, evidenciar os aspectos que consideramos centrais destas elaborações, - dada a inexecuibilidade do exame do conjunto da obra desses autores -, indicando possíveis apontamentos críticos e insuficiências, sobre o debate acerca do fenômeno em tela, o esporte.

### 3.5.2 O processo Civilizador: O Esporte a partir da Abordagem Configuracional de Norbert Elias e Eric Dunning.

A difusão e circulação no Brasil, da obra do sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990)<sup>185</sup>, é relativamente recente, remonta ao início da década de 1990, com a publicação do primeiro volume de sua mais importante obra **O Processo Civilizador**<sup>186</sup>, pela Editora Jorge Zahar. No que tange, à sua “obra esportiva”, temos a publicação no ano de 1992<sup>187</sup>, de *A Busca da Excitação*, pela Editora Difel de Portugal, esta em colaboração com seu dileto discípulo, o inglês Eric Dunning (1936-2019), coletânea de textos escritos em diferentes momentos, que abordam as temáticas do esporte e lazer; que rapidamente se difundiu entre os estudiosos do esporte no Brasil.

---

<sup>185</sup> Nasceu em Breslau, Alemanha, atualmente Wrocław, na Polônia, e viveu todo o período que Hobsbawm em *A Era dos Extremos*, designa como o “breve século XX 1914-1991”.

<sup>186</sup> Publicada originalmente em 1939.

<sup>187</sup> Teve sua primeira edição em língua inglesa no ano de 1986

Para estes autores, a constituição da Sociologia do Esporte, enquanto área de especialização é recente, surge somente no último quarto do século XX<sup>188</sup>, “[...] O seu crescimento foi considerável, em especial, nos Estados Unidos, Canadá, e Alemanha Ocidental, desde os primeiros anos da década de 60.” (DUNNING, 1992. p.12). Até então, esporte e lazer eram considerados temáticas de menor importância para a Sociologia, não logrando prestígio nos meios intelectuais por não estarem associados aos “negócios sérios da vida”, deste modo, reclamam o parco engajamento das principais “correntes filosóficas” e seus representantes na teorização sobre o esporte. (DUNNING, 1992).

Compreendem esses autores, que o entendimento do desporto, ajudaria numa melhor compreensão da sociedade em geral. O esporte seria uma prática oriunda da modernidade – na transição do século XVIII para o XIX, surgida no âmbito europeu mais especificamente de origem inglesa, como derivação dos jogos populares e tradicionais, assim como, de rituais marcados por grande violência. A prática esportiva moderna, parametrizada por regulamentos e regras rígidas, que tem por finalidade manter as práticas violentas sob controle, representa um avanço civilizacional. (ELIAS, 1992).

Para ilustrar a compreensão desses autores, segue pequeno excerto, “[...] O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quando imaginário, que o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos.”. (ELIAS, 1992, p.84), proporcionando um **descontrole de emoções agradável e controlado**.

Em sua teoria do processo civilizador, Elias situa a **gênese** do esporte moderno, com o processo civilizador inglês e a formação do Estado Moderno:

Investigações posteriores tornam provável que o processo de formação do Estado, e, em particular, a sujeição da classe guerreira a um controle mais severo, a ‘curialização’ dos nobres nos países continentais, possuía algo de comum com a mudança verificada no código de sensibilidade e de conduta. (ELIAS, 1992, p.41).

---

<sup>188</sup> Como já demonstramos no Capítulo 01 deste trabalho e, como apontam autores como Brohm (1982), Pilz (1999), entre outros.

A partir dessa afirmação (feita na citação acima), Elias, estabelece um paralelo com o desenvolvimento do esporte moderno, afirmando, que de forma idêntica o desporto passou por uma transformação global em seu código de conduta e de sensibilidade. O que nos faz crer, que não houve uma ruptura, para o esporte moderno, mas, sim um longo processo de controle da violência nos códigos de conduta e sensibilidade (como exemplificado pelo autor, no pugilismo, futebol e rugby).

Situando o surgimento dos esportes, dentro do que denomina processo civilizador. Elias, afirma, que o tipo de esporte com maior regulação para controlar, diminuir a violência, foi exportado, da Inglaterra para outros países, entre as modalidades citadas: boxe, corrida a cavalo, tênis, corrida, e outras provas atléticas.

A transição dos passatempos a desportos, a 'desportivização', se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala global, é outro exemplo de um avanço da civilização. (ELIAS, 1992, p.41-42).

Por fim, tratando ainda das análises que circunscrevem ao esporte, a partir dessa perspectiva, as categorias de **mimese** e **catarse** são muito importantes. Elias (1992) julga que, nas sociedades diferenciadas há a repressão das manifestações de sentimentos e do excitamento; e, as atividades de lazer (filmes, danças, pinturas, jogos de cartas, corridas de cavalos, histórias policiais e jogos de futebol), se configuram como um espaço, em que há a autorização do excitamento, ou, em seus próprios termos um descontrole de emoções agradável e controlado, por representarem com fidedignidade situações da vida real, entretanto, sem os seus perigos e riscos. Essa dinamização dos sentimentos, em uma situação imaginária – nas atividades de lazer -, guardando afinidades e semelhanças com situações reais, é o que os autores chamam de expressão mimética<sup>189</sup>.

---

<sup>189</sup> Sobre a expressão mimética, segundo Elias: "Um dos principais traços fisionômicos das sociedades altamente diferenciadas e abastadas do nosso tempo é o fato de apresentarem uma variedade de atividades de lazer superior a qualquer outra sociedade que se possa imaginar. Muitas dessas ocupações de lazer, entre as quais o desporto nas suas formas de prática ou de espetáculo, são então consideradas como meios de produzir um descontrole de emoções agradável e controlado. Com frequência, elas oferecem (embora nem sempre) tensões miméticas agradáveis, que conduzem a uma excitação crescente e a um clímax de sentimentos de êxtase, com a ajuda dos quais a tensão pode ser resolvida com facilidade, como no caso de a sua equipe vencer uma prova desportiva. Nesta linha, as tensões miméticas das atividades de lazer e a excitação com elas relacionada, isenta

Trata-se de uma perspectiva teórica, com significativa influência na sociologia contemporânea, com vasta obra, que atribui ao esporte, significativa influência na sua teoria do processo civilizador, na síntese de Ricardo Lucena “[...] na busca de entender como e quando a prática do esporte se apresenta como uma questão relevante para o entendimento das relações sociais de hoje no mundo e, em particular, no Brasil.”. (LUCENA, 2002, p.113).

### 3.6 Ausências.

No início deste capítulo, chamamos à atenção ao esforço pioneiro de Valter Bracht em seu, **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**, na síntese das principais críticas de cunho sócio-filosófico sobre o esporte. Lembrando que o quadro apresentado por Bracht na “[...] exposição destas críticas, bem como de suas bases teóricas.” (BRACHT, 2005, p.10), aponta para cinco críticas ao esporte, advindas de diferentes pressupostos teórico-metodológicos: **i. a Crítica de orientação Frankfurtiana**, que tem como referencial a Escola de Frankfurt, também conhecida como Teoria crítica; no capítulo; **ii. O corpo disciplinado: corpo e poder em Michael Foucault**, crítica ao esporte, a partir dos procedimentos disciplinares do corpo; no capítulo; **iii. Esporte e Reprodução Cultural em Pierre Bourdieu**, tratando o esporte enquanto reprodução cultural como base na teoria sociológica de Bourdieu; **iv. O Marxismo Ortodoxo e a Tese da Reprodução da Força de Trabalho**, análise do esporte enquanto elemento da reprodução da força de trabalho, tese desenvolvida por autores vinculados – ao que denomina – marxismo ortodoxo ou economicista; no capítulo; **v. Esporte e Hegemonia**, a crítica se dá a partir das elaborações do marxista italiano **Antônio Gramsci**.

Neste momento, é interessante resgatar essa sistematização proposta por Bracht, com o intuito de **contrastar** com os resultados empíricos encontrados por nós, pouco mais de 25 anos da primeira publicação de seu livro.

---

de perigo ou de culpa, podem servir como um antídoto das tensões provenientes do stress que, no quadro da repressão global estável e harmoniosa características das sociedades complexas, se verifica entre os indivíduos.”. (ELIAS, 1992, p.73).

Nesse sentido, adotando a mesma lógica que empreendemos na análise dos resultados do mapeamento das teses, no que concerne às **tendências**, das cinco críticas ao esporte apontadas por Bracht, somente a crítica socio-filosófica desenvolvida com base na obra de **Bourdieu**, se desenvolveu no Brasil. (Esporte e Reprodução Cultural). Já a **ausência** mais significativa em *Sociologia Crítica do Esporte*, tendo em vista os resultados por nós encontrados, é a da **Sociologia Configuracional**, de Elias e Dunning.

Do mesmo modo, quando nos remetemos ao primeiro capítulo deste trabalho, ao tratarmos da **recepção** da **Sociologia do Esporte no Brasil**, demarcamos a importância germinal da **Teoria Crítica do Esporte (TCE)**, principalmente da obra de Jean-Marie Brohm, na crítica ao fenômeno esportivo, sendo importante referência no projeto de intenção de ruptura da Educação Física na década de 1980. Todavia, os resultados obtidos em nosso mapeamento, indicam que a Teoria Crítica do Esporte (TCE), **não se desenvolveu no país**, dispondo atualmente de incidência muito restrita e limitada na produção sociológica sobre o esporte, sendo uma **ausência**, muito relevante no desenvolvimento da Sociologia do Esporte após a década de 1990, marcada pela infirmação do projeto de intenção de ruptura da Educação Física.

A **ausência** da Teoria Crítica do Esporte (TCE), como sustentáculo teórico para o desenvolvimento de trabalhos/teses que abordam o fenômeno esportivo, representa, por consequência, o abandono da obra de Brohm, portanto, o abandono daquilo que mais significativo produziu o campo crítico, de inspiração marxista nesse debate; mesmo com as limitações e ressalvas que são pertinentes.

#### 4. Considerações Finais

“Não basta que o pensamento procure se realizar; a realidade deve compelir a si mesma em direção ao pensamento”.

Karl Marx (2015, p.158)

Se há uma unidade, um "fio condutor" que perpassa todos os momentos deste trabalho, ela diz respeito à preocupação aludida na epígrafe de nossa introdução, que aqui oportunamente recuperamos: "*trata-se **apenas** de encontrar, para determinações singulares concretas, as determinações abstratas correspondentes*" (MARX, 2015, p.32). Quando ressaltamos o termo "**apenas**", evidenciamos a enorme tarefa enfrentada ao objetivar apreender as determinações singulares concretas dos complexos que tratamos nesse percurso, buscando compatibilizar lógica e história.

A despeito das lacunas, que sabemos ter deixado abertas, além de nossas inúmeras limitações, procuramos dar assento histórico-concreto aos diversos problemas e temáticas que abordamos, ao evocar a contextualidade complexa em que se inserem, tornando-as cognoscíveis. Como, nos esforços envidados na construção da **primeira parte** desta tese, circundando de determinações nossos objetos: a gênese do esporte moderno; o esporte moderno; o esporte contemporâneo; a gênese e desenvolvimento da Sociologia e da Sociologia do Esporte; a recepção e desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil, tendo como ponto inflexão, a década de 1980 e o movimento renovador progressista da Educação Física.

Na **segunda parte**, imbuídos da mesma preocupação, buscamos dar materialidade empírica ao atual estágio da produção teórico-conceitual sobre o esporte, a fim de apreender os principais contornos da Sociologia do Esporte no Brasil em seu desenvolvimento pós anos 1980. A partir de um mapeamento da produção consignada em teses de doutorado, que se deu em três fases: na **primeira fase**, localizando os grupos e linhas de pesquisa vinculados ao Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), que tematizam a Sociologia do Esporte, e o recenseamento dos pesquisadores vinculados a esses grupos/linhas; a **segunda**

**fase** do nosso mapeamento, consistiu em localizar as teses de doutorado dos pesquisadores. Para isso, recorreremos às seguintes bases de dados: os repositórios institucionais das Instituições de Ensino Superior (IES), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT); e por fim, a **terceira fase** de nosso mapeamento, essa de natureza qualitativa; após leitura atenta e rigorosa do material, objetivando identificar quem são os autores de referência, e sobre quais matrizes teórico-metodológicos se assentam as teses que estabelecem debate teórico-conceitual sobre o esporte.

Tendo chegado ao final do caminho percorrido, concluímos que há elementos suficientes de análise, que sustentam os resultados que agora apresentamos:

- ✓ No Brasil, vinculados ao Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), há **21** (vinte e um) grupos de pesquisa que têm a Sociologia do Esporte como objeto em pelo menos uma de suas linhas de pesquisa, além de encontrarmos **105** (cento e cinco) pesquisadores vinculados a esses grupos/linhas.
- ✓ Nosso mapeamento evidencia uma **tendência**, a de que os Grupos de Pesquisa certificados no DGP, que tematizam ou então que possuam linhas de pesquisa sobre Sociologia do Esporte (21 no total), estão presentes em apenas 04 áreas do conhecimento, **concentradas na Educação Física** com 11, perfazendo **52%** dos grupos/linhas (Gráfico 01). Essa concentração se repete quando olhamos à distribuição dos pesquisadores por área do conhecimento, **47%** dos pesquisadores estão na **Educação Física**, como demonstra o Gráfico 02.
- ✓ Outra **tendência**, diz respeito à concentração da produção nas **Regiões Sul e Sudeste**. No que diz respeito, aos grupos e linhas de pesquisa que tematizam a Sociologia do Esporte a região Sul conta com 43% e a região Sudeste com 28% reunindo, assim, **71% de todos os grupos/linhas**. Já, quando nos voltamos aos números de pesquisadores – vinculados a esses grupos e linhas de pesquisa -, a concentração é ainda maior, a região Sul reúne 48% dos

pesquisadores, e a região Sudeste 35%, perfazendo impressionantes **83% de todos os pesquisadores.**

- ✓ No que se refere às Instituições de Ensino superior, os resultados obtidos, permitem identificar a **Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)** com **28%** e a **Universidade Federal do Paraná (UFPR)** com **17%**, como as maiores responsáveis pela produção das teses de doutorado, que estabelecem o debate teórico-conceitual sobre o esporte, representando **45% do todo**, se configurando como polos irradiadores do debate teórico-conceitual sobre o esporte e da Sociologia do Esporte. Chama a atenção o papel protagônico das **IES públicas**, na indução e produção do conhecimento, sendo responsáveis por **92%** das teses; Das 13 IES mapeadas, apenas duas são de origem privada: Universidade Gama Filho com 5% trabalhos, e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com 3% dos trabalhos (tabela 03).
- ✓ O resultado obtido que julgamos, como a mais significativa **tendência** encontrada, parte da constatação de que o debate contemporâneo da Sociologia do Esporte no Brasil, no que diz respeito, a pressupostos teóricos-metodológicos, referências e autores, tem sido orientado pela **Sociologia Configuracional** de **Norbert Elias** em colaboração com seu dileto discípulo **Eric Dunning**, e da **Sociologia Reflexiva** ou **Teoria dos Campos**, de **Pierre Bourdieu**. Estando esses dois referenciais teóricos, presentes em **75% de toda a produção**. Detendo, assim, a **hegemonia do debate teórico sobre o esporte** e, pautando a agenda e desenvolvimento da Sociologia do Esporte no Brasil.
- ✓ Já em outro polo, a mais significativa **ausência**, sobretudo quando nos remetemos ao primeiro capítulo deste trabalho, ao tratarmos da **recepção da Sociologia do Esporte no Brasil**, demarcamos a importância germinal da **Teoria Crítica do Esporte (TCE)**, principalmente da obra de Jean-Marie Brohm, na crítica ao fenômeno esportivo, sendo importante referência no projeto de intenção de

ruptura da Educação Física na década de 1980. Todavia, os resultados obtidos em nosso mapeamento, indicam que a Teoria Crítica do Esporte (TCE), **não se desenvolveu no país**, dispondo atualmente de incidência muito restrita e limitada na produção sociológica sobre o esporte, não se fazendo presente em nosso mapeamento, sendo uma **ausência**, muito relevante no desenvolvimento da Sociologia do Esporte após a década de 1990, marcada pela infirmação do projeto de intenção de ruptura da Educação Física.

- ✓ A **ausência** da Teoria Crítica do Esporte (TCE), como sustentáculo teórico para o desenvolvimento de trabalhos/teses que abordam o fenômeno esportivo, representa, por consequência, o abandono da obra de Brohm, portanto, a renúncia àquilo que mais significativo produziu o campo crítico, de inspiração marxista nesse debate; mesmo com as limitações e ressalvas que lhe são pertinentes.

A apresentação desses resultados permiti-nos algumas inferências. O debate que estabelecemos no primeiro capítulo dá acento ao cenário restritivo à Marx e ao marxismo, pela ascensão do debate pós-moderno nas Ciências Sociais e pela conjuntura regressiva que inaugura os anos 1990. Na Sociologia do Esporte<sup>192</sup>, precipuamente o debate teórico-conceitual sobre o esporte, **não floresce, nem se consolida** a partir de autores e referências situados no dito **campo pós-moderno**. No entanto, compreendemos que a força da pós-modernidade opera a partir do **ocultamento**, da **negligência** para com a Teoria Crítica, bem como com a obra de Marx e do marxismo, no debate teórico-conceitual sobre o esporte.

Assim como, é importante ressaltar que a circulação das obras de **Norbert Elias/Eric Dunning**, e **Pierre Bourdieu** no Brasil, sobretudo na Educação Física, remonta a década 1990, período em que, pelas razões já aludidas, o projeto de intenção de ruptura da Educação Física perde força e é abandonado. Como sabemos, esses dois referências teóricos são responsáveis por **75%** de toda a produção sobre o esporte, conforme demonstram nossos resultados.

---

<sup>192</sup> No entanto, há estudos que evidenciam a grande influência do debate pós-moderno na Educação Física, como as investigações de Bracht e Almeida (2006), Hungaro e Hungaro (2013).

Deriva, também, dos nossos resultados, o questionamento da compreensão de que a Teoria Crítica logrou hegemonia nas discussões e no debate sobre o esporte; muito se fala, também, da grande presença, e até mesmo de uma suposta "hegemonia marxista". Exemplo dessa compreensão é o texto: "A *'família intelectual marxista e os estudos sociais do esporte no Brasil – recepção, rotinização e implicações epistemológicas'*", no qual os autores Wanderley Marchi Júnior, Vinicius Oliveira e Juliano Souza, objetivam evidenciar a relevância e alcance das teses da mencionada "família" intelectual marxista, que configuram seu núcleo duro, para tratar da produção do conhecimento<sup>193</sup> na Sociologia do Esporte, além de apresentar indícios "[...]" de como o estilo de pensar *marxista* teve sua influência e reverberação no contexto dos estudos sociais do esporte no Brasil". (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.105).

De acordo com os autores, a busca por tais indícios, se dá a partir do que denominam "critérios problematizadores" do conhecimento, fornecendo no transcorrer do texto "pistas" sobre as vantagens de tal abordagem em detrimento de "critérios indicadores" do conhecimento, que acompanham um *enfadonho* mapeamento da literatura<sup>194</sup> - como se vê, abordagem completamente diversa da nossa -, conforme se observa no excerto:

"Não se trata de um mapeamento exaustivo e matemático da literatura, seguido da elaboração de categorias e quadros estatísticos que, ao que se crê, permitiriam apreender e visualizar a "realidade" da produção do saber em determinada área. Em outras palavras, o tipo de abordagem que defendemos para se pensar a produção de conhecimento no campo da Educação Física prescreve uma preocupação exclusiva com os "critérios problematizadores" do conhecimento e não com os "critérios indicadores" do conhecimento.". (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.110-111).

Seguindo a leitura, na busca pelas "pistas" que conformam os "critérios problematizadores", a primeira delas, parte de problemática premissa: o que

---

<sup>193</sup> Cabe aqui, a que tipo de produção do conhecimento se referem: "[...] por um lado, produções intelectuais e científicas e, por outro, incursões literárias e jornalísticas gestadas em contextos históricos-sociais diferentes por autores que talvez não se deram conta ou mesmo não puderam se dar conta de algumas similitudes existentes entre suas leituras, análises e interpretações críticas tecidas sobre o fenômeno em questão.". (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.104).

<sup>194</sup> "Em outras palavras, esse tipo de abordagem, embora possível, não nos interessava, tendo em vista que o objetivo teórico consistia tão somente em apresentar um modelo que sustentasse a tese de que a teoria marxista ao ser estendida para pensar a o universo esportivo, ajudou a construir a própria realidade social por ela supostamente desvelada.". (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.105).

chamam de família intelectual marxista, parece-nos algo bastante heterogêneo, sem critério aparente em sua seleção, reunindo autores do “âmbito da ciência” (Kátia Brandão Cavalcanti, Valter Bracht, Roberto Ramos, Roberto Levine), e “especialistas culturais” (Lima Barreto, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Süssekind de Mendonça); ao citar trecho esparsos<sup>195</sup> desses “especialistas culturais”, “sugerem” que as ideias marxistas são exitosas e vitoriosas, no que denominamos batalha das ideias, como se pode constatar a seguir.

[...] esses dois pareceres – *verificar nota de rodapé 196* - são sugestivos de que ideias associadas ao marxismo estavam potencialmente presentes na **esfera da produção cultural do país como um projeto analítico vencedor**. As razões para isso são múltiplas, porém a mais importante tem a ver com a força da teoria marxista na própria constituição da realidade que se propôs a desvelar.” (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.109, *grifos nossos*).

Continuam a argumentação:

“Ademais, como discutido por Bourdieu, o **marxismo contribuiu de forma ímpar para que viessem a ser consolidadas hegemonicamente a percepção classista, economicista e materialista que os sujeitos teriam de suas experiências sociais constituídas na modernidade**. Nas palavras do autor: ‘Não há dúvida de que, se nós falamos de classe, é essencialmente graças a Marx. [...] se há algo na realidade semelhante à classe, é em grande parte graças a Marx, ou, mais exatamente, ao efeito de teoria exercido pela obra de Marx’ (p. 66). Logo, ao se contribuir para construção de uma realidade que informa e valida a própria teoria, não é de se surpreender que essa teoria ganhe em crédito e plausibilidade para explicar a realidade social e as micro-realidades que a compõem, quer trate-se do futebol, do esporte em geral ou então de outros artefatos e bens culturais.”. (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.109).

Os excertos que extraímos, parecem-nos absolutamente imprecisos, abstratos, por um lado, partem do pressuposto sem nenhuma ancoragem na realidade, nem demonstração empírica concreta, de que o marxismo conforma um projeto analítico vencedor, que consolida **hegemonicamente** a percepção dos sujeitos na modernidade; por outro lado, ao operar a partir de uma lógica mecanicista, como demonstra o excerto: se Marx fala de classes, “**logo**”, conforma a “construção de uma realidade”, ora, como se houvessem várias realidades; ademais,

---

<sup>195</sup> Uma crônica de Lima Barreto, veiculada na Revista *Careta* em 08 de abril de 1922, e um excerto extraído do texto “*Do teatro que é bom...*” de Oswald de Andrade”, de 1943.

a realidade material existe, independentemente da consciência que se tem sobre ela, assim, a existência das classes independente da compreensão ou percepção sobre elas, trata-se um pressuposto ontológico, “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.”. (MARX, 1982, p. 13).

A próxima “pista”, não é menos problemática, sustentam os autores que as ideias e teses defendidas pela “família marxista”, chegam ao senso comum pela propagação midiática:

**“Por sinal, ideias como essas chegam ao senso comum, dentre outras maneiras, por intermédio da ação sistemática da imprensa escrita e televisionada.** Um exemplo disso que estamos dizendo pode ser verificado na entrevista realizada pela **Revista Veja** com o escritor Luis Fernando Veríssimo no dia 7 de junho de 1978, num contexto em que a Copa do Mundo de Futebol da Argentina estava prestes a começa [...] bom humor contido no excerto não é suficiente para obscurecer o fato de que esse tipo de interpretação remete aos efeitos sociais exercidos pela teoria crítica de inspiração marxista sobre a compreensão que várias esferas de produção cultural, nesse caso particular, o campo da literatura na figura de um agente específico, conservam e reproduzem acerca dessa prática esportiva no Brasil.”. (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.109-110).

Parece-nos, no mínimo impreciso, carente de mediações e de elementos da realidade material, que sustentem a afirmação, de que as ideias marxistas chegam ao senso comum, a partir de “ação sistemática” e por intermédio dos meios de comunicação, e imprensa, sobretudo, se valendo de apenas uma entrevista veiculada pela Revista Veja<sup>196</sup> (sic), para defender tal argumentação.

Este artigo, suscita inúmeras discussões entre elas, a débil compreensão e crítica impetrada a Marx e sua Teoria Social, assim como, a determinadas interpretações da obra de Marx, apresentadas em bloco unitário de maneira simplista e reducionista<sup>197</sup>. Há ainda, a construção de uma abstrata generalização, não distinguindo os inúmeros matizes que compõe a tradição marxista. Abordamos esse conjuntos de problemas de maneira pontual e tangencial, pois, fugiria ao nosso propósito estabelecer aqui, essa discussão, queremos dar destaque a seguinte compreensão, presente no artigo, segue abaixo:

---

<sup>196</sup> Veríssimo LF. A monocultura do futebol [entrevista concedida à Revista Veja]. Veja. 1978; 509: 3-6.

<sup>197</sup> Basta ver, que o artigo em questão trata de Marx e da “família” intelectual marxista, sem utilizar ou estabelecer o diálogo, a partir da um texto sequer de Marx, em outras palavras, não há **nenhuma** obra de Marx arrolada no artigo.

[...] o modo com que a teoria crítica não só do esporte, mas de vários outros artefatos culturais e da sociedade como um todo, foi sendo recebida e redimensionada no Brasil e, mais que isso, as maneiras pelas quais essa perspectiva de leitura do fenômeno esportivo ganhou as mentes das pessoas comuns tornando-se assim uma das **interpretações hegemônicas do esporte no país, não só no campo acadêmico como também no imaginário popular, a exemplo do que aconteceu primeiramente na Europa – reduto produtor dessa teoria – e, em seguida, em outras regiões do mundo**. Na esteira desse inventário, é necessário então chamar atenção especial para o fato de que a chamada crítica cultural de esquerda endereçada ao esporte no Brasil foi se constituindo tanto por via das influências teóricas alemãs quanto também das influências teóricas francesas, em um movimento contínuo, com uma ruptura mais ou menos datada que remonta ao contexto de abertura política no Brasil e ao fim da ditadura militar em março de 1985.” (SOUZA, OLIVEIRA e MARCHI JÚNIOR, 2017, p.106, **grifos nossos**).

A compreensão – contida no trecho - de que a “família intelectual marxista”, é uma das “interpretações hegemônicas do esporte no país”, apresenta-se de maneira absolutamente diversa dos resultados que encontramos; em nosso mapeamento, das 36 teses analisadas, apenas **uma**, operava a partir da contribuição da tradição marxista e da Teoria Social marxiana, portanto, no que diz respeito, ao campo acadêmico, essa compreensão não se sustenta.

Retomando, os possíveis desdobramentos de nossos resultados, parece-nos claro, que uma retomada do projeto de intenção de ruptura da Educação Física brasileira, passa necessariamente por **revisitar** a obra esportiva de Jean-Marie Brohm, é evidente o potencial analítico presente na obra de Brohm, particularmente o consignado em *Sociologia Política do Esporte*, ainda não suficientemente e adequadamente explorado e, que reúne as melhores condições objetivas, para se estabelecer um diálogo crítico com a obra de Marx e a boa tradição marxista, objetivando a possibilidade de uma renovação da crítica marxista ao esporte.

Por fim, lamentamos a completa ausência no debate, da apreensão do esporte a partir da leitura de Marx inaugurada pelo filósofo húngaro **György Lukács**, condensada em sua obra “Ontologia do Ser Social”. Julgamos que o trabalho legado pelo “último” Lukács, reúne fecundo arsenal categorial para compreendermos o “ser” do esporte contemporâneo.

De uma maneira ou de outra, Lukács está presente nesta tese, ao nos municiar com “as armas da crítica”; e nos fornecer o sustentáculo teórico e

metodológico de sua construção, seja na crítica à filosofia, mas sobretudo, em sua peculiar e inovadora leitura da Teoria Social marxiana.

## Referências Bibliográficas.

ADORNO, Teodor. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AFONSO, Gilmar Francisco. **A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983 – 2008)**. 210 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná

ALMEIDA, Bárbara Schausteck de. **Altius, citius, fortius... ditius?** Lógicas e estratégias do Comitê Olímpico Internacional, Comitê de Candidatura e Governo brasileiro na candidatura e escolha dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. 2015.

AMADIO, A. **Consolidação da Pós-graduação “stricto sensu” da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo: trajetória acadêmica após 30 anos de produção**. In: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 21, p. 25-36, dez. 2007.

ANDERSON, Perry. Um balanço do neoliberalismo. In: GENTILI, Pablo. **O pós-neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1995.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. São Paulo: Boitempo, 2004.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**, 7ed, São Paulo: Cortez, Autores Associados, 2002.

ANTUNES, Ricardo. **Dimensões da crise e as metamorfoses no mundo do trabalho**. Serviço Social & Sociedade. São Paulo, ano XVII, n. 50, Cortez, p. 78-86, abril 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

ATHAYDE, Pedro et al. **O esporte como direito de cidadania**. Revista Pensar a Prática, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 490-501, abr./jun. 2016.

BAIA, Anderson da Cunha. **Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)** 31/01/2012 214 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEHRING, Elaine Rosseti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política social: fundamentos e história**. São Paulo: Cortez, 2006.

BRACHT, Valter. **A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 1986; 7: 62-68.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. In: Caderno Cedes, ano XIX, nº 48. Agosto/1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 3.ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter, et al. **A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010): parte I**. Movimento, 2011, 17.2: 11-34.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. **Mapeando o pós-moderno e sua absorção no âmbito da educação (física)**. In: BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Emancipação e diferença na educação: uma leitura com Bauman. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 13-34.

BRAZ, Marcelo e NETTO, José Paulo. **Economia política: uma introdução crítica**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2007.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiratzen: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. 2015; 260 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Un Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. Coisas Ditas. 1ª Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BROHM, Jean-Marie. **Sociologia política del deporte**. 1 ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1982.

BROHM, Jean-Marie. **20 teses sobre esporte**. In: BROHM, Jean-Marie et al. Materiales de Sociologia del deporte. 2. ed. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 47-55.

Brohm Jean-Marie. **La Tyrannie Sportive: théorie critique d'un opium du people**. Paris: Beauchesne; 2006.

CANAN, Felipe. **Compreendendo o direito ao esporte no Brasil – constitucionalização, teleologia e dogmática**. 2018. 503 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2018.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física da escola e a Educação Física na escola: a Educação Física como componente curricular**. 3ed, Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 2007.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, 2007.

CARLI, Ranieri. **As raízes históricas da Sociologia de Max Weber**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

CARLI, Ranieri. **Dois lados de uma mesma moeda.**: A dissolução da economia clássica e o nascimento da Sociologia. *Emancipação*, 2009, 9.2: 259-269.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e Educação Física**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. 6 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Coleção Corpo e Motricidade).

CASTELLANI FILHO, Lino. **40 anos de CBCE**: de expressão do “Movimento de Renovação Conservadora” à síntese do “Movimento Renovador (Progressista)” da Educação Física/Ciências do Esporte. In. *Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE*. Ijuí, RS, Editora UNIJUÍ, 2019.

CAVALCANTE, Marcio Eustaquio Lopes. **Os saberes através da prática do Judô em Pernambuco**. (1970-1980) 26/02/2014 167 f. Doutorado em Educação

CAVALCANTI, Katia Brandão. **A função cultural do esporte e suas ambiguidades sociais**. COSTA, LP, 1981.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato. **Abordagens de lazer no Brasil**: um olhar processual. UNIMEP: Piracicaba, 2004 (Tese de Doutorado).

CHIARINI, Tulio, et al. **Diretório dos grupos de pesquisa do CNPq**: Trajetória e contribuições acadêmicas. Texto para Discussão, 2022.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília: CNPq, 1993. 34p.

COHN, Gabriel. **Max Weber: sociologia**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1991

COUTINHO, Carlos Nelson. **Marxismo e Política**: a dualidade de poderes e outros ENSAIOS. São Paulo: Cortez Ed., 1994.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A Ontologia e a Política**. In: ANTUNES, Ricardo e PADILHA, Walquiria. **Lukács**: um galileu no século XX. São Paulo, SP: Boitempo, 1996. p. 16-26.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Democracia: um conceito em disputa**. In: COUTINHO, Carlos Nelson. **Intervenções**: o marxismo na batalha das idéias. São Paulo, SP: Cortez, 2006. Cap. 01, p. 13- 27.

COUTINHO, Carlos Nelson. **O Estruturalismo e a Miséria da Razão**. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Democracia e Socialismo**: Questões de princípio & Contexto brasileiro. São Paulo, SP: Cortez: Autores Associados, 1992. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.51).

COUTINHO, Carlos Nelson. **Pluralismo, dimensões teóricas e políticas**. Cadernos ABESS, São Paulo, n 4, p 5-17, 1991.

COUTO, Berenice Rojas. **O Direito Social e a assistência social na sociedade brasileira**: uma equação possível?, São Paulo: Cortez, 2004.

COTRIM, Ana. **Reflexos da guinada marxista de Georg Lukács na sua teoria do romance**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História 43 (2011).

COSTA. Marcos André Nunes. A educação para e pelo lazer no Colégio Americano Batista: uma análise dos dispositivos de controle das emoções à luz da teoria Elisiana (1960-1990). 291 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Educação, 2014.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papyrus, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DAMASCENO, Luciano Galvão. **30 anos do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**: educação física e a construção de uma hegemonia / Luciano Galvão Damasceno. - Campinas, SP: [s.n], 2011.

DE MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso; GODOY, Letícia. **As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: mapeando tendências de apropriação e de produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2009, 30.2.

DIRETÓRIO DE GRUPOS DE PESQUISA. Disponível em <http://dgp.cnpq.br>. Acesso em 05 maio. 2023.

DUNNING, Eric. Prefácio. *In*: **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, p. 11-37, 1992.

DUNNING, Eric. **Sociology of sport in the balance**: critical reflections on some recent and more enduring trends, Sport in Society, Lancashire, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2004.

DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Sociedade Civil e Democracia**: um debate necessário. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do Pós-Modernismo**. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbet; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

EVANGELISTA, João Emanuel. Elementos para uma Crítica da Cultura Pós-Moderna. **Revista Pedagógica**: UNOCHAPECÓ, Chapecó-SC, ano 10, n. 20, p. 09-32, jan/jun.2008.

EVANGELISTA, João Emanuel. **Crise do Marxismo e o Irracionalismo Pós-Moderno**. São Paulo, SP: Cortez, 1992 (Questões da nossa época, 7).

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. Etno-Desporto Indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang Campinas: PPG/FEF, 2006. PhD Thesis. Tese de Doutorado.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Trad. Júlio Assis Simões. São Paulo: studio Nobel, 1995.

FERREIRA, Ana Letícia Padeski. **O campo acadêmico-científico da sociologia do esporte no Brasil (1980-2010)**: entre a institucionalização, os agentes e a sua produção. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/35877/>. Acesso em: 25 mar.

FERREIRA, Ana Letícia Padeski. **O estado da arte da Sociologia do Esporte no Brasil**: um mapeamento necessário. In: XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2007.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas" estado da arte"**. Educação & sociedade, 2002, 23: 257-272.

FREDERICO, Celso. **Cotidiano e arte em Lukács**. Estudos avançados, 2000, 14: 299-308.

FREDERICO, Celso. **A recepção de Lukács no Brasil**. Herramienta. Revista de debate y crítica marxista, 2004.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

COSTA. Marcos André Nunes. A educação para e pelo lazer no Colégio Americano Batista: uma análise dos dispositivos de controle das emoções à luz da teoria Elisiana (1960-1990). 291 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Educação, 2014.

GASTALDO, Édison. **A nação e o anúncio**: a representação do 'brasileiro'na publicidade da Copa do Mundo. 2000. 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Mídias). Instituto de Artes/Unicamp, Campinas.

GASTALDO, Édison. **Esporte, violência e civilização**: uma entrevista com Eric Dunning. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a09v1430.pdf> Acesso em: 10 jul. 2022.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. **Educação Física Progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1991.

GODOY, Letícia. O sistema nacional de esporte no Brasil: revelações e possíveis delineamentos. **Curitiba: Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado)**, 2013.

GONÇALVES, Michelle Carreirão. **Esporte e Estética**: Um estudo com jogadoras de Rúgbi. 225 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

GRUPPI, Deoclecio Rocco. **Jogos dos Povos Indígenas**: trajetória e interlocuções. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013

GUEDON, Philippe Chaves. **Um panorama sobre a Sociologia do Esporte**: entrevista com Jean-Michel de Waele. *FuLiA/UFMG*, 2021, 6.1: 159-192.

GUTTMANN, Allen. (1978). **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HARVEY, David. **Para Entender O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HIRATA, EDSON. **"Liga Forte, Clubes Fracos?"**: A espetacularização do Basquetebol Masculino brasileiro (2008-2019) ' 13/02/2020 280 f. Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Impérios**: 1875–1914. 20ª ed. - São Paulo, Paz e Terra, 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

HUNGARO, Edson Marcelo. **Modernidade e Totalidade**: em defesa de uma categoria ontológica. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2001.

HUNGARO, Edson Marcelo. **Trabalho, tempo livre e emancipação humana**: os determinantes ontológicos das políticas sociais de lazer. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

HUNGARO, Edson Marcelo. A educação física e a tentativa de —deixar de mentir: o projeto de —intenção de ruptura. In: MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo...e “mente”**: novas contradições e desafios do século XXI. 25.ed. rev. e aum. Campinas: Papirus, 2010.

HUNGARO, Vitor. **Pós-modernidade, Revista Movimento e a produção do conhecimento na educação física** 30/04/2012 148 f. Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO.

HUNGARO, Vitor; HUNGARO, Edson Marcelo. **Incursão da pós-modernidade na educação física brasileira**: estudo de sua veiculação na revista Movimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18, Brasília-DF. Anais... Brasília-DF: CBCE, 2013.

IANNI, O. **A Sociologia e o mundo moderno**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1(1): 7-27, 1.sem. 1989.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil 2018). Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecaatalogo?view=detalhes&id=2101551>

INFRANCA, Antonino. **Realismo e ontologia em Lukács**. [ARQUIVADA] Cadernos de Estudos e Pesquisas do Sertão da Feclesc/Uece, 2014, 2.1: 97-109.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, Editora Ática, 1997.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 7<sup>a</sup>.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.

LESSA, Sergio. **A Ontologia de Lukács**. Maceió: EDUFAL, 1997.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo, Busca Vida, 1987.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Elias: individualização e mimesis no esporte**. In PRONI, Marcelo Weishaupt e LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**: Estudo sobre a dialética marxista. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, Georg. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem**. In: Revista Temas de Ciências Sociais. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1978.

LUKÁCS, Georg. **Lukács**: sociologia. São Paulo: Ática, 1981 (Grandes Cientistas Sociais, 20).

LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. São Paulo, Boitempo. 2016.

LUKÁCS, György. **Marx e o problema da decadência ideológica**. In: LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

LUKÁCS, György. **Narrar ou descrever?** (contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo). In: LUKÁCS, György. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968b.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social I**. São Paulo, Boitempo, 2012.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. São Paulo, Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Georg. **A destruição da Razão**. São Paulo, Instituto Lukács, 2020.

LUKÁCS, G. **O romance como epopeia burguesa**. Ensaio Ad hominem/ Estudos e edições Ad hominem, n. 1, tomo 2, p. 87-135, 1999.

KONDER, Leandro. **Os sofrimentos do "homem burguês"**. Senac, 2000.

MAGANE, Georges. **Sociologia do Esporte**. São Paulo. Editora Perspectiva. 1969.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural (Os Economistas), 1982.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. 2010. 286 f. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARQUES, José Carlos. **O futebol ao Rés-do-chão**: a coluna e a crônica em tempos de copa do mundo. 2003. 279 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **A transição do esporte moderno para o esporte contemporâneo**: tendência de mercantilização a partir do final da Guerra Fria. *ENCONTRO DA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ESTÚDIOS SOCIALES DEL DEPORTE*, 2008, 1: 1-8.

MARCHI, KATIA BORTOLOTTI. **Do SURF ao TOW-IN: do processo civilizador à sociedade de risco'** 173 f. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **"Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** 2001.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Diagnóstico da Sociologia do Esporte: para a consolidação de um campo do conhecimento.** In: XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2007.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley; ALMEIDA, Bárbara S.; SOUZA, Juliano. **Introdução à Sociologia do Esporte.** Curitiba: InterSaberes, 2019.

MARINHO, Vitor. **Consenso e conflito: educação física brasileira.** Shape, 2005.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. **A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo.** 2009.

MARTINS, Sergio. **Lazer, urbanização e os limites da cidadania.** In: ISAYAMA, Helder. & LINHALES, Meily. A. (Orgs.) Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2006.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo, SP: Cortez, 1998.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feurbach).** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os pensadores).

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel.** Boitempo Editorial, 2015.

MARX. Karl. **O de 18 Brumário de Luís Bonaparte.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I.** 24.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer.** Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2005 (Tese de Doutorado).

MATIAS, Wagner Barbosa. **A economia política do futebol e o "lugar" do Brasil no mercado-mundo da bola.** 2018. 510 f., il. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MATOS, Glaucio Campos Gomes de. **Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina: comunidades amazônicas.** Campinas, SP:[sn], 2008.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo.** In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, p. 399-422, 2003.

MEDINA, João Paulo Subirá. A educação física cuida do corpo...e “mente”: novas contradições e desafios do século XXI. 25.ed. rev. e aum. Campinas: Papyrus, 2010.

MELO, Vitor Andrade. **Esporte.** In: GOMES, C. L. (Org.). Dicionário Crítico do Lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição.** 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

MEZZADRI, Fernando Marinho. **A Estrutura do Esporte Paranaense: da formação dos clubes a atual situação.** 2000. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Física)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAES, Cláudia Emília Aguiar. **A educação do corpo à beira-mar: esporte e modernidade na ilha de Santa Catarina (1857-1932).** Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 2017.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. **Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa narrativa e o imaginário da elite cultural do futebol.** 2019. 296 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

MOTA, Carlos Guilherme. **História Moderna e Contemporânea.** São Paulo, SP: Moderna, 1986.

NETO, Flavio Py Mariante. **Jabs, Diretos, Low Kicks e Doble Lags, no processo civilizador: Uma leitura elisiana das artes marciais mistas'** 17/10/2016 188 f. Doutorado em CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano XVII, n. 50, Cortez, p. 87-132, abril 1996.

NETTO, José Paulo. **Lukács e a Crítica da Filosofia burguesa.** Lisboa, Seara Nova, 1978.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Método em Marx**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. **Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal**. São Paulo, SP: Cortez, 1993 (Coleção Questões de Nossa Época; v.20).

NETTO, José Paulo. **Transformações societárias e Serviço Social** – notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, ano XVII, n. 50, Cortez, p. 87-132, abril 1996.

NETTO, José Paulo. **Lukács: sociologia**. São Paulo: Ática, 1981 (Grandes Cientistas Sociais, 20).

NETTO, José Paulo. Posfácio. In: COUTINHO, C. N. **Estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo, SP; Expressão Popular, 2010. p. 233-286.

NETTO, José Paulo. **Pequena história da ditadura brasileira** [livro eletrônico]: (1964-1985)-- 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2014.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Anotações Preliminares para uma História Crítica da Sociologia**. Revista Temas de Ciências Humanas, no 3. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

OTSUKA, Edu Teruki. **Lukács, realismo, experiência periférica** (anotações de leitura). Literatura e Sociedade, 2010, 15.13: 36-45.

PEREIRA, Camila Augusta Alves. **#NãoVaiTerCopa: identidade, jovem e manifestações no Rio de Janeiro em 2013 e 2014**. 2018. 379 f. Tese (Doutorando em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2018

PILZ, Gunter. **Sociologia do Esporte na Alemanha**. In. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, SP: v.13, n.23, p.03-15, 1999.

PILATTI, Luiz Alberto. **Guttman e o Tipo Ideal do Esporte Moderno**. PRONI, Marcelo.; LUCENA, Ricardo. (org.) (2003). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

PRONI, Marcelo. **Proposições para o Estudo do Esporte Contemporâneo**. In. ALESDE, Curitiba, PR, v.1, n.1, p.166-182, setembro 2011.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Brohm e a organização capitalista do esporte**. In PRONI, Marcelo Weishaupt e LUCENA, Ricardo de Figueiredo (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

QUARANTA, André Marsiglia; SOUZA, Daniel Minuzzi de; MEZZADRI, Fernando Marinho; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Interseções entre os campos esportivo e científico: a sociologia do esporte como elemento comum (2011-2018)**. Movimento (Porto Alegre), v.27, p.e27078, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/117275>. Acesso em: 10 de junho de 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.117275>

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **As contribuições de Eric Dunning para o desenvolvimento da sociologia do esporte no Brasil: uma introdução à sociologia funcional**. In: DUNNING, E. Sociologia do esporte e processos civilizatórios. São Paulo: Annablume, 2014. p. 7-13

REIS, Nadson Santana. **Esboço da crítica da economia política do futebol**. 2022. 304 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

RIGAUER, Bero. **Marxist theories**. Handbook of sports studies, 2000, 28-47.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 345 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

RODRIGUES, Mavi. **Michel Foucault: um pensador proto pós-moderno**. Tese (Doutorado – Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio De Janeiro) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006.

ROJO, Jeferson Roberto. **Migração esportiva: um olhar para os corredores de rua africanos no Brasil**. 2020. 269f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

ROTHER, Edna Terezinha. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta paulista de enfermagem, v. 20, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em: 10 março. 2022.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro. **A memória da copa de 70: Esquecimento e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. 2005. 231 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. Rev. Bras. Fisioter., São Carlos-SP, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>. Acesso em: 08/05/2018.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo, SP: Autores Associados, 1987.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez

editora,2013.

SIGOLI, Mario André.; DE ROSE JR., Dante. **A história do uso político do esporte.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-119, jun. 2004.  
SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial.** 28/02/1998 296 f. Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA  
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE GAMA FILHO, Rio de Janeiro

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

Soares Filho Sidney. **Brasil, a continuidade da política do pão e circo ou é só impressão?** Revista Estudos Jurídicos/UNESP. 2010; 14: 335-358.

SOUZA, Juliano. **O “esporte das multidões” no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais.** 433 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado em Educação Física. Curitiba: UFPR.

SOUZA, Juliano de; OLIVEIRA, Vinicius; MARCHI JUNIOR, Wanderley. **Por uma gênese do Campo da Sociologia do esporte: cenários e perspectivas.** Movimento, vol. 16, núm. 2, abril-junho, 2010, pp. 45-70.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **A “família intelectual” marxista e os estudos sociais do esporte no Brasil – recepção, rotinização e implicações epistemológicas.** R. bras. Ci. e Mov 2018;26(2):103-112.

SOUZA, Juliano de. **A reflexividade metodológica de Pierre Bourdieu como modelo heurístico para leitura do esporte no Brasil: potencialidade e contribuições.** In: MARCHI JÚNIOR, Wanderley (org.). Ensaio em sociologia do esporte. São Paulo: Factash, 2011. p. 29-53.

SOUZA e SILVA, Rosana Valeria. **Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1990.

SOUZA, Ruth Eugênia Amarante Cidade e. **Atletas Paraolímpicas: Figurações e Sociedade Contemporânea** 31/01/2004 200 f. Doutorado em EDUCAÇÃO FÍSICA  
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** Campinas: Autores Associados, 2002.

TORRI, Danielle. **"Educação do corpo: técnica e estética no esporte paralímpico."** (2019). Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. **Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências do

Esporte, v. 28, n. 1, p. 185-200, set. 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 3.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.

VAZ, Alexandre Fernandes. (2007). **Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidade**. Esporte e Sociedade, ano 3, n. 7, nov.2007-fev.2008.

VEBLEN, Thorstein. **A Teoria da Classe Ociosa**: Um estudo econômico das instituições. São Paulo: Ática, 1974. (Os pensadores).

VIEIRA, Jose Jairo. **Paixão nacional e mito social**: a participação do negro no futebol, profissionalização e ascensão social. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro–IUPERJ Doutorado em sociologia, 2001.

VINHA, Marina.; KADIWÉU, **Corpo-Sujeito. jogo e esporte**. 2004. 261fs. 2004. PhD Thesis. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**: o problema. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

## **ANEXOS**

**ANEXO A** – Tabela com as teses em que não há discussão teórico-conceitual sobre o esporte.

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Grupo de Pesquisa em Sociologia do Esporte e Aspectos Socioculturais da Educação Física	Felipe Corrêa Pedro	Unidade Real de Pensamento e Ação": teoria política e trajetória de Mikhail Bakunin	2019	Unicamp	Salvador Antonio Mireles Sandoval.
Grupo de Pesquisa em Sociologia do Esporte e Aspectos Socioculturais da Educação Física	Cynthia Girundi da Silva	Formação interprofissional em saúde em tempos de pandemia: análise do contexto, organização e relações no deslocamento do presencial para o remoto em cursos de graduação	2023	Unifesp	Lúcia da Rocha Uchôa-Figueiredo
Grupo de Pesquisa em Sociologia do Esporte e Aspectos Socioculturais da Educação Física	Marco Bettine	Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas à produção cultural no período nacional-desenvolvimentista à globalização através da	2008	Unicamp	Gustavo Luis Gutierrez
Grupo de Pesquisa em Sociologia do Esporte e Aspectos Socioculturais da Educação Física	Eduardo Mosna Xavier	A relação entre o Esporte e a Ginástica para a prática do "dá a bola e deixa jogar?": o papel do Nacional Desenvolvimentismo brasileiro (1946 a 1964) na crise de identidade da Educação Física escolar	2009	USP	Katiene Nogueira da Silva
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Cristina Carta Cardoso de Medeiros	A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-graduação em Educação no Brasil (1965-2004)	2007	UFPR	Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Vera Luiza Moro	A cultura física na escola normal do Paraná: da Gymnastica aos primeiros jogos e esportes (1882-1930)	2022	UFPR	Marcelo Moraes e Silva
Esporte e Cultura	Alvaro Vicente Pereira do Cabo	Imagens nacionais. Representações do campeonato mundial de 1978 em veículos do Brasil e Argentina	2016	UFRJ	Victor Andrade de Melo

Esporte e Cultura	Cesar Claudio Gordon Jr	Folhas pálidas: a incorporação Xikrin (Mebengokre) do dinheiro e das mercadorias	2003	UFRJ	Eduardo Batalha Viveiros de Castro
Esporte e Cultura	Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha	Os jogos olímpicos na capital da República: narrativas da imprensa e campo esportivo no Rio de Janeiro (1890-1935)	2018	UERJ	Ronaldo Helal
Esporte e Cultura	Hugo Rodolfo Lovisolo	A construção da modernidade: Iluminismo e Romantismo na Ed. Popular.	1987	UFRJ	Otávio Alves Velho
Esporte e Cultura	Tatiane Hilgemberg Figueiredo	Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa	2017	UERJ	Ronaldo Helal
GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Ana Carolina Biscalquini Talamoni	O Laboratório de anatomia sob a perspectiva da descrição densa: interfaces da cultura científica e o Ensino de Ciências	2012	Unesp	Claudio Bertolli Filho
GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Ary José Rocco Júnior	O gol por um clique: uma incursão ao universo da cultura do torcedor de futebol no ciberespaço	2006	PUC - SP	Rogério da Costa Santos
GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Carlo José Napolitano	A judicialização da política no Supremo Tribunal Federal: análise de julgamentos relacionados à reforma do Estado nos anos 90	2008	Unesp	Marcia Teixeira de Souza
GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Claudio Bertolli Filho	História social da tuberculoso e dos tuberculosos.	1993	USP	José Carlos Sebe Bom Meihy
GECEF - Grupo de Estudos em Comunicação sobre Esporte e Futebol	Sandra Regina Turtelli	Estudo da linguagem de um evento esportivo numa abordagem sócio-léxico-computacional	2002	USP	Zilda Maria Zapparoli
GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Angélica Caetano da Silva	Infância e Natureza: uma investigação sobre educação e lazer na cidade de Vitória/ES	2019	UFES	Felipe Quintão de Almeida
GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade,	Cristiano Mezzaroba	A formação e constituição de um subcampo acadêmico: a mídia-educação na Educação	2018	UFSC	Jaison José Bassani

Cultura e Educação Física		Física - configurações, perspectivas e inflexões			
GEPESECF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Daniel Machado da Conceição	Estudante-trabalhador e a socialização profissional: contradições da Lei do Jovem Aprendiz na região da Grande Florianópolis	2021	UFSC	Alexandre Vaz
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Aládia Cristina Rodrigues Medina	Esporte e Lazer na cidade de Nova Lima - MG: Quando quiser, se assim quiser e como quiser?	2019	UFMG	Ana Cláudia Porfírio Couto
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Allana Joyce Soares Gomes Scopel	Desocultando a orientação a partir das epistemologias do sul: uma etnoorientação emergente	2022	UEM	Giuliano Gomes de Assis Pimentel.
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Mauricio de Azevedo Couto	Oferta de Educação Profissional técnica de nível médio e a demanda do mercado de trabalho: O caso do CEFET-MG	2016	PUC - SP	Lucia Maria Machado Bógus
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Poliana Gonzaga Rocha	Carnaval das "mina": resistência feminista no carnaval de Belo Horizonte	2022	UFMG	Christiane Luce Gomes
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Sheylazarth Presciliana Ribeiro	Compreensões do lazer pelos Coordenadores de Núcleo do Programa Segundo Tempo: Mediações implicadas nas capacitações do programa	2017	UFMG	Ana Cláudia Porfírio Couto
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Alisson Bertão Machado	"Não existe pecado ao sul do Equador": o corpo em evidência nas campanhas publicitárias empreendidas pela EMBRATUR no período de 1966 a 2002	2020	UEM	CARLOS HEROLD JUNIOR
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Eduard Angelo Bendrath	A Educação Não-Formal a partir dos Relatórios da UNESCO	2014	UNESP	Alberto Albuquerque Gomes

Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Fernando Augusto Starepravo	Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico	2011	UFPR	Wanderley Marchi Junior
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Ângela Adriane Schmidt Bersch	Resiliência Profissional e a Educação Ambiental: promoção de ambientes de desenvolvimento em instituição de acolhimento	2007	FURG	Maria Angela Mattar Yunes.
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Camila Borges Ribeiro	Professores de Educação Física da rede estadual de São Paulo: o cotidiano escolar, saberes e percepções da prática pedagógica	2016	UNESP	Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Desporto e Educação Física	Luiz Henrique da Silva	A formação em educação física para atuação na saúde	2016	UNESP	Alexandre Janotta Drigo
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Edilson Fernandes de Souza	Entre o fogo e o vento: As práticas de Batuques e o Controle das Emoções	1998	Unicamp	Ademir Gebara
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	José Luís Simões	Escola para as Elites, Cadeia para os Vadios - relatos da imprensa piracicabana (1889-1930)	2005	UNIMEP	Ademir Gebara
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Tony Honorato	Escola Complementar e Normal de Piracicaba: formação, poder e civilidade (1897-1921)	2011	Unesp	Carlos Roberto da Silva Monarcha
Laboratório Aplicado em Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer	Antonio Filipe Pereira Caetano	Entre Drogas e Cachaça: A Política Colonial e as Tensões na América Portuguesa (Capitania do Rio de Janeiro e o Estado do Maranhão e Grão-Pará, 1640-1710)	2008	UFPE	Virginia Maria Almoêdo de Assis
Laboratório Aplicado em Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer	Eriberto José Lessa de Moura	Programa Segundo Tempo no Contexto Alagoano: A ilusão liberal da "inclusão social" através do Esporte	2017	UERJ	Silene de Moraes Freire.

Lazer, esporte, mídia e meio ambiente - LEMMA	Monica Benfica Marinho	A carreira da prostitua militante: um estudo dos papel das práticas institucionais na construção da identidade da prostituta militante da Associação das Prostitutas da Bahia	2007	UFBA	Miriam Cristina Marcilio Rabelo
Lazer, esporte, mídia e meio ambiente - LEMMA	Neuber Leite Costa	Capoeira, Política Cultural e Educação	2013	UFBA	Pedro Rodolpho Jungers Abib
Observatório de Educação Física e Esporte	Temistocles Damasceno Silva	O esporte na agenda governamental do estado da Bahia (1995-2018)	2022	UEM	Fernando Augusto Starepravo
Observatório de Educação Física e Esporte	Junior Vagner Pereira da Silva	Parques esportivos como espaço e lugar de in(ex)clusão de pessoas com deficiência física e visua	2014	UCB	Tania Mara Vieira Sampaio
Observatório de Educação Física e Esporte	Gabriel Carvalho Bungenstab	Dando voz aos estudantes na cidade de Goiânia/GO: investigações sobre a "crise" entre os jovens e o ensino médio.	2016	UFG	Dijaci David de Oliveira.
Observatório de Educação Física e Esporte	Everton de Albuquerque Cavalcanti	Nem tudo que reluz é outro: História de jogadores de futebol.	2017	UFPR	André Mendes Capraro
Sociologia do esporte GESOE	Daniel Giordani Vasques	Como manter o 'jogo limpo'? Associações, harmonizações e hibridez na constituição da antidopagem esportiva	2018	UFRGS	Marco Paulo Stigger

**ANEXO B – Teses defendidas em universidades estrangeira.**

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
EduSertão - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Física, Esporte e Lazer	Ana Gabriela Alves Medeiros	Valores do Olimpismo: um estudo centrado nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018	2021	Universidade do Porto	Rui Manuel Proença Garcia
Esporte e Cultura	Marco Paulo Stigger	Desporto, lazer e estilos de vida: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto	2000	Universidade do Porto	José Pedro Sarmiento de Rebocho Lopes
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Adriana Goncalves Queiroz	Leisure in Occupational Therapy Assistance	2020	Fulbright International Educational Exchange Programs	Lisa Mische Lawson
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	Ana Cláudia Porfírio Couto	Educação Física à luz do Movimento da Escola Cultural	2006	Universidade do Porto	Rui Manuel Proença Garcia
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Maria Beatriz Rocha Ferreira	Crescimento, Performance Física e Características Psicológicas de Crianças Brasileiras de Oito Anos de Nível Sócio-Econômico Baixo,	1987	Universidade do Texas	Robert M. Malina
Laboratório Aplicado em Estudos de Educação Física, Esporte e Lazer	Maria Elizabete de Andrade Silva	Estudo Multidimensional de Adolescentes da Cidade de Maceió	2017	Universidade de Coimbra	António Jose Barata Figueiredo

**ANEXO C – Teses vertidas em outra língua, que não o português**

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Esporte e Cultura	Ronaldo George Helal	The Brazilian Soccer Crisis as a Sociological Problem	1994	New York University	Juan Corradi
Grupo de Estudos de Sociologia, Pedagogia do Esporte e do Lazer	César Teixeira Castilho	Politique Publiques et Coupe du monde de football 2014 au Brésil: des espoirs aux héritages locaux	2017	USP	Dominique Charrier
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Ademir Gebara	The transition from slavery to free labour market in Brazil / Salve legislation and the organization of the labour market.	1984	London School Of Economics And Political Science	Colin Lewis
Laboratório de Estudos Olímpicos e socioculturais dos Esportes (LEOS)	Doiara Silva dos Santos	Avery Brundage, the Pan-American Games, and Entrenchment of the Olympic Movement in Latin America	2015	The University of Western Ontario, Canadá	Robert K. Barney.
Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea	Alexandre Fernandez Vaz	Sport und Sportkritik in Kultur- und Zivilisationsprozess: Analysen nach Adorno und Horkheimer, Elias und DaMatta	2002	Gottfried Wilhelm Leibniz Universität Hannover	Andreas Heinrich Trebels

**ANEXO D – Teses duplicadas, em que, os pesquisadores estão vinculados a um ou mais grupos/linhas de pesquisa**

<b>Grupo de Pesquisa</b>	<b>Autor</b>	<b>Tese</b>	<b>Ano</b>	<b>IES</b>	<b>Orientador</b>
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Juliano de Souza*	O 'esporte das multidões' no Brasil: entre o contexto de ação futebolístico e a negociação mimética dos conflitos sociais	2014	UFPR	Wanderley Marchi Junior
Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade	Wanderley Marchi Júnior	Sacando o Voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)	2001	Unicamp	Ademir Gebara
Ensino, Corpo e Sociedade	Anderson da Cunha Baia	Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e físico (1890-1929)	2012	UFMG	Andrea Moreno
GEPESCEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Sociedade, Cultura e Educação Física	Daniel Machado da Conceição	Estudante-trabalhador e a socialização profissional: contradições da Lei do Jovem Aprendiz na região da Grande Florianópolis	2021	UFSC	Alexandre Vaz
Grupo de Estudos e Pesquisa em Esporte e Sociedade	Edson Hirata	"Liga forte, clubes fracos?": A espetacularização do basquete masculino brasileiro (2008-2019)	2020	UEM	Fernando Augusto Starepravo
Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas de Esporte e Lazer - GEPPOL/UEM	Felipe Canan	Compreendendo o direito ao esporte no Brasil - constitucionalização, teleologia e dogmática	2018	UEM	Fernando Augusto Starepravo
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	Edilson Fernandes de Souza	Entre o fogo e o vento: As práticas de Batuques e o Controle das Emoções	1998	Unicamp	Ademir Gebara
Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores - GPROC	José Luís Simões	Escola para as Elites, Cadeia para os Vadios - relatos da imprensa piracicabana (1889-1930)	2005	UNIMEP	Ademir Gebara

\*O pesquisador Juliano Souza, está vinculado a três grupos de pesquisa distintos.